

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM GERONTOLOGIA**

***LAZER E TERCEIRA IDADE: CONTRIBUTOS DO TURISMO NO
ÂMBITO DO PROGRAMA CLUBE DA MELHOR IDADE***

AUTORA: TEREZINHA DE JESUS CAMPOS

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON

CO-ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. MARGARITA BARRETTO

CAMPINAS, SP

2003

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM GERONTOLOGIA**

***LAZER E TERCEIRA IDADE: CONTRIBUTOS DO TURISMO NO
ÂMBITO DO PROGRAMA CLUBE DA MELHOR IDADE***

AUTORA: TEREZINHA DE JESUS CAMPOS

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON

CO-ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. MARGARITA BARRETTO

Dissertação de Mestrado submetida ao Curso de Pós-Graduação em Gerontologia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Gerontologia.

CAMPINAS, SP

2003

iii

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM GERONTOLOGIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

***LAZER E TERCEIRA IDADE: CONTRIBUTOS DO TURISMO NO
ÂMBITO DO PROGRAMA CLUBE DA MELHOR IDADE***

Autora: TEREZINHA DE JESUS CAMPOS

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. OLGA RODRIGUES DE MORAES ON SIMSON

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. MARGARITA BARRETTO

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Terezinha de Jesus Campos e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 27 de agosto de 2003

Assinatura: _____

COMISSÃO JULGADORA:

2003

v

A meu Deus que cuida de mim noite e dia sem cessar. “Dai graças ao Senhor porque Ele é bom, porque Sua misericórdia é eterna”. (Salmo 107:1).

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Amor, amigo, companheiro. Qualquer tentativa de compor, com palavras, meus sentimentos é ainda pequena para traduzi-los. Shigeaki, obrigada!

AGRADECIMENTOS

Um coração agradecido. É assim que me sinto ao tecer esta parte da dissertação, especialmente, para expressar que, *“Eu te louvarei, Senhor, com todo o meu coração; contarei todas as tuas maravilhas”* (Salmo, 9:1). E dentre tantas maravilhas que tens feito continuamente em minha vida, agradeço,

A bênção pela oportunidade deste Mestrado em Gerontologia.

Às minhas orientadoras, *Prof^a. Dr^a. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson e Prof^a. Dr^a. Margarita Barretto* pela orientação e acompanhamento nesta dissertação. Minha admiração e agradecimento pela oportunidade desse encontro.

À *Prof^a. Dr^a. Anita Liberalesso Neri*, nosso porto seguro durante toda essa jornada. Agradeço por aquele dia em que assisti a sua comunicação durante a 51ª Reunião Anual da SBPC, em Porto Alegre (julho de 1999) e me decidi pela Gerontologia.

A minha *mãe*, por ser e fazer parte de mais esta etapa de minha vida. Todo o meu amor e meu respeito.

As minhas *Adrianas (Alcântara e Batista)*, amigas e irmãs. Nosso encontro foi mais uma dádiva de Cristo. Obrigada também aos seus familiares pelo cuidado estendido a mim.

À *Prof^a. Dr^a. Neusa Maria Mendes de Gusmão* e ao *Prof. Dr. Jaime Lisandro Pacheco* pelas contribuições valiosas que enriqueceram o trabalho.

Aos meus irmãos *Regina, Geraldo e Carla*, pela torcida e apoio de sempre.

Aos queridos *Erasto e Gessy de Lima*, meu carinho e gratidão pela acolhida em sua família, apoio e orações.

Aos *idosos do Clube da Melhor Idade Fios de Prata*, aos quais agradeço de coração por “viajarem” comigo neste trabalho.

Aos queridos *Tia Léo, Jaciro Nascimento e Aristides*, minha gratidão pela amizade com que fui presenteada.

Aos amigos *José Wilson de Farias e Valmir Campelo* que muito contribuíram para a etapa em Campinas, num momento em que tive de deixar o trabalho em Alcântara (MA) para cursar o mestrado.

Ao *Prof. Dr. Carlos Aparecido Fernandes*, o nosso *Carlinhos*, um grande sujeito que São Paulo “exportou” para o Maranhão; minha admiração e gratidão pela força, conselhos e amizade.

Ao *Prof. Dr. Erasmo Campello*, Coordenador do Programa Prata da Casa da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), um bravo na luta pela educação no Maranhão, que com incentivo e amizade acolheu-me como um dos seus.

Às queridas amigas *Valéria Albuquerque e Linda Rodrigues*: sempre posso contar com vocês.

Aos amigos *Maria Regina Teixeira, Walbermark Marques e Hugo Baluz* pela amizade, incentivo e preocupação com o desenrolar do trabalho.

À *Profª. Maria do Socorro Araújo* que desde a época da graduação como coordenadora do Curso de Turismo da UFMA sempre enfatizou a importância de seguir em frente na busca do conhecimento. Obrigada também pelas oportunidades, sobretudo, pelo encontro com a Universidade Integrada da Terceira Idade (UNITI).

À *eterna equipe da UNITI – Socorro, Eliane, Feitosa, Alzira, Ézon, Hortência, Núbia e Lúcia* – da qual, com muita honra, fiz parte de 1996 a 2000 e para a qual retorno agora em 2003. Pessoas muito importantes na minha vida profissional e na aproximação e amor aos idosos.

À *Profª. Mônica Araújo*, Coordenadora do Curso de Turismo do Uniceuma, pela amizade, oportunidades e apoio técnico viabilizado junto à instituição.

Aos *professores* do Mestrado em Gerontologia que compartilharam conosco seus conhecimentos.

Aos *colegas* do Mestrado em Gerontologia da turma de 2000: Valéria, Gisele, Claudiene, Nelma, Maria Cláudia, Marise, Stella, Elisandra, Luciana, Roosevelt e Martinelli. Muito bom ter compartilhado com vocês um tempo tão precioso de conhecimentos e alegrias.

À *Faculdade São Luís*, através de sua Coordenação de Turismo, pelo apoio técnico.

Ao *Núcleo de Energias Alternativas (NEA)* da UFMA pela disponibilização de seu laboratório e equipamento (computadores) sempre que precisei realizar pesquisas na *web* e trabalhar na digitação da dissertação. Obrigada também pela amizade da equipe NEA.

À Subgerência Estadual de Turismo na pessoa de *Sônia Maria Campos*, responsável pela assessoria técnica do PCMI no Maranhão.

Às senhoras *Astemar Conceição e Elizabeth* da Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade-Maranhão pelas informações sobre as atualidades e perspectivas do programa no Estado.

Aos *professores e instituições brasileiras e estrangeiras* que contribuíram enviando seus artigos, livros, indicando bibliografia e doando material. A Internet fez a diferença.

Aos *funcionários* da Unicamp pelo apoio técnico-institucional.

À *CAPES* pelo apoio financeiro através da concessão de bolsa.

Enfim, a todos os que de alguma maneira contribuíram para esta minha caminhada. Deus os abençoe.

Obrigada!

*O envelhecimento é como um processo que “como uma viagem,
não se reduz a uma etapa”, desenvolve-se longo do tempo.*
Jack Messy

SUMÁRIO

	p.
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: TURISMO E TERCEIRA IDADE: APORTES CONCEITUAIS E TEÓRICOS.....	15
1.1 Lazer na Terceira Idade: um debate teórico.....	27
1.2 Turismo como Atividade de Lazer na Terceira Idade.....	38
CAPÍTULO II: TURISMO E TERCEIRA IDADE: O CASO BRASILEIRO.....	45
2.1 Turista de Terceira Idade: diálogo com a Gerontologia.....	54
2.2 Programa Clube da Melhor Idade (PCMI).....	68
2.2.1 PCMI: premissas para a criação	75
2.2.2 O Papel da Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade	78
2.3 O Programa Clube da Melhor Idade em São Luís-Maranhão.....	82
CAPÍTULO III: CLUBE DA MELHOR IDADE FIOS DE PRATA: O PCMI NO MARANHÃO.....	93
CAPÍTULO IV: CONTRIBUTOS DO TURISMO PARA A TERCEIRA IDADE NO ÂMBITO DO PCMI.....	111
CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135
ANEXOS.....	143

CAMPOS, T. de J. (2003). **Lazer e Terceira Idade: contributos do Turismo no âmbito do Programa Clube da Melhor Idade**. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Campinas, SP: Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da UNICAMP.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal verificar em que medida o turismo, enquanto atividade de lazer, contribui para a melhoria da qualidade de vida de adultos idosos, segundo a percepção destes. Trata-se de um estudo exploratório, realizado com participantes do Programa Clubes da Melhor Idade (PCMI), através do Clube da Melhor Idade (CMI) Fios de Prata localizado na cidade de São Luís-MA. Envolveu seis sujeitos (homens e mulheres) com idades variando de 58 a 78 anos, dentre os participantes do clube. A metodologia adotada para esta pesquisa, baseada numa abordagem qualitativa, favoreceu a compreensão da realidade em estudo a partir dos depoimentos dos sujeitos. Na coleta dos dados foram utilizados como instrumentos a entrevista semidirigida e uma ficha de identificação sócio-demográfica. Os dados obtidos foram tratados seguindo-se as etapas de ordenação; leitura repetida dos textos; classificação e organização de núcleos de sentido. Constatou-se que o envolvimento com lazer turístico oferece ganhos relevantes para os sujeitos, considerando as motivações e os benefícios advindos desta participação: alargamento do círculo de amizades, conhecimento de lugares novos, enriquecimento cultural e melhoria da saúde. Entretanto, o usufruto da atividade turística (embora sendo a justificativa maior de criação do PCMI) não é frequente para todos os sujeitos investigados, conseqüência, sobretudo, do condicionamento imposto por recursos financeiros insuficientes. Empréstimo financeiro a familiares e contenção do orçamento doméstico são algumas das estratégias adotadas pelos sujeitos para a garantia da participação nas atividades turísticas, ao que se questiona a proposta e o compromisso do PCMI em “melhorar a qualidade de vida, pelo lazer e pelo turismo, dos maiores de 50 anos”.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento, Terceira Idade, Lazer, Turismo.

ABSTRACT

This work had as main objective to verify in that measured the tourism, while leisure activity, contributes to the improvement of the quality of senior adults' life, according to the perception of these. It is an exploratory study, accomplished with participants of the Programa Clubes da Melhor Idade (PCMI), through the Clube da Melhor Idade Fios de Prata located in São Luís-MA's city. It involved six subjects (men and women) with ages varying from 58 to 78 years, among the participants of the club. The methodology adopted for this research, based on a qualitative approach, it favored the understanding of the reality in study starting from the depositions of the subjects. In the collection of the data were used as instruments the interview semidirigida and a record of partner-demographic identification. The obtained data were treated being followed the ordination stages; repeated reading of the texts; classification and organization of sense nuclei. It was verified that the involvement with tourist leisure offers won important for the subjects, starting from the motivations and benefits of this participation: enlargement of the circle of friendships, knowledge of new places, cultural enrichment and improvement of the health. However, the participation at the tourist activity (although being the larger justification of creation of PCMI) it is not frequent for all the investigated subjects, consequence, above all, of the conditioning imposed by insufficient financial resources. Financial loan to family and contention of the domestic budget, they are some of the strategies adopted by the subjects for the warranty of the participation in the tourist activities, to the that is questioned the proposal and the commitment of PCMI in "improving the life quality, for the leisure and for the tourism, of the largest of 50 years".

KEY WORDS: Aging, Third Age, Leisure, Tourism.

LISTA DE SIGLAS

ABAV	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS AGÊNCIAS DE VIAGEM
ABCM	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CLUBES DA MELHOR IDADE
BRAZTOA	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE OPERADORAS DE TURISMO
CMI	CLUBE DA MELHOR IDADE
EMBRATUR	INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO
FIPE	FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS
MET	MINISTÉRIO DO TURISMO
OMS	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE
OMT	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO
ONU	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
PAI	PROGRAMA DE ATEÇÃO AO IDOSO
PCMI	PROGRAMA CLUBE DA MELHOR IDADE
SESC	SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
UEMA	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
UFMA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
UNITI	UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE

INTRODUÇÃO

*Eu gosto de parar em todas as estações,
Apreciar a marcha, e avaliar o espaço,
E calcular o tempo, e sondar a paisagem,
Desde o princípio ao termo da viagem – passo a passo –
para saber, o que ficou em mim...*
Geraldo Bessa Victor

Da viagem particular à viagem até o outro

“Toda viagem inclui duas partes. Primeiro, a escolha do lugar para onde se vai. Essa escolha, quem faz é o coração. Segundo, o preparo da viagem. Esse preparo quem faz é a razão”. Sob a menção desse pequeno excerto de um texto de Rubem Alves¹, inicia-se, numa construção simbólica e comparativa com uma *viagem*, a parte introdutória desta Dissertação de Mestrado.

Desta forma e ainda sob tal inspiração, registra-se que *“assim fomos viajar”*. *“O coração” escolheu*: se apaixonar, estudar, trabalhar e unir Turismo e Gerontologia. *“A razão fez os preparativos”*: tornar viável o roteiro que foi sendo desenhado no contexto da aproximação destas duas áreas de conhecimento. Um roteiro que, anteriormente, pontuava a idéia de levar a marca do acaso, impulsionada pelo curso dos ventos; porém, hoje, acredita-se, muito mais correspondente às tramas da vida, norteadas por especificidades pessoais, profissionais, desejos e aspirações.

É assim que, rememorando aspectos tão bem guardados no coração, vemo-nos novamente enraizados a uma história de vida com personagens reais, muitas vezes, se não apresentadores, condutores de encontros felizes. Encontros com livros, com leitura, com histórias de pessoas, lugares e culturas. Histórias de viagens... Apresentadas dos avós para a mãe e, destas aos netos; uma mistura de gerações, harmonicamente tocadas por não apenas laços familiares, mas também por preferências comuns. Um gosto por conhecer culturas de outros,

ao mesmo tempo em que sempre se cultuou os saberes e os costumes *das gentes do Maranhão*, gerou como resultado o adentrar no campo do Turismo enquanto área de conhecimento. É, então, a partir desse encontro que se dará um reencontro. No processo de desenvolvimento profissional, a oportunidade de participar de um projeto pioneiro local: a concepção e operacionalização da Universidade Integrada da Terceira Idade² (UNITI) e a inserção da disciplina de Turismo na sua grade curricular.

O reencontro mencionado é novamente um enlace de gerações: falar e discutir Turismo, no âmbito da UNITI e seu público, formado por adultos idosos, significou compartilhar informações sobre o legado histórico e cultural do Maranhão (lendas, ritos, festas, personalidades, arquitetura, religiosidade...). Compartilhar com quem fez e faz parte, viu e vivenciou muito do que estava descrito em nossos planos de aula. Rememorar tempos de família...

No decorrer dos encontros as formalidades foram rompidas e chegou-se às estórias das muitas identidades da Ilha, da cidade de São Luís. Histórias de suas ruas e becos (Rua Cândido Ribeiro? *Não, antes, das Crioulas*; Rua Celso Magalhães? *Também, mas primeiro, dos Veados*; Ruas Formosa, da Inveja... Becos? Da Prensa; da Pacotilha, do Quebra-costas...). Encontros com seus teatros, museus e casas antigas (o que é morar em uma *porta e janela*, ou em uma *meia-morada*, ou *morada inteira*?³). A comunhão, num conte-reconte, das versões das lendas seculares: da matrona *Donana* Jansen e sua carruagem puxada por cavalos e cocheiros decapitados; da grande serpente que circunda a Ilha e que de uma hora para outra pode fazê-la submergir; das galerias subterrâneas que entrecortam o centro histórico da cidade; da corte encantada do Rei português D. Sebastião, que, sob a forma de um touro negro, aparece na praia dos Lençóis. Ultrapassaram-se as cercanias da Ilha (de São Luís) rumo às cidades vizinhas para viagens de curta duração. Ora nativos, ora turistas.

¹ ALVES, R. **A arte de viajar...** Disponível em www.mur.com.br/colunistas/ra Acesso em: 15 julho 2003

² UNITI: Projeto de extensão concebido através da parceria entre as Universidades Federal e Estadual do Maranhão, o Serviço Social do Comércio (SESC-MA) e o Governo do estado do Maranhão. É um projeto que se propõe estar voltado para a realidade maranhense, objetivando o resgate da cidadania da população idosa e promovendo-lhe a inserção na sociedade.

³ Porta e Janela, Meia Morada, Morada Inteira: alguns dos estilos de residências presentes no Centro Histórico de São Luís, ainda comumente identificados nas falas dos ludovicenses (os que nascem em São Luís) quando necessitam caracterizar sua residência (ex.: *Eu moro numa porta e janela*; *Eu moro naquela meia-morada ali*.).

Nos meandros desse itinerário, ao se buscar uma adequação do trabalho desenvolvido junto aos idosos da UNITI, o interesse crescente em obter conhecimentos mais direcionados à compreensão do universo do envelhecimento e da velhice favoreceu a aproximação com a Gerontologia. Então, é fruto dessa busca o questionamento acerca do que era discutido e estudado sobre a relação *turismo e terceira idade*⁴. E é fruto de tal questionamento a investigação deste assunto no contexto da literatura turística e afins, quando foi possível verificar a limitada informação constante nas publicações mais acessíveis, notadamente na literatura nacional. Observou-se que o peso maior das informações tem realçado, sobremaneira, o quanto se expande o turismo para a terceira idade e a projeção de toda uma expectativa de crescimento em torno de mais esse “nicho” do já muito segmentado mercado turístico.

Por estar integrada à área de turismo, mas, com mais consistência, por meio dos alunos da UNITI, tomou-se conhecimento do Programa Clube da Melhor Idade (PCMI) já que vários deles eram também filiados a esse programa. PCMI: conduzido pelo órgão oficial do turismo nacional – Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) – como uma ação da área de turismo, direcionado ao público de mais idade e presente em todos os Estados brasileiros. Sua operacionalização propriamente dita está a cargo da Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade (ABCMI-Nacional) em conjunto com as ABCMI estaduais.

E foi o PCMI tomado como eixo central para a elaboração do projeto de pesquisa apresentado como parte integrante do processo seletivo ao Mestrado em Gerontologia (da Unicamp), submetido à linha de pesquisa *Construção Sócio-Cultural da Velhice*.

Eleger o PCMI como objeto de estudo para a proposta de investigação do Mestrado foi, nas reflexões que formaram a base do projeto de pesquisa, o elo do diálogo entre o Turismo e a Gerontologia, *as escolhas do coração e da razão*. Na realidade, foi somente de maneira gradual e ante a todo um encaminhamento para o ato de pesquisar, investigar orientado no Mestrado em Gerontologia é que se tomou conhecimento das muitas e variadas concretizações, aberturas e possibilidades deste diálogo.

⁴ Expressão utilizada para compor a tipologia *Turismo para Terceira Idade*.

Sob esta perspectiva e no contexto de interseção entre o Turismo e a Gerontologia, esta investigação centrou-se na proposta do PCMI de promover a qualidade de vida pelo lazer e pelo turismo, de indivíduos com mais de 50 anos, a partir da qual se buscou compreender, de modo geral, em que medida esse objetivo é consolidado, segundo a percepção dos integrantes do PCMI e a contribuição do Turismo, enquanto atividade de lazer priorizada na proposta do programa para essa qualidade de vida. É útil acrescentar que para fins desta pesquisa adotou-se o uso de expressões como *terceira idade* e *melhor idade* para qualificar indivíduos com idade a partir de 50 anos e mais, considerando serem denominações de marketing usuais nos contextos mercadológicos direcionados a esta faixa etária, inserindo-se aí o mercado turístico. A expressão *melhor idade* foi usada sempre em referência ao PCMI, posto ser a identificação dos que integram tal programa. Essas mesmas expressões também são de uso comum em toda a literatura investigada, decorrente de pesquisas geradas no meio acadêmico (da área de turismo) e contextualizadas no âmbito das interações entre lazer, turismo, velhice e envelhecimento, tal como se observa no Programa Clube da Melhor Idade.

Com isso, a elaboração desta Dissertação procurou atender a quatro objetivos principais, sendo o primeiro, de caráter geral: verificar em que medida o turismo, enquanto atividade de lazer, contribui para a melhoria da qualidade de vida de adultos idosos, segundo a percepção dos mesmos. Os outros três últimos, específicos, onde se buscou:

1. Conhecer o significado de participar do PCMI, na voz de seus integrantes;
2. Analisar a contribuição do turismo enquanto atividade de lazer priorizada na proposta do PCMI, na promoção da qualidade de vida de seu público-alvo; e, permitindo ainda,
3. Apreender o papel do turismo, enquanto atividade de lazer, no contexto das discussões sobre envelhecimento e velhice.

Considera-se relevante gerar conhecimentos que atendam a tais inquietações, tendo em vista que:

- a) O turismo de terceira idade é visto primordialmente como fator de incremento da demanda turística brasileira e pouca ênfase é dada à qualidade da experiência turística e os benefícios para os usuários;
- b) O Programa em questão é parte de uma ação específica da área de turismo, no âmbito das políticas públicas, por ser filiado a uma instituição governamental de caráter federal e a instituições estaduais;
- c) Há poucos estudos sobre turismo e terceira idade no Brasil.

Registra-se também que o desenvolvimento da pesquisa revelou uma aproximação com pessoas que, em geral, vivenciam a velhice com independência e autonomia; que participam de grupos que difundem as oportunidades de socialização e desenvolvimento de atividades de lazer, tal como o turismo. Com certeza um pouco do outro lado da moeda, já que esta é uma realidade não comum para a grande maioria dos velhos, idosos, terceira idade desse país.

O itinerário da pesquisa

O roteiro seguido para a elaboração desta Dissertação foi um desafio, devido a uma situação de poucos recursos bibliográficos no Brasil e o parco conhecimento pessoal sobre o contexto internacional dos estudos e pesquisas sobre turismo e terceira idade. O ingresso efetivo no Mestrado em Gerontologia e o contato com as disciplinas integrantes da grade curricular e suas temáticas fomentaram a abertura de novos conhecimentos e caminhos de investigação. A indicação de diversas fontes e ferramentas de pesquisa (bibliografias, bases de dados, etc.) foram salutar para, por exemplo, a busca e o aprofundamento de referencial teórico advindo da literatura nacional e internacional. Esta última (a que apresentou maior retorno em termos de produção), permitiu que se constatasse o grande interesse suscitado pela relação fenômeno turístico e envelhecimento/velhice junto a muitos pesquisadores, nos mais diferentes contextos e abordagens.

A partir dessa compreensão, primeiramente, desenvolveu-se minuciosa pesquisa em fontes de informação impressas e eletrônicas que permitiram obter uma noção mais detalhada sobre Turismo e Terceira Idade para a construção do referencial teórico do estudo. Neste aspecto, as fontes de informação eletrônicas⁵ foram valiosas referenciais de pesquisa. Dentre elas destaca-se a *Ageline Database* como uma ferramenta de grande auxílio, cujo acesso gerou um grupo de trinta e quatro indicações de periódicos e livros relacionados à combinação das palavras-chave *tourism* e *senior*. A partir das referências recomendadas foi possível refinar o material coletado com base nos *abstracts* das publicações especializadas e enveredar pela sua obtenção, muitas vezes através de contatos diretamente mantidos com seus próprios autores.

A etapa da pesquisa de campo iniciou-se através de visita (agendada por telefone) à Subgerência Estadual de Turismo e encontro com a sua diretora para apresentação dos objetivos do trabalho e solicitação das informações iniciais quanto ao PCMI no Maranhão. O encaminhamento para a Coordenadoria Técnica do PCMI-MA dessa instituição possibilitou o conhecimento sobre a quantidade de CMI's existentes no Estado (e, particularmente, em São Luís), localização, telefones e dirigentes atuais dos clubes, além de informações sobre a ABCMI-MA. Também essa aproximação foi importante para coletar dados sobre a situação geral do PCMI e dos CMI's em São Luís.

Nessa etapa, também se contou com a participação da ABCMI-MA, nas pessoas dos diretores principais da entidade, com o propósito de fazer-se um levantamento de dados secundários em seus arquivos, tais como relatórios, revistas, projetos, que pudessem subsidiar a pesquisa. O material fornecido, ainda que de escasso conteúdo⁶, foi importante para a caracterização do PCMI no Estado do Maranhão.

⁵ [...] catálogos e bibliotecas digitais, websites de bibliotecas, buscadores e bancos/bases de dados (SANTOS, G. C. Fontes eletrônicas de informação em educação. Disponível em: www.bibli.fae.unicamp.br/fontes/fontes.ppt Acesso em 10 junho 2003).

⁶ A ABCMI-MA está trabalhando na sistematização dos dados sobre os afiliados do PCMI no Estado do Maranhão, ainda não disponibilizados devido à carência de pessoal para esta organização. Mais limitados ainda são os dados disponíveis na Subgerência Estadual de Turismo referente ao PCMI no Maranhão.

Os contatos geraram a aproximação com o Clube da Melhor Idade Fios de Prata, um dos três CMI (Clube (s) da Melhor Idade)⁷ existentes na capital maranhense, acionada por telefone com a atual presidente do Clube e agendamento de visitas ao grupo. Essa etapa foi conduzida no mês de agosto/2002.

Este estudo é essencialmente qualitativo no que se refere à compreensão do que é revelado através do discurso dos entrevistados, sujeitos da investigação de campo, de início definidos como homens e mulheres participantes de CMI, com idade delimitada segundo a formatação do PCMI (indivíduos acima de 50 anos) e que tomassem parte nas viagens turísticas organizadas pela ABCMI/PCMI. Assim sendo, o convite direto aos associados do CMI Fios de Prata para a participação na pesquisa aconteceu em uma primeira visita da pesquisadora ao clube, após sua apresentação e esclarecimentos quanto aos objetivos do estudo. A escolha dos sujeitos propriamente dita ocorreu por indicação entre eles próprios, conforme a disponibilidade para participar das entrevistas, que foram agendadas. Dois dos sujeitos (Alcântara e Salvador) já eram conhecidos da entrevistadora há pelo menos quatro anos quando de sua participação no Projeto Universidade Integrada da Terceira Idade (UNITI).

Para fins da presente investigação, foram entrevistados seis sujeitos participantes desse clube, em cuja caracterização foram apontados, inicialmente, por nomes de flores (*Crisântemo, Violeta, Lírio, Margarida, Orquídea e Azálea*) e, posteriormente, nessa versão final, por nomes de destinos/cidades: *Ouro Preto, Alcântara, Salvador, Olinda, Pompéia e Ítaca, respectivamente*. Isto decorre, não por se pretender uma ilustração face à atividade turística, mas, sobretudo, por indicar destinos colocados pelos sujeitos entrevistados e a pesquisadora como de algum significado pessoal de recordação, de nostalgia ou desejo de visitar⁸. Alguns compartilhados durante a realização das entrevistas e, com emoção, (re) descobertos quando das várias leituras do material transcrito e do diário de campo. Também

⁷ Em São Luís, além do CMI Fios de Prata: CMI Renascer, criado em 12 de dezembro de 1995, e CMI Amigos da Terceira Idade, fundado em 14 de setembro de 1995.

⁸ “Alcântara, tão pertinho, mas nunca fui; era criança... me contavam dos barco que afundava no canal do Boqueirão, dava medo; mas agora tenho vontade que só...” (Alcântara, 76 anos). “Fui em Ouro Preto e Congonhas do Campo, fui olhar as obras do Aleijadinho. Que coisa fora de série!” (Ouro Preto, 73 anos). “Gostava de pensar que como Ulisses (de Ítaca), eu também nasci em uma Ilha – São Luís do Maranhão...” (Terezinha Campos: Memorial/Exame de Qualificação/Unicamp, jun., 2003).

cumprir a função de preservar a identidade dos personagens reais que, com suas contribuições, deram vida ao trabalho aqui retratado. Outrossim, a coleta dos depoimentos realizou-se na própria Sede do Clube, localizada nas dependências de um Centro Comunitário (CCV - Centro Comunitário dos Vinhais) e nos dias das reuniões do grupo, segundas e sextas-feiras, sempre no período da manhã.

Das seis entrevistas conduzidas junto aos participantes do Clube da Melhor Idade Fios de Prata, três aconteceram na Sala de Música (Alcântara, Ítaca e Salvador), localizada bem ao lado da Sala-sede do Clube, uma vez que nesta última estavam acontecendo as atividades normais do dia. As outras três entrevistas (Ouro Preto, Olinda e Pompéia) foram realizadas ao ar livre, debaixo de uma árvore, em área também próxima à Sala-sede do Clube, tendo em vista que nos dias de suas ocorrências, a Sala de Música ou estava ocupada com suas atividades normais ou estava sendo utilizada por um grupo de senhoras para cortes de cabelo.

O desenvolvimento do trabalho, nesta etapa de campo, foi bastante exitoso quanto à receptividade do CMI Fios de Prata, sendo comum o convite feito à pesquisadora para tomar parte no chá todas as vezes em que o grupo foi visitado, além de se constituir em uma oportunidade de conhecer um pouco da sua dinâmica habitual.

Antes do chá, participo da oração do dia, seguida de canções e gestos de dramatização de uma música religiosa; com as mãos ora no peito, ora para cima e palmas ao final da celebração. A sessão de recados é iniciada logo depois, com pedidos de oração e/ou visitação para enfermos ou amigos que perderam entes queridos ou mesmo que passam por situações difíceis. Informações sobre programações de lazer e chamada para o pagamento da mensalidade do mês também é feita. Foi numa dessas oportunidades que fui apresentada e me apresentei ao grupo (Diário de Campo: ago., 2002).

Com cada um dentre os sujeitos que aceitaram colaborar com a pesquisa a aproximação ocorreu de forma tranqüila, sem transtornos ou dificuldades. A conversa fluiu com naturalidade, entre sorrisos e, na maioria das vezes, lembranças boas. Falar de turismo, de lazer, da convivência no CMI como norteadores da entrevista significou falar de momentos felizes, muito embora em quase todas as situações a passagem para esses momentos, para essa convivência, aconteceu precedida de percalços. Não é dizer que agora são isentos de problemas, mas novamente (conforme já exposto) *é um pouco o outro lado da moeda* de quem tem a autonomia e independência.

No que se refere à metodologia, esta pesquisa baseou-se numa abordagem qualitativa que, de acordo com Minayo (1999, p. 22), favorece a compreensão da realidade humana, pois trabalha com *“universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”*.

Neste sentido, o presente estudo, cujo propósito principal foi verificar em que medida o PCMI contribui para a qualidade de vida de seus participantes, segundo a visão destes, caracterizou-se como do tipo exploratório-descritivo. Exploratório por caracterizar uma pesquisa cujo tema revela-se ainda recente e de incipiente pesquisa, em âmbito nacional; portanto, pouco explicado teoricamente; descritivo por estar fundamentado na pesquisa qualitativa, que é por princípio descritiva. Desta forma, é exploratório-descritivo por fazer emergir um tema ainda pouco explorado no meio acadêmico, com base na descrição da realidade estudada.

Compreende-se que os objetivos propostos no trabalho podem ser melhor viabilizados a partir da investigação da realidade, no contexto desse binômio explorar-descrever, considerando-se como fator essencial a percepção dos sujeitos envolvidos nessa realidade. Tal afirmação encontra apoio em Godoy (1995) ao indicar esse tipo de pesquisa como ideal, dentro de um enfoque exploratório-descritivo, por realizar um exame detalhado de um dado ambiente, de um indivíduo ou de uma situação específica.

Assim, diferente da pesquisa quantitativa, *“a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade”* (Deslandes, Cruz Neto, Gomes⁹ 1994, apud Minayo et al., 1994, p.43), contudo, os indivíduos sociais precisam estar vinculados o mais significativamente possível ao problema de estudo (Minayo, 1999). Tal razão justifica a escolha do PCMI e, de modo delimitado, de um grupo de participantes de Clube da Melhor Idade a ele veiculado, no âmbito do qual são promovidas viagens turísticas.

Quanto aos instrumentos utilizados na investigação, elaborou-se uma ficha de identificação sócio-demográfica composta 13 itens (ver anexo III), buscando-se cumprir o

⁹ DESLANES, S. F., CRUZ NETO, O., GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

objetivo de identificar o perfil sócio-econômico dos participantes dos Clubes da Melhor Idade, assim distribuídos: 12 perguntas fechadas que buscaram identificar idade, sexo, procedência, estado civil, escolaridade, profissão, ocupação atual, situação previdenciária, tipo e condição de moradia, situação de convivência, nível de renda. Uma pergunta aberta foi contemplada, referente à auto-avaliação do status da saúde.

Outro recurso utilizado foi a entrevista, uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito da pesquisa qualitativa. Ela é *“bastante adequada para obtenção de informação acerca de que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”* (SELLITZ et al.¹⁰ apud GIL, 1987, p.113).

Priorizou-se a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados. Segundo Minayo et al. (1994) permite captar a informação desejada, além de possibilitar ao entrevistado liberdade e espontaneidade para expressar-se sobre o tema. Também seguiu-se um roteiro formado por um conjunto de questões previamente definidas (amparadas nos objetivos propostos), por sua vez organizado em temas específicos (ver anexo IV). A organização de tais núcleos de sentido (temas) foi articulada em torno das temáticas descritas no roteiro da entrevista semi-estruturada (lazer antes do PCMI; motivo para participar do CMI/PCMI; objetivo (percebido) do PCMI; significado de participar do CMI/PCMI)

É útil destacar que no universo de sujeitos engajados nos CMI/PCMI existem aqueles que têm a possibilidade de tomar parte nas viagens turísticas promovidas pela ABCMI, assim como os que ainda não têm tal oportunidade, ou que têm apenas parcialmente.

Desta maneira, o roteiro de entrevista foi organizado também de forma a coletar os depoimentos de pessoas que, total ou parcialmente, participavam das viagens turísticas dentro do Estado do Maranhão ou para destinos externos. Assim, os núcleos de sentido (temas) envolveram os motivos e benefícios buscados com as viagens turísticas, o perfil de turista, a organização financeira para fazer viagens turísticas, a viagem antes do engajamento no PCMI e a satisfação geral com as viagens turísticas.

¹⁰ SELLITZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo, EPU, 1974.

Para as seis entrevistas utilizou-se um mini-gravador e fitas cassete, posteriormente transcritas mediante o roteiro de entrevistas elaborado.

Durante o período de realização das entrevistas (tempo médio de 55 minutos) foram feitas diversas anotações de campo, principalmente daqueles aspectos não *registráveis* através da gravação de áudio, como gestos e atitudes. Nisso reside a importância do diário de campo como instrumento em pesquisas qualitativas, como aqui foi proposto e observando sempre que *“tais registros devem ser feitos logo após a realização da entrevista para que nenhum detalhe seja esquecido, os quais serão úteis na fase posterior de análise dos relatos”* (VON SIMSON, 2003).

A análise dos dados da investigação seguiu os passos propostos por Gomes (1994), de ordenação dos dados, realizada através da transcrição na íntegra das entrevistas; leitura repetida dos textos; após várias leituras, classificação dos dados e organização de núcleos de sentido.

Numa última etapa, a análise final, fez-se uso de fragmentos das falas dos sujeitos participantes do PCMI, estabelecendo-se articulações entre estas e o referencial teórico.

Sistematicamente, os resultados obtidos obedeceram aos seguintes passos:

- a) Transcrição dos relatos, realizado pela própria entrevistadora.
- b) Identificação e destaque, em cada entrevista, dos principais trechos referentes a cada tema de análise, após a leitura dos textos das entrevistas.
- c) Na seqüência, a criação de arquivos, um para cada um dos temas de análise designados. Nos arquivos foram colados trechos das entrevistas anteriormente assinalados e, desta maneira, construiu-se um arquivo para cada um dos temas. Cada arquivo (ver anexo II) foi devidamente identificado também com o nome do informante e a página de onde ele foi retirado.
- d) Interpretação dos conteúdos manifestados nos documentos.

Cuidou-se de trazer como elemento importante na condução do trabalho de campo a consideração de que, no seu processo, são criados e fortalecidos os laços de amizade, assim como compromissos firmados com o investigador e a população investigada, propiciando o retorno de resultados alcançados para essa população e a viabilidade de futuras pesquisas. (MINAYO et al., 1994).

Assim, a expectativa é que esta Dissertação tenha sido mais uma oportunidade de se discutir e refletir sobre a relação entre a atividade turística e as pessoas de terceira idade, aqui no contexto de um programa (o PCMI) de iniciativa pública. Um programa que prioriza o turismo enquanto atividade de lazer, visando a melhoria da qualidade de vida de quem dele usufrui. O embasamento central da discussão é a voz das pessoas da *melhor idade* que participam do PCMI, por meio das quais se buscou apreender a concretização de tal proposta.

É útil destacar, finalmente, que esta pesquisa estrutura-se em quatro capítulos, além desta **Introdução** e das **Considerações Finais**. Assim, no **Capítulo I – Turismo e Terceira Idade: Aportes Conceituais e Teóricos** abordam-se aspectos gerais relacionados ao turismo e a terceira idade, dando-se ênfase a um panorama teórico-conceitual – recorrendo-se à leitura de autores que produziram conhecimentos sobre qualidade de vida, lazer e turismo para terceira idade, – e de mercado, no sentido de situar como o turismo, direcionado a tal público, tem sido realçado economicamente no âmbito desta atividade.

No **Capítulo II – Turismo e Terceira Idade: O Caso Brasileiro**, o que está em questão é a apresentação de um panorama geral sobre o Programa Clube da Melhor Idade (PCMI), sua caracterização, objetivos e premissas de criação; o papel da Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade (ABCMI-Nacional), assim como o PCMI em São Luís, MA. Também são descritos e analisados neste capítulo. A exposição de tal panorama é precedida por uma abordagem acerca do envelhecimento populacional e a atratividade que renda e tempo livre (evidenciadas como alguns dos principais aspectos inerentes à população de mais idade) têm para o campo do lazer e, particularmente, para a atividade turística, sob a idéia de terceira idade; uma caracterização do perfil e das motivações do turista de terceira idade fazem parte ainda deste capítulo, em uma aproximação com a Gerontologia.

O universo do **Clube da Melhor Idade Fios de Prata** revela-se no **Capítulo III**, já na voz de seus filiados, para se fazer uma caracterização do perfil do usuário deste CMI e contextualizar-lhe a percepção acerca do significado de participar do CMI/PCMI em face do objetivo do programa.

O **Capítulo IV, Contributos do Turismo para a Terceira Idade no âmbito do PCMI**, trata sobre a contribuição do lazer turístico para os sujeitos da pesquisa, reconstruindo, a partir de seus depoimentos, o valor atribuído à experiência turística manifestada, principalmente, segundo as motivações e benefícios buscados com o turismo, o sentido do ato de viajar antes do engajamento no PCMI, ao comportamento enquanto turistas e o significado desta participação.

Nas **Considerações Finais**, são retomados alguns aspectos centrais do caminho de investigação e apresentados os resultados mais relevantes da pesquisa sob a perspectiva dos objetivos propostos. Apontam-se algumas análises que não esgotam, em nenhuma hipótese, as questões que se pretendeu discutir, mas que se espera, possam juntar-se e, quem sabe?, contribuir com outros estudos nesta área.

CAPÍTULO I

TURISMO E TERCEIRA IDADE: APORTES CONCEITUAIS E TEÓRICOS

Por quê, Deus do céu, não fui velho já nos meus quinze anos? Ou com quarenta e tanto, na flor da juventude ainda não extinta? (Se eu soubesse que velhice era tão ótimo assim, faria planos E eu o seria feliz, ainda nos idos dos meus vinte anos, ou trinta...)

Silas Corrêa

A literatura da área de Turismo apresenta informações ainda incipientes sobre o turismo para terceira idade em função de seu público-alvo, propriamente dito; o que há está mais relacionado às possibilidades de incremento e expansão do mercado, ainda assim contextualizado muito superficialmente (Millman, 1998; Silva, 1998). Cleaver (2003) afirma que, enquanto em países como o Canadá, Alemanha e os Estados Unidos os turistas idosos têm sido tema de pesquisas empíricas importantes (ligadas à motivação, comportamento em viagem, segmentação, etc.), em outros até muito recentemente esses não alcançavam uma relevância considerável em termos de estudos e pesquisas.

Com isso, de um modo geral, observa-se que as discussões em torno do turismo para terceira idade são focadas, principalmente, em termos do que este pode gerar de benefícios e vantagens para o mercado turístico: ocupação de equipamentos turísticos na baixa estação, expansão e melhoria da rede hoteleira, incentivo a diminuição de preços junto às empresas de turismo, qualificação de mão-de-obra local, valorização do patrimônio cultural e melhoria da infra-estrutura da comunidade receptora (EMBRATUR, 1996; MOLETTA; LEYSER, 1999).

Essa visão não é diferente da que vem sendo relacionada ao Turismo como um todo, ao longo de quase toda a sua história enquanto atividade geradora de lucros, sobrepondo-se à sua dimensão humanística, como, por exemplo, a de fator de educação. (BARRETTO, 1995).

Na literatura pesquisada para a composição do marco teórico deste trabalho observou-se que, conceitualmente, poucos são os referenciais que relacionam Turismo e terceira idade. O caráter não sazonal para a realização de viagens, a disponibilidade de tempo livre e a faixa etária específica são alguns dos elementos comuns presentes nas definições arroladas neste estudo, que atestam ser o Turismo para terceira idade:

[...] fluxo turístico que tem como principal característica a não sazonalidade, ou seja, elege livremente seus períodos de viagem em razão do tempo disponível, embora de limitada capacidade aquisitiva imposta por uma única fonte de rendimento – a aposentadoria – realiza viagens incentivadas com permanência mais prolongada nas destinações e em grupos [...] (BENI, 2002, p. 187).

Um tipo de turismo planejado para as necessidades e possibilidades de pessoas com mais de sessenta anos, que dispõem de tempo livre e condições financeiras favoráveis para aproveitar o turismo (MOLETTA; LEYSER, 1999, p.8);

Formas de viagens para o público em geral e que apenas quando agrupam pessoas da mesma idade maiores de sessenta, usam essa característica para considerar turismo para terceira idade (SILVA, 1998, p.8);

Aquele praticado por pessoas com mais de cinquenta anos, aposentados ou não, que dispõem de bastante tempo livre ocioso e visa motivar o idoso a deixar a rotina do cotidiano e incentivar o turismo de baixa estação, propondo à iniciativa privada (agências de viagens e turismo, hotéis, transportadoras) tarifas diferenciadas para este segmento de demanda (OMT - Organização Mundial do Turismo, 1994, p.91).

No contexto das análises, das discussões e informação geradas acerca desta temática, há que se destacar a ocorrência de algumas diferenciações presentes na formação da expressão que une os termos *turismo* e *terceira idade*¹, seja no contexto da literatura turística, seja no âmbito institucional seja no de mercado: “turismo de terceira idade” (OMT, 1994; Embratur, 2000; Barretto, 1995), turismo da terceira idade (Beni, 2002), “turismo para terceira idade” (Moletta; Leyser, 1999; Silva, 1998; Barretto, 1995), “turismo na terceira idade” (SILVA, 1998).

¹Neste trabalho utiliza-se a expressão *Turismo para Terceira Idade* (considerando a palavra para como preposição de direção: Turismo para Terceira Idade = Turismo direcionado às pessoas pertencentes e/ou descritas como de tal categoria (Terceira Idade)). Registra-se que este emprego é meramente uma escolha informal, pois no contexto geral da literatura de Turismo e nas situações de mercado turístico esta expressão é variável, sendo equivalente às composições com uso de outras preposições: Turismo na, de, da Terceira Idade. Também se utiliza a expressão *Melhor Idade* quando da menção ao PCMI. Todos estes empregados no Brasil. Nos EUA, é muito utilizado o termo sênior; e em países de língua espanhola, adulto mayor.

Não sejam esquecidas outras expressões afins, já há muito empregadas tanto no mercado turístico, como na literatura acadêmica fruto de estudos envolvendo essa temática: *turismo sênior*, *turismo da/para melhor idade*, as principais.

Especificamente quanto à expressão *melhor idade* pode-se estabelecer que, em relação ao PCMI, transforma-se na identidade coletiva de seus participantes, na medida em que homens e mulheres passam a ser reconhecidos sob tal designação, valorizada pela resignificação do sentido de ser velho e dimensionada pela forma como uma “*nova sensibilidade em relação ao envelhecimento é vivida nesses programas*” (DEBERT, 1999, p.150).

[...] quando eu cheguei aqui já tinha...já era...Clube da Terceira Idade, e quando houve a organização da ABCMI Maranhão, de lá veio essa mudança de terceira idade para melhor idade. Eu achei mais bonitinho assim...melhor idade....terceira idade, seria uma coisa assim como se a gente tivesse fazendo parte de uma coisa, já como se diz...velho; velho é da terceira idade...então da melhor idade já soa melhor. Não é que eu ache que velho...porque eu não sou velho, eu sou idoso; existe diferença de idoso com velho [...] Porque o idoso, o idoso é aquele que tem muitos anos de vida e o velho perdeu a jovialidade. Então eu acho que ela soa melhor só que terceira idade (Salvador).

Coriolano (2002, p. 1), em sua reflexão sobre a atividade turística e sua relação com pessoas idosas, posiciona-se quanto à expressão *melhor idade*, lembrando que esta,

trata-se apenas de um marketing que surge com o turismo e exatamente quando o mercado descobre que o velho rico pode ser um novo segmento para essa atividade. Não foi perguntado ao velho qual a sua melhor idade. Para muitos pode não ser a velhice, já que o envelhecimento biológico altera o funcionamento dos órgãos diminuindo suas habilidades motoras e limitações funcionais. Para uns a melhor idade pode ter sido a de criança por ter tido uma infância feliz, para outros pode ter sido a idade madura por ter tido maiores prazeres e alegrias nessa fase e para alguns é possível ser mesmo a velhice, por ver realizado todos seus sonhos de juventude e de vida adulta, por ter a sensação de missão cumprida, por poder agora viajar divertindo-se e curtir a vida.

Para a autora, portanto, o chamado *turismo da melhor idade* ou o *turismo dos idosos* é uma estratégia do mercado turístico para oportunamente conseguir uma parcela dos idosos que, por terem trabalhado durante 35 anos ou mais de sua vida, podem receber uma aposentadoria, e viver dignamente, podendo fazer o seu lazer. Entretanto, essa parcela no Brasil é reduzidíssima, considerando-se que a maioria da população brasileira vive em deficientes condições de trabalho, muitas vezes esporádico e mesmo no desemprego; sendo

assim, não pode usufruir de uma velhice tranqüila feliz e com acesso ao lazer de viagem – o turismo.

É válido mencionar que a aposentadoria surge como resposta ao reconhecimento da necessidade de se garantir um futuro aos trabalhadores. Assim, a velhice passa a ser tratada como uma questão social merecedora de atenção e de legitimação no campo das preocupações sociais. Os novos aposentados passaram a ter outros tipos de necessidade, como lazer, cultura e outras atividades praticadas pelas camadas médias assalariadas, transformando a visão negativa predominante da velhice em uma imagem alegre, saudável, colorida e associada à arte de bem viver. A expressão *terceira idade* veio para designar exatamente essa nova etapa da vida, cujo envelhecimento não impede a continuidade de uma vida ativa, independente e prazerosa (BARROS, 2002).

Também é importante ressaltar que alguns autores têm apresentado uma preocupação em pesquisar mais efetivamente essa população e sua relação com a atividade turística em aspectos que esta primeira seja priorizada. Barretto (1995, p. 22) defende que, ao falar-se em turismo para terceira idade, é importante definir um critério com base no qual classificar uma pessoa como pertencente ao segmento, pois:

[...] a utilização deste critério torna muito difícil a criação de produtos turísticos para a terceira idade porque implica juntar, num mesmo grupo, pessoas com idades tão díspares como 50 e 80 anos [...].

Para a autora, o aprofundamento das informações sobre esse público é um requisito imprescindível para os profissionais dedicados ao turismo para terceira idade, uma vez que até mesmo conceituar velhice não é tarefa fácil. A idade de 65 anos tem sido freqüentemente a mais usada para definir o começo do envelhecimento em estudos demográficos e gerontológicos na maioria dos países. Entretanto, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) organizou uma *Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento* demarcou o início da velhice às pessoas com 65 anos de idade nos países desenvolvidos; e 60 anos de idade, para os países em desenvolvimento (STREY; PREHN e MATTOS, 2002).

A posição de Barretto, lembrando a atenção que precisa ser dada à criação de produtos turísticos para a terceira idade, também vem ao encontro do fato de que, embora se possa considerar uma pessoa de 60 ou 65 anos como no início de sua fase de envelhecimento,

é difícil assegurar quando começa realmente a velhice. Definir esta categoria é, na realidade, uma questão complexa, pois implica múltiplas dimensões: a biológica, a cronológica, a psicológica, a existencial, a cultural; a social, a econômica, a política, assim como as variáveis do contexto social em que ela está inserida. A velhice engloba, portanto, o processo biológico, o fenômeno social e uma realidade subjetiva e comportamental (Strey, Prehn e Mattos, 2002). Sua representação social, no entanto, foi sendo associada ao longo dos tempos, principalmente na sociedade ocidental, à decadência, à incapacidade e à decrepitude, sobrepondo-se a outras características também associadas a esta etapa de vida como a experiência, a sabedoria e a sensatez.

A constatação e a divulgação de que o crescimento da população de idosos² – em números absolutos e relativos – é um fenômeno mundial que vem ocorrendo de forma significativa, têm repercutido em diferentes níveis de organização social, gerando impactos de ordem política, econômica e sócio-cultural.

Para Fromer e Vieira (2003, p. 31), mesmo que ainda seja presente o discurso depreciativo acerca da velhice, o qual se incrustou na sociedade e para além dos dados estatísticos, *“há razões para se acreditar que parte da sociedade está voltando sua atenção para as questões da terceira idade, até porque já percebeu a importância atual dessa parcela da população”* e a influência que ela já exerce e que exercerá mais intensamente em um futuro próximo”.

Com relação ao Turismo registram:

O turismo, seja enquanto atividade inserida na economia de mercado, seja como fenômeno sociocultural, não deixará de ser afetado pelos reflexos dessa nova composição etária (Ibib., 2003, p. 09).

Nesse sentido, a condução de vários estudos sobre projeções e tendências que objetivam “desvendar” o futuro do Turismo – Cooper et al. (2001); OMT (1999) – é unânime em registrar as implicações do envelhecimento da população mundial para esta área, sobretudo

² Segundo Berquó (op cit., 1999) os estudos demográficos demonstram que a população idosa tem aumentado tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento, consequência da transição demográfica que é um processo dinâmico pelo qual a população envelhece devido à diminuição dos índices de mortalidade e das taxas de fecundidade, resultando em uma maior proporção de idosos e no aumento da expectativa de vida. Em

no que tange aos impactos econômicos. O expressivo aumento de idosos constitui uma tendência observada, praticamente em todo mundo, tendo sido colocada como desencadeadora de impactos sobre diversas áreas, dentre as quais a de turismo.

Para Horneman et al. (2002), o grande crescimento do Turismo para a próxima década é dependente do quão satisfatoriamente o desenvolvimento de produtos e serviços turísticos estará em sintonia com as tendências sociais e demográficas que possam afetar o comportamento do consumidor. Sob essa ótica, os autores ressaltam a relação entre envelhecimento populacional e turismo lembrando que os mais velhos são importantes tanto pelo que já representam para o mercado turístico, como pelas possibilidades de expansão que se espera desse mesmo mercado.

Em consonância com a afirmativa anterior, durante seu pronunciamento por ocasião da Segunda Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento (Madri, Espanha, em abril de 2002), o Secretário Geral da Organização Mundial do Turismo, Francesco Frangialli, declarou que o tema do envelhecimento da população mundial tem importância particular para o setor de turismo, viagens e lazer, cuja condução é de responsabilidade da OMT dentro do sistema das Nações Unidas.

Frangialli lembrou que dentre os 700 milhões de viajantes que movimentaram o turismo internacional em 2001, cerca de 150 milhões tinham mais de 60 anos, dois terços deles na Europa. Também explicou que somente a Espanha, país sede do evento, recebeu em 2001, 49,5 milhões de visitas estrangeiras; deste total, 4 milhões foram realizadas por pessoas com mais de 64 anos. Os números e cifras apontadas pelo Secretário Geral da OMT foram explicados pela declaração de que viagens e férias de pessoas mais velhas se tornaram um significativo fenômeno social, cultural e econômico das sociedades modernas.

As pessoas com idade acima de 60 anos representam 15% dos viajantes internacionais da Espanha, 20% na Alemanha, 27% nos Estados Unidos e Japão e 30% na França. Segundo Frangialli, a expressão *envelhecimento ativo* se aplica completamente ao domínio dos lazeres. (FRANGIALLI, 2002).

países desenvolvidos, notadamente na Europa, esse processo, consequência dos mesmos fenômenos apontados, contudo, delineou-se ao longo de quase dois séculos, enquanto que no Brasil está progredindo mais rapidamente.

Acrescentem-se aos percentuais declarados pelo Secretário Geral da OMT, os que demonstram as viagens internacionais feitas também por pessoas de 60 anos e mais em outros países: 28% no Canadá, 16% no Reino Unido e 13% na Itália (BIRD, 2002).

No contexto dessas abordagens, o estudo de Fleischer; Pizam (2001) mostrou que as pessoas de terceira idade, denominadas pelos autores de *seniors*, constituem um importante mercado para o turismo, devido ao número de viagens realizadas pela disponibilidade de tempo livre, a propensão para gastar e a magnitude destes gastos.

Nessa ótica, diz Francesco Frangialli (op. cit., 2002) que o impacto econômico dessas viagens é considerável. Primeiro porque a despesa com a permanência é elevada; depois porque, tendo mais tempo livre, esses mesmos viajantes têm a capacidade de se sair das altas estações, o que constitui um fenômeno notável por permitir melhor visibilidade dos fluxos de partida, um alongamento do período de exploração de hospedagem e menor pressão em infra-estrutura de transporte e lazer.

A pesquisa de Blanding (1998), objetivando descrever a popularidade das viagens entre adultos de 50 anos e mais com base em estatísticas, mostrou que 21% de todas as viagens nos Estados Unidos foram feitas por pessoas acima de 55 anos em 1998; estes também são os maiores consumidores de viagens tanto de luxo quanto de excursões orçadas. Entre 200.000 e 300.000 mil adultos com idade acima dos 60 anos participam dos programas *Elderhostel* (o primeiro e o maior programa de organização de viagens turísticas e culturais para adultos de 55 anos e mais da América). São quase 11.000 opções em mais de 100 países e, por ser uma organização não-governamental, oferece preços mais baixos.

Já registrando dados mais recentes, o relatório *The Mature Traveler 2000* da *Travel Industry Association of América (TIA)*, associação que representa o turismo dos Estados Unidos, produziu informações sobre o segmento de viajantes maduros (55 anos e mais) mostrando que esses fizeram 179 milhões de viagens em 1999, um aumento de 5% a mais que em 1994, respondendo por 3 em 10 (31%) de todas as viagens domésticas (TIA, 2000).

O relatório ainda aponta algumas características e fatos sobre os viajantes maduros, no relatório denominados de *seniors*:

- a) *76% de toda a viagem madura é por lazer; 42% das viagens é para visitar amigos e parentes; 17% é por entretenimento e apenas 7% é para recreação ao ar livre (outdoor recreation);*
- b) *As atividades de viagem favoritas dos viajantes maduros incluem compras (29%), visitas a lugares históricos ou museus (15%), assistir a eventos culturais ou festivais (12%), jogar (11%), atividades ao ar livre (11%), visitar parques nacionais ou estaduais (8%) e ir à praia (7%). Só 3% de todas as viagens maduras incluem golfe/tênis/esqui, isto é, atividades esportivas;*
- c) *Esse grupo viaja menos de avião que os viajantes em geral (18% x 23%). Dirigir é a forma preferida de chegar aos destinos (68%);*
- d) *Os viajantes maduros tendem a realizar viagens mais longas (3,9 noites), comparados à média dos viajantes em geral (3,4 noites). Um pouco mais da metade (52%) hospeda-se em hotel, motel ou B&B (bed and breakfast), enquanto que 43% ficam hospedados com amigos ou parentes;*
- e) *Também um pouco mais da metade das viagens (53%) dos maduros é feita por aposentados; 45% são feitas por indivíduos ainda empregados. Os aposentados realizam a maioria de suas viagens de carro ou ônibus e estas são um pouco mais longas em duração do que os maduros que ainda trabalham;*
- f) *De todas as viagens, aquelas realizadas pelos seniores maduros (65 anos de idade ou mais velhos) compõem fortemente mais que a metade, ou seja, 92,5 milhões de viagens. Os seniores maduros também viajam três vezes mais de ônibus que os seniores juniores (55 a 64 anos), (6% versus 2%);*
- g) *Seniores maduros gastam ligeiramente menos, em média, por viagem (US\$ 407) do que viajantes maduros mais jovens (US\$ 472).*

Para Rosenfeld³ (1986 apud Fleischer; Pizam, 2001), em referência aos Estados Unidos, essas pessoas viajam mais frequentemente, vão para distâncias mais longas, ficam mais tempo, gastam mais dinheiro e recorrem mais a agentes de viagens que outros grupos de não-seniores. Conforme Fleischer e Pizam (op. cit.) isto acontece devido a fatores como filhos

³ ROSENFELD, J. P. Demographics on Vacation. **American Demographics**, v. 8, p. 38 – 41, jan. 1986.

já criados e débitos contraídos em longo prazo, sanados. Além disso, podem preencher a vacância de linhas aéreas e hotéis devido aos seus horários flexíveis, tal como apontou o Secretário Geral da OMT.

Outros dados revelam também o quanto o *"crescimento deste público significa milhões de consumidores à disposição do mercado turístico"* (Moletta; Leyser, 1999, p. 7). Na Europa, foi a terceira idade que deu novo impulso ao turismo e representa mais de 20% das viagens feitas pelos europeus, num cômputo geral; nos Estados Unidos, 49% dos turistas têm mais de 55 anos (CASO, 1999).

Ao longo da organização deste trabalho, observou-se que, no Brasil, não há registro de pesquisas semelhantes tal como a conduzida pela TIA. A ABCMI-Nacional, por exemplo, disponibilizou em seu site (www.melhoridade.org.br) os resultados de uma pesquisa que objetivou traçar o perfil de seus associados realizada durante um dos congressos da entidade. Contudo, são poucos os aspectos em que ambas as pesquisas (TIA e ABCMI-Nacional) apresentam convergência em termos do que foi questionado e alcance: as informações da pesquisa da TIA referem-se ao segmento de viajantes maduros dos Estados Unidos de forma ampla, de todo o país; a pesquisa ABCMI, tal como já apontado, refere-se ao seu associado. No Capítulo II deste estudo, destacam-se os principais resultados desta pesquisa da ABCMI-Nacional.

Ainda quanto ao Brasil, dizem Fromer e Vieira (2003, p. 47) que a tendência de crescimento do turismo para terceira idade é *"reconhecidamente um prenúncio de novas oportunidades de negócios. Contudo, apesar do enorme potencial, a oferta turística para esse segmento parece ser, ainda hoje, uma lacuna à espera de ser preenchida pelo mercado"*.

As autoras, entretanto, acenam com a perspectiva de que o setor turístico brasileiro não tardará a reconhecer o significativo potencial dessa demanda, uma vez que já se constitui um dos fortes mercados consumidores de lazer e de viagens principalmente nos países desenvolvidos.

Reforçam ainda a idéia de que:

os indicativos demográficos e os estudos teóricos sobre o turismo, bem como as pesquisas já realizadas acerca do comportamento psicossocial do turista, podem apontar os caminhos para uma melhor compreensão do mercado em relação aos idosos, e destes em relação ao próprio turismo (Ibid., 2003, p.53).

A exemplo do relatório da TIA, porém não enfocando dados estatísticos e, sim, aspectos característicos de comportamento, citam a pesquisa de Garcia⁴ (2001), que aborda as preferências do turista que busca o turismo como atividade de lazer, os quais:

- a) *Preferem realizar atividades turísticas em grupos, mas não necessariamente com indivíduos da mesma idade;*
- b) *São mais críticos e seletivos, buscando qualidade;*
- c) *Visam ao conforto e aos benefícios;*
- d) *Procuram lugares novos e se relacionam mais;*
- e) *São exigentes e reivindicativos, informados, conscientes e muito ciosos dos seus direitos;*
- f) *Privilegiam a qualidade de serviços e a relação qualidade/preço;*
- g) *Não querem ser tratados como incapazes, mas com respeito (não por sua condição de idosos, mas de clientes em absoluta igualdade com os demais).*

A menção de Fromer; Vieira (op. cit) a esse retrato exposto por Garcia (2001) pode ser ilustrada também com a fala de Olinda, integrante do Clube da Melhor Idade Fios de Prata, referindo-se a esse último aspecto e face ao desejo de participar das viagens para fora do Estado do Maranhão e não apenas para os destinos internos:

O nosso problema geral daqui é esse aí, é falta de recurso. Agora com isso a maioria pensar que o idoso se conformava de ficar só andando aqui conhecendo coisa aqui dentro? Não! Idoso também tem objetivo. Ele quer conquistas, ele quer passear. Cursos também [...]. Não é que seja um... como se diz... um consolo, não, não é consolo não! A gente vai com prazer, entendeu?.

Paula (2001) propôs a prática do Ecoturismo⁵ em associação a programas de resgate social do idoso como uma alternativa para a sua reintegração sócio-ambiental,

⁴ GARCIA, M. T. G. **Turismo na terceira idade: um mercado em potencial**. 2001. 281 f. Tese de Doutorado (Ciências da Computação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

notadamente para os que vivem em meio urbano. A autora faz uma abordagem centrada no processo de migração do campo para a cidade alavancado pela industrialização brasileira na década de 50 (século XX), vivenciada por muitos dos que hoje são idosos e testemunhas da luta pelo trabalho remunerado e as férias regulares. Defende ainda que são eles, os idosos, os que integram a terceira idade no Brasil, hoje, que passaram a exigir uma demanda pelo lazer, pelas viagens turísticas.

Guardadas as devidas distinções socioeconômicas em relação os países desenvolvidos, a avaliação atual quanto a esse assunto atesta que, no Brasil, a participação da terceira idade no turismo é incipiente. Contudo, segundo as fontes pesquisadas, não deixa de ser considerável: 20%, o que significa que mais de nove milhões de idosos viajam pelo país anualmente. O aumento da procura por esse tipo de turismo fez com que muitas empresas passassem a oferecer roteiros específicos para esse segmento. Em geral, essas iniciativas ocorrem na baixa temporada, quando os descontos chegam a 30%. Os grupos são formados principalmente por mulheres, em geral viúvas (GOULIAS, 2002).

Esses dados são ratificados pela Associação Brasileira de Agências de Viagem (ABAV), segundo a qual os turistas da terceira idade vêm ocupando mais espaço nos pacotes de viagens e podem se tornar o grande “filão” do setor. Em 2000, a participação desse grupo foi de 20% e pode crescer 10% ao ano, considerando-se a estimativa de 30 milhões de idosos em 2023. Para a indústria do turismo, esse segmento constitui a *melhor idade*. Com flexibilidade em relação ao calendário escolar, eles podem viajar entre agosto e novembro, pagando 30% menos que na alta temporada diz o Presidente da ABAV, Goici Alves Guimarães. Segundo os dados das agências, a maioria viaja três vezes por ano, tem renda média mensal de R\$ 1.300,00 e gasta cerca de R\$ 750,00 por viagem. As mulheres são mais de 80% dos clientes assíduos da “melhor idade” nas atividades de lazer de clubes e associações do Rio de Janeiro, por exemplo. E o turismo é uma das diversões preferidas. A VASP oferece 40% de desconto para todos os associados dos Clubes da Associação Brasileira da Melhor Idade (Informe ABIH, 2001).

⁵ Conjunto de atividades turísticas que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (Embratur, 1994).

À parte do que já foi comentado quanto à escassez de dados sistematizados sobre essa questão no Brasil, convém lembrar que o universo pesquisado neste estudo ateu-se a um dos Clubes da Melhor Idade da cidade de São Luís; também que no Maranhão são pouquíssimos os registros de informações sobre o desenvolvimento do PCMI no Estado. Isto implica na dificuldade de uma comparação com o que poderia ser um retrato do turismo para terceira idade no Maranhão, de uma forma geral, frente ao descrito acima. No entanto, a partir do que foi informado pela ABCMI-MA e também conforme alguns dados da ABCMI-Nacional, pode-se ressaltar, dentre os aspectos convergentes: a maior participação feminina, a maioria de viúvas, a viagem de turismo como uma das atividades preferidas e aquisição de pacotes turísticos.

Camarotti (2000) diz que o crescimento dessa demanda é evidente nos últimos anos e cita dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) que mostram que, em 1998, 430 mil das 38,2 milhões de pessoas que fizeram turismo interno no Brasil tinham entre 55 e 65 anos. Isso significa 11,3% do fluxo interno. No ano anterior, o número de turistas da terceira idade teve um incremento de 10%. Também em excursões promovidas pelo SESC (Serviço Social do Comércio), cerca de 75% dos participantes são da terceira idade (Caso, 1999). Setores importantes da área turística como os de hospedagem e agenciamento têm, freqüentemente, direcionado ou redirecionado seus serviços em função deste segmento. Dantas (2001), ressaltando dados da ABAV-PE, informa que a terceira idade representa, atualmente, de 16% a 35% dos clientes ativos das agências de turismo.

Segundo a ABCMI-Nacional (2002), em 2000, 25% do fluxo de turismo no Brasil foi movimentado pela terceira idade; em 2001, dos R\$ 31,9 bilhões movimentados pelo turismo, R\$ 20 bilhões vieram do turismo interno e a melhor idade movimentou 80% dos fluxos do turismo interno na baixa estação.

Os dados da Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (Braztoa), enfatizam que esse turismo já representa 10% do faturamento das operadoras de turismo brasileiras, o equivalente a R\$ 800 milhões ao ano. O turismo para terceira idade vem crescendo cerca de 5% a 8% ao ano nos últimos três anos no Brasil. (SIAS, 2003). Contudo,

de acordo com o vice-presidente dessa entidade, Rodolpho Gerstner, o potencial de crescimento desse mercado é da ordem de 30% ao ano. E acrescenta que as viagens dos idosos têm uma parcela do faturamento do setor de até 50% se for considerado o fato que eles, muitas vezes, pagam as viagens de filhos e netos (SIAS, 2003). Diz ainda Gerstner que as operadoras de turismo estão descobrindo esse filão de mercado e criando produtos específicos para esse público. Um pacote de turismo para a terceira idade precisa ter, além de tudo o que os outros oferecem, diferenciais na área de saúde e alimentação (SIAS, op. cit.).

Mesmo com as informações das fontes citadas que salientam o desenvolvimento do turismo para terceira idade, numa avaliação empírica, Fromer; Viera (2003) entendem que há uma lacuna ainda a ser preenchida no que se refere, por exemplo, ao conhecimento do público da terceira idade e que a oferta turística ainda sofre resistência desde sua implementação por parte das próprias empresas que, *a priori*, vêem este segmento como de poucos recursos e de pouca disposição para viagens.

Há, portanto, um caminho a ser percorrido que perpassa, inicialmente, pela compreensão da velhice como continuidade de um processo natural da vida e da heterogeneidade bio-psico-social do indivíduo que a vivencia, colocando em jogo, nesse universo, o entendimento do que seja o *lazer* e o *turismo* na terceira idade.

1.1 Lazer na Terceira Idade: um debate teórico

Conforme já discernido, o Programa Clube da Melhor Idade se propõe a melhorar a qualidade de vida das pessoas com idade a partir do 50 anos fomentando, especialmente, o lazer, um aspecto da qualidade de vida (Butler, 1997; Neal, 2002) e o turismo, que é uma atividade de lazer.

Nesse contexto, inicialmente, torna-se interessante destacar que alguns estudos recentes buscam definir o conceito de qualidade de vida, cuja consequência tem sido um extraordinário progresso na investigação desta temática (Férrandez-Ballesteros, 1998; Gómez-Vela e Sabeh, 2003). Deste modo, do ponto de vista histórico, Gómez-Vela; Sabeh (2003) esclarecem que é muito antigo o interesse por qualidade de vida, mas que o surgimento do

conceito como tal e a preocupação pela avaliação sistemática e científica do mesmo é relativamente recente.

A idéia começou a popularizar-se na década de 60 até converter-se, hoje, em um conceito utilizado em contextos muito diversos, como a saúde, a educação, a economia, a política e o mundo dos serviços em geral.

Em um primeiro momento, a expressão *qualidade de vida* apareceu nos debates públicos relacionados ao meio ambiente e aos questionamentos quanto às condições da vida urbana. Durante a década de 50 e início da década de 60 do século XX, o crescente interesse por se conhecer o bem-estar humano e a preocupação com as conseqüências da industrialização da sociedade fizeram surgir a necessidade de se medir tal contexto por meio de dados objetivos.

Com as Ciências Sociais deu-se início ao desenvolvimento de indicadores sociais e estatísticos que permitiram medir dados e fatos vinculados ao bem-estar social de uma população. Também, o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos indicadores sociais⁶ em meados dos anos 70 e começo dos anos 80 (século XX) provocaram o processo de diferenciação entre estes (indicadores) e a qualidade de vida. A expressão passou a definir-se como conceito integrador que compreende todas as áreas da vida (caráter multidimensional) e faz referência tanto a condições objetivas como a componentes subjetivos.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), qualidade de vida “*é a percepção pessoal de um indivíduo acerca de sua situação de vida, dentro do contexto cultural e de valores em que vive e em relação com seus objetivos, expectativas, valores e interesses*”.

⁶ Indicadores sociais: são estatísticas sobre aspectos da vida de uma nação que, em conjunto, retratam o estado social dessa nação e permitem conhecer o seu perfil. O conjunto de indicadores sociais compreende dados gerais sobre distribuição da população por sexo, idade, cor ou raça, sobre população e desenvolvimento, pobreza, emprego e desemprego, educação e condições de vida (IBGE, 2000).

Lolas⁷ (1997, apud Viguera, 2002, p. 2) diz que qualidade de vida “*se trata de um construto subjetivo, multidimensional, complexo e dinâmico: é a própria satisfação, em diversas áreas vitais e inclui aspectos positivos e negativos*”.

Segundo o autor, ponderar sobre o conceito de qualidade de vida requer englobar quatro características que são definidoras.

- a) O conceito de qualidade de vida sempre se refere à percepção que as pessoas têm sobre a sua situação de vida, no contexto de sua própria cultura. É um conceito, portanto, eminentemente valorativo e eminentemente subjetivo. Ninguém, senão os próprios interessados podem dizer como é a sua qualidade de vida. Assim, a primeira característica deste conceito é que é subjetivo e expressa uma valoração das pessoas ante a forma que estão vivendo;
- b) Qualidade de vida é um conceito multidimensional. Não basta somente avaliar como estão as pessoas em seu ambiente de trabalho, ou talvez somente em seu ambiente familiar ou na relação com outras pessoas. A característica universal do construto qualidade de vida é a multidimensionalidade;
- c) Qualidade de vida é um conceito complexo. Não basta ter muito (no sentido de quantidade/intensidade) de tudo, uma vez que existem, evidentemente, algumas coisas de que convém ter pouco para se estar bem. Exemplifica: convém ter poucas preocupações ou poucas queixas; e, ao contrário: é bom ter muitas satisfações e muitas razões pelas quais estar alegre. Há que se ter claro que em muitas das condições nas quais se vive é bom ter, de algumas coisas, pouco, e outras coisas, muito;
- d) Qualidade de vida é construto dinâmico. Quer dizer, é importante considerar em sua avaliação as mudanças que ocorrem no estado de qualidade de vida das pessoas ao longo da vida, ou seja, os critérios ao se avaliar qualidade de vida mudam junto com a mudança das pessoas. Captar a individualidade das pessoas é, acredita o autor, a base do construto qualidade de vida.

Destacando também a característica multidimensional, Fernández-Ballesteros (1998, p. 01) descreve qualidade de vida como,

um macro conceito multidimensional que envolve componentes ou condições diferentes, cujo peso ou importância varia em relação a uma série de parâmetros pessoais (como a idade ou o sexo), ou sociais (como as condições sócio-econômicas

⁷ Lolas F. Estudio cualitativo de la calidad de vida en el senescente: una propuesta metodológica. **Vértex**, v. 29. 1997.

ou educacionais). E mais: ainda que a qualidade de vida tenha grande relevância, não somente científica, mas também social, se tem convertido no objetivo por excelência do estado de bem-estar e, realmente, das políticas sócio-econômicas de todos os estados modernos e democráticos de qualquer posição política.

Fernández-Ballesteros (1998) afirma ainda que, ao se intentar definir o conceito de qualidade de vida, é importante levar-se em conta dois argumentos: aquele que entende qualidade de vida exclusivamente como uma percepção subjetiva do indivíduo sobre certas condições; outro que compreende o conceito a partir da inclusão de ambas, as condições subjetivas (relacionadas com a avaliação do sujeito ou com a apreciação das diferentes condições da vida) e as condições objetivas (as mesmas condições, mas avaliadas independentemente do sujeito).

A autora defende o argumento de que a visão reducionista de qualidade de vida – que seja exclusivamente subjetiva ou exclusivamente objetiva – somente irá empobrecer e invalidar um conceito que, por sua própria natureza, é extraordinariamente diverso. A vida estabelece condições objetivas e a existência humana proporciona consciência e reflexão, quer dizer, subjetividade (Fernández-Ballesteros, op. cit.).

Butler (1997), também abordando qualidade de vida, sugere uma lista (Tabela 1) de vários aspectos relacionados a esse construto, os quais se aplicariam ao longo da trajetória do ser humano. Alguns desses aspectos da qualidade de vida são óbvios, tais como os aspectos físico, pessoal, financeiro e bem-estar social. Estas categorias incluem, dentre outras, o domínio de habilidades intelectuais, a capacidade de executar atividades da vida diária, preservação dos sentidos, rede de apoio social, uma base financeira adequada, controle sobre a vida (independência, autonomia e escolha). A qualidade de vida compreende também a liberdade, a proteção legal e dos direitos humanos. Longe de serem imutáveis, mesmo estes elementos básicos são relativos e sua importância varia largamente de acordo com a personalidade e circunstância.

TABELA 1: Indicadores de Qualidade de Vida

Indicadores de Qualidade de Vida	
Bem-estar físico <i>Energia e função</i> <i>Sexualidade</i> <i>Qualidade do cuidado com a saúde</i> <i>Ausência de dor</i> <i>Preservação dos sentidos (visão, audição)</i> <i>Sono e descanso adequados</i> Bem-estar financeiro e material <i>Segurança e independência financeira</i> <i>Renda de fontes variadas</i> <i>Ter um trabalho</i> Bem-estar pessoal <i>Saúde mental e felicidade</i> <i>Auto-estima/dignidade</i> <i>Identidade, crescimento contínuo</i> <i>Imagem do corpo/aparência</i> <i>Memória</i> <i>Controle sobre a própria vida/independência</i> <i>Dignidade</i> <i>Moral</i> <i>Ausência de estresse excessivo</i> <i>Adaptatividade</i> <i>Escolha – oportunidade</i> <i>Educação</i> <i>Amor</i> Bem-estar social <i>Família, amizade, rede social e sistema de suporte</i>	Satisfação com a vida <i>Reminiscência e revisão da vida</i> <i>Realizações</i> <i>Vida plena</i> <i>Criatividade</i> <i>Serenidade</i> Bem-estar significativo <i>Contribuições para outros/altruísmo</i> <i>Envelhecimento produtivo</i> <i>Conhecimento (verdade)</i> Bem-estar estético <i>Exposição à música, artes, humanidades (beleza)</i> <i>Tempo de Lazer</i> Alegria <i>Prazeres grandes e pequenos: alimentação, recreação; viagem, excitação, Regozijo</i> Bem-estar moral <i>Consciência limpa (bondade)</i> Satisfação com a existência <i>Sentimento de que “tem sido bom viver”</i> Espiritualidade <i>Além do eu</i> <i>Crenças pessoais</i> Vivência do presente <i>Simplicidade</i> <i>Liberdade de preocupação com o passado e o futuro</i> Final da vida <i>Qualidade no final da vida</i> <i>Senso de controle</i> <i>Qualidade do cuidado (dor e sofrimento)</i>

Fonte: Butler (1997, tradução nossa)

Convém destacar que, considerando-se a proposta do PCMI de melhorar a qualidade de vida de seus integrantes e tomando-se como referência a literatura pesquisada sobre esse construto, pode-se estabelecer que, para fins desta dissertação, a dimensão subjetiva – enquanto um dos parâmetros inerentes a abordagem sobre qualidade de vida – é o aspecto principal, na medida em que se está priorizando a percepção dos sujeitos face a uma situação específica: sua participação em um programa de turismo e das atividades turísticas e o quanto isto acrescenta para suas vidas.

Na lista sugerida por Butler (op. cit.), o lazer é também indicado como uma dimensão da qualidade de vida, sobretudo quando compreendido em sua função de

desenvolvimento pessoal, isto é, *“a função que permite uma participação social maior e mais livre, a prática de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão”* (Dumazedier, 1979). Por tal consideração, o lazer é um direito a ser integrado na qualidade de vida de uma pessoa (RODRIGUES, N., 2000).

Nesta perspectiva, Ruskin (2000) o considera um dos principais recursos para o desenvolvimento pessoal, social e econômico, um aspecto importante para a qualidade de vida. Envolve formas globais de expressão ou atividades, cujos elementos são, em sua natureza, tanto físicos, como intelectuais, sociais, artísticos ou espirituais.

Para Parraguez; Abin (2000), há um espaço cada vez mais influente e importante do lazer na sociedade contemporânea, o que dá margem a compreendê-lo como um fenômeno cuja relevância dentro das esferas social, econômica e política se faz cada vez menos discutível. Do ponto de vista dos estudiosos do assunto, Marcellino (1983) revela que ainda não há consenso sobre o que seja lazer, o que gera dificuldades para abordagens do tema, programação de atividades, difusão, preferências e juízos de valor. Destaca, entretanto, a existência de pelo menos duas grandes linhas conceituais relacionadas a esta temática:

- a) a que se fundamenta na variável atitude e considera o lazer como um estilo de vida; portanto, independente de um tempo determinado; e,
- b) a que introduz o critério de tempo como uma variável; o lazer só se realiza num espaço de tempo específico, que não se confunde com o tempo dedicado ao trabalho ou à prática de outras responsabilidades (familiares, sociais, políticas e religiosas, etc.). O lazer é, então, situado como “tempo liberado”, do trabalho ou como “tempo livre”, não só do trabalho, mas dessas outras obrigações, enfatizando-se a qualidade das ocupações desenvolvidas.

Ainda de acordo com Marcellino (op. cit.), a tendência dominante entre os especialistas é no sentido de considerar as duas variáveis – tempo e atitude – na conceituação de lazer e enfatizar a qualidade das ocupações.

Assim, para estudiosos como Dumazedier (op. cit., p.84), para quem o lazer congrega também as duas variáveis, este pode ser definido como:

o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre e espontânea vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e

entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Marcellino (1983) lembra que em definições de lazer como a que foi citada, é perceptível o destaque dado a alguns aspectos específicos, tais como o seu caráter libertatório resultante da livre escolha (embora condicionada por fatores socioeconômicos), e seu caráter desinteressado (sem fins lucrativos, utilitários...).

No bojo da relação entre qualidade de vida e lazer na terceira idade, é importante ressaltar que, tal como registra Viguera (2002), o conceito de qualidade de vida aplicado a adultos maiores é relativamente recente já que foi ganhando importância nas últimas décadas do século XX, paralelamente ao aumento da esperança de vida alcançada. Também segundo a autora, na terceira idade muitos estudos têm prestado especial atenção à influência que as atividades de lazer e tempo livre têm sobre a qualidade de vida, o estado de saúde físico e os serviços que recebem as pessoas maiores. Entretanto, existem dificuldades para definir esta qualidade de vida em função da própria complexidade do termo e fundamentalmente devido aos fatores subjetivos e objetivos que o determinam; uns são próprios do indivíduo e outros do meio sócio-econômico e cultural no qual se desenvolve e nem todos mensuráveis da mesma forma.

De fato, para Neri (1993, p. 9) “*a promoção da boa qualidade de vida na idade madura excede os limites da responsabilidade pessoal e deve ser vista como um empreendimento de caráter sócio-cultural*”. Isto é resultante, portanto, não só do estado biológico, mas também das condições do meio ambiente em amplo sentido (interação social, hábitos, cultura, condições econômicas, uso do tempo livre, etc).

Quando se trata de idosos é passível de verificação, em determinados países, que o lazer vem ganhando peso cada vez maior, sobretudo quando associado ao tempo livre advindo com a aposentadoria (Tedrick; McGuire, 2000). Diz Lápiz (2003) que essa abertura dá lugar a uma situação de vida bastante diferente; e que, de fato, com frequência se postula a idéia de que, com a aposentadoria, tem-se uma vida com escassa atividade, sem deveres ou obrigações; uma vida de tempo livre e lazer; ou seja, a terceira idade emerge como uma fase privilegiada da vida para o aproveitamento do tempo para o lazer.

O conceito de tempo livre faz referência à existência de uma determinada quantidade de tempo, geralmente alheio às obrigações laborais, sociais ou de outro tipo e que constitui, em potencial, um tempo livre para o exercício da expressão e liberdade pessoal. Dispor de tempo livre não significa necessariamente desfrutar de lazer. O tempo livre é a condição necessária para que o lazer tenha espaço. Mas o lazer é uma realidade diferente. Surge como consequência de uma eleição e um uso voluntário e prazeroso do tempo livre. O lazer supõe enriquecer de sentido pessoal e/ou social o tempo livre através de uma ação livremente eleita. (ISPIZUA; MONTEAGUDO⁸, 1998 apud PARRAGUEZ; ABIN, 2000).

Dizem Parraguez; Abin (op. cit.) que o entendimento de que o lazer é uma atitude com que se ocupa o tempo não reivindicado pelo trabalho profissional ou atividade laboral. Esta designação de lazer, em termos opositivos ao trabalho ou atividades produtivas, leva a uma tentadora e quase automática associação de lazer com aposentadoria, onde, teoricamente, os que se encontram nessa situação estão desobrigados de compromissos profissionais, dispõem de recursos materiais para a satisfação de suas necessidades e têm uma experiência de vida e conhecimentos acumulados ao longo da vida.

Isto muito em decorrência de que a aposentadoria geralmente marca o início de um período em que o tempo livre se torna uma realidade e acredita - se que ocupá-lo com atividades de lazer pode desviar os idosos da possibilidade de perda de identidade, afastamento social e desequilíbrio físico e psicológico. Trata-se de uma concepção de velhice ativa, atrelada ao ideário de terceira idade, segundo o qual o envelhecimento significa um novo tempo, em que a liberação dos compromissos profissionais e familiares possibilita a vivência de experiências que haviam sido postas de lado, em favor dos papéis e responsabilidades exercidas durante o período laboral. É uma posição que se opõe ao significado de velhice como imobilidade e incapacidade (SALGADO 1996).

Também sobre a concepção de velhice ativa atrelada à idéia de terceira idade, enfatiza-se a análise de Debert (1999) que registra o quanto essa expressão (terceira idade) e os movimentos que se organizam em torno dela indicam mudanças radicais na forma como o envelhecimento é visto, deixando de ser compreendido como decadência física, perda de

⁸ ISPIZUA, M., MONTEAGUDO, M. J. Ocio y deporte en las edades del hombre. In: García, M. F. *et al*

papéis sociais e retraimento. Como exemplo, a autora cita o grande número de programas para a terceira idade no Brasil – como os grupos de convivência, as escolas abertas e as universidades – que cresceram de maneira impressionante. *"Neles, as etapas mais avançadas da vida são consideradas momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal"* (Ibid., p. 137).

De acordo com Dumazedier (1994, p.14), para a maioria dos aposentados *"é o lazer que constitui o conjunto mais extenso e mais significativo desta idade, mesmo quando a doença ou a miséria erguem seus obstáculos"*. Importante destacar-se que o contexto a que Dumazedier se reporta é a França, país desenvolvido, havendo diferenças, se comparado ao contexto da grande maioria dos idosos brasileiros.

Segundo o autor e no contexto citado, mesmo para eles, assistência econômica ou assistência sanitária não são suficientes: apesar da prioridade das necessidades materiais, suas necessidades de distração, conversação, leitura, passeios, espetáculos, viagens, etc., são cada vez mais numerosas, urgentes. Nas casas de retiro, nos lares, nos clubes, descobre-se cada vez mais que a maioria dos aposentados, válidos ou não, abastados ou pobres, está principalmente em situação de lazer e que as atividades novas se desenvolvem apesar da insuficiência do interesse ou dos preconceitos. É através da prática destas atividades, através dos valores correspondentes que as probabilidades de realização pessoal da terceira idade são mais fortes (DUMAZEDIER, op. cit.).

No Brasil, em pesquisa recente conduzida pelo SESC (2002) sobre voluntariado e terceira idade, o lazer aparece como o tipo básico de ocupação do tempo livre, sucessor das obrigações que acompanham a fase produtiva. Está ligado à sociabilidade, à participação, à busca de conhecimento, ao culto do corpo. Festas, confraternizações, passeios, visitas, excursões, mesclam-se com jogos, vivências corporais, participação em cursos, palestras, oficinas, corais, teatro. A pesquisa, de que participaram 1.108 pessoas com idade acima de 55 anos (a maioria mulheres de 60 anos e mais), mostrou que as atividades de lazer ocupam papel fundamental no conjunto das ações dos idosos entrevistados. *"Nada menos que 81%*

declararam praticar alguma atividade de lazer pelo menos 2 dias da semana. Cerca de um quarto (24%) pratica todos os dias” (p. 11).

Para metade dos entrevistados, as atividades de maior interesse são as marcadas por conteúdos ligados à sociabilidade, como festas, confraternizações, passeios, excursões, encontros e outros.

O CMI Fios de Prata é um espaço onde parece que as atividades de lazer têm destaque acentuado, ocupando muito do tempo dos encontros/reuniões semanais do grupo (segundas e quartas-feiras). Alguns homens jogam baralho. Um grupo está “remendando” o couro do Boizinho Fios de Prata – nome da brincadeira de Bumba-meu-boi do grupo – um outro ensaia algumas toadas. Amanhã será dia 8 de setembro, aniversário de São Luís e eles farão duas apresentações do boizinho: uma no Asilo Solar do Outono e outra no SESC (Diário de Campo, setembro/2002).

Em sua abordagem sobre o lazer de idosos, Harahousou (2000) lembra que as experiências de lazer oferecem oportunidades para a interação social de forma produtiva e, por extensão, conduzem aos benefícios da socialização. A autora considera que a disponibilidade de tempo livre permite que se aprendam novas atividades e se desenvolvam novos interesses como parte de um grupo.

Iwanowictz (2000, p. 105), referindo - se, especificamente, ao lazer de aposentados, destaca que este pode adquirir *“o caráter de suporte social no processo contínuo de desenvolvimento da pessoa em termos de novas habilidades, experiências e conhecimentos e, principalmente, da motivação social para a auto-realização pessoal”*.

Esta reflexão sobre o lazer como dimensão importante para o desenvolvimento humano vai, portanto, ao encontro ao pensamento de Dumazedier (1994), cuja definição de lazer enfatiza também o desenvolvimento pessoal, a participação, a liberdade da pessoa e a escolha voluntária das atividades, conforme já destacado anteriormente.

Estabelecendo-se, porém, um contraponto com a situação, é importante enfatizar algumas pesquisas que, embora não desqualificando a relevância e o significado do lazer para os idosos, chamam atenção para certos pontos interessantes desta relação no Brasil, tais como a forma como os sujeitos constroem seus próprios lazers, como os definem conforme suas necessidades, condições e significados, além da maneira como se processam as pesquisas sobre o tema.

O estudo de Calegari (1997) (que buscou compreender a relação entre lazer e aposentadoria) revelou que o primeiro não é norteador da vida dos sujeitos em todas as suas dimensões, posto que há os compromissos familiares e domésticos e, muitas vezes, o retorno ao trabalho. Isto é, embora o lazer sendo considerado como *"diversão para grande parte dos entrevistados, nem todas as atividades de suas vidas são consideradas como tal"* (p., 142).

McGuire (2000) discute em sua pesquisa o que se conhece com certeza acerca de pesquisas sobre a relação lazer e envelhecimento/pessoas idosas. Enfatiza que provavelmente "sabe-se" que o lazer contribui para a sua qualidade de vida, porém, alega ainda não ser possível dar respostas conclusivas sobre tal relação; segundo o autor, algumas das razões incluem desde a formulação correta das questões das entrevistas, passam pela criação de equipes competentes e até o financiamento para a condução das pesquisas que investigam esta temática.

Salgado (1996), ao analisar a temática lazer e terceira idade, atesta que *"[...] muito embora seja comum a afirmação de que o tempo da aposentadoria se identifica com um tempo de lazer, tal não acontece"*. O autor cita o resultado de pesquisas conduzidas nos Estados Unidos que atestaram serem os idosos,

(...) os que menos freqüentam equipamentos ou participam de lazer (...); mesmo para aqueles cujas condições econômicas são boas, o impacto com a parada do trabalho profissional determina grande relutância em assumir uma vida de lazer
(Ibid.. 23)

Acredita-se que as contradições presentes nas constatações citadas demonstram que ainda há muito que investigar sobre como esses sujeitos configuram seu tempo livre, já que se observa um panorama bastante diversificado, consequência da própria amplitude do termo lazer e, por extensão, das diferentes maneiras de percebê-lo. Prioritariamente, há que se considerar o envelhecimento como um processo de crescimento, estruturado em torno do tempo e marcado por mudanças biológicas, psicológicas e sociais (Viguera, 2002).

Portanto, frente a uma velhice heterogênea e a uma série de elementos que intervêm em sua configuração (o gênero, a ruralidade ou o urbanismo, o trabalho desempenhado, etc.), o emprego do tempo livre apresenta uma ampla variedade de formas e significados, junto com o processo de revalorização sócio-cultural do lazer. O lazer na terceira

idade é fruto de um processo evolutivo; está evoluindo e seguirá evoluindo (PARRAGUEZ; ABIN, 2000).

Concorda-se com Fromer; Vieira (2003) que, de uma maneira geral, a compreensão do lazer como uma dimensão, que mexe com a criatividade e que favorece os relacionamentos interpessoais, torna-o um elemento fundamental não somente para o entendimento teórico de questões em torno da terceira idade, mas como alternativa concreta para a melhoria da qualidade de vida, na medida em que enseja motivação para que se continue ativo, produtivo e interessado, convergindo para a realização pessoal.

Em síntese: acredita-se que, para as pessoas maiores, satisfazer as necessidades de lazer, tendo sanado as condições e necessidades básicas de vida de forma satisfatória, leva ao bem-estar e melhora a qualidade de vida. Contudo, o estilo de vida, a ocupação exercida durante a etapa da atividade laboral influi e reflete na percepção, vivência e satisfação que se pode experimentar, por exemplo, na aposentadoria e, por extensão, na ocupação do tempo livre e na eleição e desenvolvimento de determinadas atividades (tal como o turismo) que configuram o lazer na terceira idade.

1.2 Turismo como atividade de lazer na terceira idade

“O turismo faz parte de um universo chamado lazer” (Trigo, 1995). E, segundo Camargo (1999, p. 26), *dentre todas as atividades de lazer, o turismo é certamente a que mais provoca ansiedade nos indivíduos, por todo um conjunto de imaginários e motivações que cercam o antes, o durante e o depois de uma viagem de lazer turístico.*

Contudo, não obstante a sua compreensão generalizada como o ato de viajar, o turismo, na realidade, representa uma manifestação social importante e dinâmica, das mais expressivas e crescentes da atualidade. A viagem é apenas um dentre os vários elementos que o envolvem e a prática turística, como um todo, está relacionada à mobilidade espacial das pessoas e *“este movimento revela elementos tais como interações e relacionamentos*

individuais e grupais, compreensão humana, sentimentos, percepções e motivações" (WAHAB, 1991, p. 3).

Essa consideração de Wahab faz perceber que o Turismo, enquanto objeto de estudo, remete, impreterivelmente, para um confronto com sua complexidade e abrangência. Segundo Przeclawski⁹ (1993, apud Rodrigues, A., 2001), complexidade, porque não existe uma definição aceita universalmente mas, sim, muitas tentativas diferentes de responder à questão: o que é Turismo. Abrangência porque o Turismo insere-se em vários campos de conhecimento e cada definição proposta reflete um ponto de vista específico e isto acaba por torná-lo alvo de múltiplas abordagens.

Todo esse contexto, que torna o Turismo *"um fenômeno social complexo e diversificado"* (Barretto, 1995, p. 17), se traduz na condição de que defini-lo satisfatoriamente não é uma tarefa das mais fáceis, incorrendo no fato de que sua investigação científica deu margem à construção de muitas definições. Seriam, portanto, aspectos relacionados à recreação, à educação e à cultura que formariam a base do turismo, elevando a sua condição de fenômeno social antes de fenômeno econômico. Ao encontro desta abordagem pode-se registrar a definição dada por Oscar de La Torre¹⁰ (1992) considerada por Barretto (1995, p. 64) como uma das mais recentes, segundo a qual o Turismo é:

um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

A perspectiva de De La Torre identifica o Turismo como um fenômeno, mas, singulariza o autor, um fenômeno social. Têm-se o destaque aos elementos motivacionais e a relação com as várias dimensões nas quais o turismo pode gerar repercussão: social, econômica e cultural. Isto reforça a sua suscetibilidade de ser campo de estudo de interesse a várias ciências sociais.

Considerar o Turismo como um fenômeno implica em estabelecer que este:

⁹ PRZECLAWSKI, K. Tourism as the subject of interdisciplinary research. In: PEARCE, D.G., BUTLER, R. W. (orgs.) **Tourism Research: critiques and challenges**. UK: Routledge, London, 1993, p. 9-19.

¹⁰ DE LA TORRE, Óscar. **El turismo - fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

- a) Possui determinantes que não permitem seu acontecimento a qualquer momento;
- b) Possui determinantes que não permitem seu acontecimento em qualquer local; e
- c) Traz conseqüências importantes após sua manifestação.

Dentre os elementos básicos de caracterização do Turismo, alguns presentes na definição de De La Torre, pode-se enfatizar:

- a) **Deslocamento** - condição essencial do turismo implica no movimento das pessoas com finalidade de fazer um tour; transportes serão utilizados e se formará o tráfego;
- b) **Permanência** - relaciona-se ao tempo de presença do turista no espaço turístico; envolve solicitações de bens e serviços e as conseqüências resultantes;
- c) **Tour** - elemento que mais caracteriza o turismo, significa a volta realizada pelo turista (origem/destino/origem), incluindo a programação realizada;
- d) **Motivação** - gera a condição de realização do tour, pelo estímulo criado pelo espaço turístico receptivo, ou pelo interesse e necessidades pessoais do turista.

Jafari¹¹ (1989) citado por Rodrigues, A. (2001, p. 7) propõe uma compreensão integradora do turismo, inserindo ao seu estudo teorias e conceitos de disciplinas interdisciplinares (antropologia, sociologia, economia, geografia, ecologia, ciência política, estudos urbanísticos), culminando em considerar o objeto do turismo como,

“o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades e dos impactos que ambos geram sobre os ambientes físico, econômico e sócio-cultural da área receptora.”

À guisa de conclusão, Jafari (id., 1989) propõe, desta forma, um tratamento holístico do turismo, onde se possa perceber que este pressupõe uma interação social e cultural e, simultaneamente, uma estrutura que precisa ser entendida para ser operacionalizada e maximizada.

Nesse contexto, para o autor estudar holisticamente o fenômeno turístico, significa buscar integrar as diferentes perspectivas existentes sobre o mesmo. Isto é, abordá-lo e

¹¹ JAFARI, J. Structure of tourism. In: STEPHEN, W., MOUTINHO, L. (orgs.). **Tourism Marketing and Management Handbook**, Reino Unido: Prentice Hall International, 1989, p. 437-442.

compreendê-lo do ponto de vista sociológico, econômico, psicológico ou geográfico (dentre outros), uma vez que são reais as implicações que o turismo exerce sobre várias dimensões da sociedade. Nenhuma disciplina, isoladamente, poderá ajustar, estudar e compreender o Turismo. (Id., 1989).

Ao afirmar que o turismo não se permite ter uma só forma, Wahab (1991) reafirma ser este um termo genérico que engloba formas diversas de viagens e se mantém em sintonia com as motivações – "*causas subjetivas que influenciam a decisão de viajar*" (Barretto, 1995, p. 64) – que estão na base dos deslocamentos. Isto implica nas várias tipologias encontradas na literatura da área, estabelecidas pelos mais diferentes pesquisadores do turismo. Deste modo Barretto (1991), por exemplo, propõe uma tipologia de turismo tendo como elemento diferenciador critérios variados de: natureza, nacionalidade dos turistas, volume, composição social, duração, objetivo, modo de viajar, meio de transporte, permanência, âmbito geográfico, financiamento e faixa etária, este último podendo ser infanto-juvenil, adulto, *para a terceira idade* e familiar.

É possível compreender, então, como a partir desses critérios, por exemplo, pode-se vislumbrar o quanto o mercado de turismo é passível de constante segmentação, contando com um sem número de modalidades (saúde, rural, cultural, ecológico, eventos, pesca, aventura, dentre muitos outros), baseadas em diferentes interesses/motivações, condições socioeconômicas e exigências, implicando no crescimento do mercado turístico, uma vez que gera novas demandas de consumidores.

Esse desenvolvimento tem ocorrido de maneira gradual, sobretudo durante o século XX, na medida em que o turismo foi se tornando mais acessível a um público cada vez mais extenso, graças, principalmente, ao progresso tecnológico e organizacional que aumentou a produtividade, reduziu custos e as jornadas de trabalho e instituiu as férias remuneradas, deixando de ser possível apenas aos mais ricos e passando a estar ao alcance de um número maior de pessoas.

Trigo ratifica essa observação afirmando que o turismo tornou-se mais acessível a grandes parcelas da população após a década de 1950, democratizando-se em vários países,

sobretudo nos países desenvolvidos, “*graças às conquistas sociais dos trabalhadores, que significaram melhores salários, férias remuneradas e tempo livre da produção para atividades de sua escolha, inclusive no campo do lazer, no qual se insere o turismo*” (TRIGO, 1998, p. 34).

Esta consideração de Trigo remete ao contexto do surgimento do turismo organizado, consequência do desenvolvimento tecnológico da Revolução Industrial (iniciada na Inglaterra, final do século XVIII) e da formação de parcelas da burguesia comercial e industrial com tempo, dinheiro e disponibilidade para a realização de viagens em meados do século XIX, assim como a valorização crescente do lazer. Nesse contexto, verifica-se uma evolução no sentido da democratização do acesso ao turismo, cuja prática surgiu inicialmente como um privilégio de classes sociais pertencentes aos estratos econômicos mais elevados.

Entre os segmentos mais beneficiados estão as pessoas mais escolarizadas e profissionais de nível superior que têm cada vez mais acesso a viagens, antes privilégios das classes mais abastadas (Rodrigues, A. B., 1997). Além deles, segmentos de escolaridade e renda mais baixas vêm crescentemente podendo participar de formas de turismo mais baratas e mais localizadas sob a possibilidade de motivações diversas: conhecer novos lugares, novas formas de vida e, além de tudo, poder num curto período alterar a rotina e fins de semana.

Como observa Coriolano (1998, p. 30):

A idéia de viajar vem penetrando de tal forma na mente do homem moderno que, cada vez mais, se fortalece como uma conquista, um direito, uma possibilidade, um consumo. Pode-se afirmar que a viagem é hoje um dos grandes consumos criados no contexto da sociedade através dos meios de propagação coletiva, sobretudo os meios de comunicação de massa eletrônicos.

Nesta perspectiva, Trigo (op. cit., p.110) acrescenta ainda que,

O turismo para trabalhadores em geral, jovens e crianças, idosos, deficientes físicos, naturalistas, minorias étnicas, culturais e religiosas, torna – se uma realidade a cada dia.

Cabe, ainda nessa linha de raciocínio, enfatizar a posição de Burns (2002) que percebe existir dentro do turismo, cada vez menos, uma hierarquia única e estável de estilos. Emerge, em vez disso, uma fragmentação de diferentes estilos de turismo refletindo faixas etárias, classe ocupacional e estilos de vida, à medida que o próprio fenômeno amadurece e as

estratégias de marketing tornam mais sofisticadas. É, portanto, no universo em que se desencadeia todo esse processo, articulado em torno de motivações, conquistas sociais, mídia, consumo, classes sociais, que o turismo mudou de escala, passando de um bem superior, característico do consumo de elite, para a categoria dos bens de grande consumo.

Assim, o turismo se caracteriza por possuir imensa capacidade de adaptação e de segmentação de seu mercado, moldando-se ante as dinâmicas de estruturação de novos produtos e também em novos mercados consumidores. É desta forma que o Turismo para Terceira Idade aparece como fruto da segmentação turística, crescentemente ocupando espaço e ganhando visibilidade no contexto em que se desenvolve o turismo e sob o novo conceito de envelhecimento adotado pela sociedade moderna. Entretanto, para a consolidação deste tipo de turismo, dizem Fromer; Vieira (2003) há que se despertar para um perfil psicossocial e de consumo, apontando para indivíduos que, sob a chancela da terceira idade, revelam-se interessados e abertos a vivenciar novas experiências e adquirir conhecimentos, ainda que estas possibilidades não sejam permissíveis a uma parcela significativa da sociedade brasileira.

CAPÍTULO II

TURISMO E TERCEIRA IDADE: O CASO BRASILEIRO

*“... mire, veja ... o mais importante e bonito
do mundo é isto: as pessoas não estão
sempre iguais, ainda não foram terminadas,
mas, que elas vão sempre mudando”.*
Guimarães Rosa

A sociedade brasileira, a partir da segunda metade do século XX, observa na sua composição etária um aumento absoluto e relativo da população adulta e idosa, sendo a faixa etária de 60 anos, em diante, a de maior crescimento em termos proporcionais (FERRARI, 1996).

O declínio acentuado da fecundidade, a redução dos níveis da mortalidade e mais o fato de que as pessoas estão vivendo mais (aumento da expectativa de vida como fruto, sobretudo, das conquistas tecnológicas e da ciência médica) são os principais responsáveis pelas mudanças nas estatísticas relacionadas ao perfil etário da população brasileira.

Até 1940, o Brasil era predominantemente jovem, com 42% de sua população inferior a 15 anos. Em 1999, a faixa etária jovem declinou para 30,3% enquanto que a população de 60 anos e acima desta, que em 1940 era apenas de 4%, sobe para 8% em 1999. (BERQUÓ, 1999).

Se, por um lado, o *destaque* de tais transformações demográficas, isto é, o aumento da proporção de idosos na população, tem sido encarado como uma preocupação social, haja vista que a demanda composta por esses indivíduos “maiores” requer atenção específica, apontando para a necessidade de prioridade nas políticas públicas (assistenciais, previdenciária, saúde), por outro lado, esse destaque configura-se como formador de uma grande oportunidade de negócios para diferentes setores. A realidade de tal afirmação é passível de constatação quando nos deparamos com a acentuada quantidade de ações comerciais e iniciativas voltadas para a educação, a cultura, o lazer, o setor de cosméticos, entre outras direcionadas a este estrato etário.

Alguns dados do estudo de Camarano (1999) sobre como vive o idoso brasileiro, expressaram que, no geral, o idoso hoje está em melhores condições de vida que aquele do passado recente e também com relação à população mais jovem: “*ganha mais, uma parcela maior tem casa própria e contribui significativamente para a renda familiar*” (p. 05). Para a autora, o aumento da longevidade, conjugado com o momento por que passa a economia brasileira, com efeitos expressivos sobre o jovem (as dificuldades de inserção no mercado de trabalho), tem levado o idoso a assumir papéis não esperados nem pela literatura, nem pelas políticas públicas.

O Panorama da Maturidade, pesquisa concluída pela Indicator GfK (2003) com o objetivo de investigar o perfil dessa parcela da população, buscou conhecer características de comportamento, gastos, saúde, alimentação, moradia, transporte, educação, cultura, lazer e consumo de mídia. A pesquisa ouviu 1,8 mil homens e mulheres com mais de 60 anos nas grandes regiões metropolitanas do País e em Goiânia e Brasília. Os dados levantados mexem com a imagem tradicional que relaciona velhice a problemas. Ao contrário, são eles os responsáveis pela manutenção de 25% dos lares nacionais, ou seja, 47 milhões de domicílios. De cada 100 entrevistados, 68 declaram ser responsáveis pelas decisões de compra da família (GRINOVER, 2003).

As maiores despesas dos idosos revelam os dados dessa pesquisa, são com o supermercado, 24% do total de gastos. Em seguida vêm os gastos com planos de saúde, 9%; e luz e telefone, ambos representam 6% do orçamento. Nas despesas pessoais, a compra de remédios tem o maior peso, 10%; e, em seguida, as viagens, 5%. Mais da metade desses idosos fez ao menos uma viagem no último ano.

No campo do lazer, a viagem de turismo destaca-se como uma das atividades em que o envelhecimento da população revela ter grande poder atrativo. Para Cleaver (2003) essa atratividade perpassa por dois aspectos básicos que têm contribuído para afastar a ignorância deste grupo como um segmento turístico merecedor de estudos e investigação. O primeiro salienta que, para o mercado da terceira idade, projeta-se um constante crescimento, devido ao aumento da expectativa de vida e do envelhecimento da geração *Baby Boom* (os nascidos pós Segunda Grande Guerra Mundial). Outro aspecto é que, segundo a autora, o mercado turístico já reconhece que os indivíduos de terceira idade, como grupo, são dotados de vitalidade e

desejo de viajar, notadamente nos países desenvolvidos. No contexto brasileiro, o turismo ainda se mostra incipiente no conhecimento desse segmento e no empenho em atendê-lo satisfatoriamente (FROMER; VIEIRA, 2003).

De uma forma geral, são estes aspectos que atribuem ao segmento formado pelo chamado público da terceira idade a condição de real e potencial revitalizador de destinos turísticos ante aos efeitos da sazonalidade provocada pela queda das viagens (turísticas) em períodos de baixa estação.

Bacal (1992) indica que incentivar o turismo para a terceira idade pode ser uma alternativa viável de redução ou mesmo de solução para a sazonalidade e os problemas por ela gerados, considerando que com tal segmento existe a possibilidade de se compor um fluxo permanente nas baixas temporadas, favorecendo a aquisição de pacotes turísticos, a taxa de ocupação hoteleira e a utilização de equipamentos e serviços turísticos.

As discussões geradas em torno desse fato destacam também que tempo livre (um estímulo para a realização de viagens em qualquer temporada) e maior poder aquisitivo são variáveis importantes no reconhecimento do volume e do potencial de crescimento que os adultos maiores representam para o turismo enquanto segmento de mercado¹ (Armadans, et al., 2002; Cleaver, 2000; Fleischer; Pizam, 2001; Fromer; Vieira, 2003; Horneman, et al., 2002; Silva, 1998). E nesse contexto, o turismo tem sido visto como uma grande possibilidade de resposta às necessidades objetivas e subjetivas de preenchimento do tempo livre das gerações “maiores”, cada vez mais numerosas e desfrutando de grande liberdade de horários, sem as obrigações impostas pelo trabalho em sua concepção tradicional (GRAÇA, 2000; FROMER; VIEIRA, 2003).

Isto significa que esse tempo livre ganhou uma importância econômica e peso social, pois agrega um número crescente de pessoas em tais condições e em nome das quais instituições e entidades empresariais de diversas naturezas (privadas, públicas, ong's...) se disponibilizam a desenvolver as mais variadas ações por razões também abrangentes, ou de caráter técnico, social ou mesmo apenas pelas tradicionais razões de mercado. Como atesta

¹“É a divisão do público-alvo em agrupamentos homogêneos, com uma ou mais referências mercadologicamente relevantes”; “grupo de consumidores com características e preferências homogêneas”. (VAZ, 1999, p. 80).

Vaz (1999), vislumbrada a possibilidade de que o idoso vive uma condição ideal para usufruir o tempo livre, diversas empresas buscaram trabalhar o então emergente segmento, hoje já uma forte realidade mercadológica.

Turismo de terceira idade, turismo sênior e turismo da melhor idade são algumas das expressões utilizadas em apelos publicitários e campanhas de marketing no mercado turístico² para o segmento de cinquenta, sessenta anos e mais. Conforme já referido, essas expressões estão ligadas às discussões acerca da construção cultural do termo terceira idade e seu objetivo de atribuir à velhice uma nova concepção. Essa nova concepção surgiu quando se buscava uma identidade positiva para velhos e velhas visando afastar a condição de isolamento, caracterizando, por exemplo, a aposentadoria como um tempo livre para o lazer (PEIXOTO³, 1997 apud MATTOS, 2000).

Acrescentando mais algumas informações interessantes, Peixoto (1997) citado por Strey; Prehn; Mattos (2002), explica que foi na França, com a formulação de novas políticas sociais para a velhice, na década de 60 do século XX, que houve uma mudança na estrutura social, trazendo prestígio aos aposentados e transformando a imagem das pessoas envelhecidas. Desse modo, especificamente o termo “terceira idade”⁴ foi proposto para esse estágio de vida pelo francês Huet, quando da publicação da revista *Informations Sociales* (1962), que dedicava o número aos aposentados, logo ganhando aceitação geral e adeptos, uma vez que se referiu às pessoas idosas, sem menosprezá-las (LENDZION et al., 2002).

Segundo Barros (2002, p. 02), a expressão terceira idade,

Não classifica uma fase do curso da vida, a sua fase final, mas uma maneira específica de vivê-la. Essa forma de experiência do envelhecer é elaborada na sociedade moderna quando a aposentadoria se faz presente como um direito social

² “Constituído pelo conjunto dos consumidores de turismo e pela totalidade da oferta de produtos turístico” (IGNARRA, op. cit. p. 75).

³ Peixoto, C. De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. (org.). **Terceira Idade - desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI/UERJ, 1997, p. 41-74.

⁴ Também sobre a expressão “terceira idade”, Debert (op. cit., p. 138) faz registro, validando que esta “*originou-se na França (...) com a implantação, nos anos 70, das “Universités du Troisième Age”. Da mesma forma, a expressão “third age” (...) foi incorporada ao vocabulário anglo-saxão com a criação das “Universities of Third Age” em Cambridge, na Inglaterra, no verão de 1981, e é hoje de uso corrente entre os pesquisadores de língua inglesa interessados na velhice*”. Coriolano (2002) ainda acrescenta que essa expressão associa-se ao termo terceiro mundo, que por sua vez, associa-se à expressão terceiro estado da Revolução Francesa. Segundo a autora, isto é carregado de grande preconceito, remetendo ao descartável, ao improdutivo, ao que não interessa ao capitalismo, que vê o próprio homem como mercadoria.

nas nações modernas, quando aumenta a expectativa de vida e quando a ideologia individualista está implicada em todos os níveis da vida. Neste contexto, a representação da velhice negativa é substituída por uma imagem positiva no discurso de especialistas no envelhecimento na área médica e psicológica e, hoje, na sociedade como um todo.

É, portanto, no âmbito dessas denominações (que buscam romper com as antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados) que no campo de ação do turismo esse segmento é encarado como emergente, *com franco potencial de valorização e com repercussões positivas na economia e no desenvolvimento dos destinos turísticos de eleição desta “nova” clientela.* (Ferreira, 2001). Nesse contexto, o desenvolvimento da atividade turística como prática de lazer dirigido às pessoas de terceira idade verifica-se também junto a setores oficiais através de ações específicas para estimular este tipo de turismo, ou seja, a manifestação de iniciativas no âmbito das políticas públicas também se mostra em ascensão.

Assim, por exemplo, em vários países europeus trabalha-se turismo para terceira idade em consonância com esquemas de Turismo Social⁵ para que hotéis e *resorts* fiquem ocupados em períodos de baixa estação, o que ajuda a manter o círculo anual de empregos na indústria turística⁶. Programas como o do *Instituto Nacional de Serviços Sociales (Inserso)*, da Espanha chegam a organizar 400.000 viagens por ano para adultos maiores, enquanto que o *Instituto Nacional de Aproveitamento dos Tempos Livres (INATEL)*, de Portugal tem cerca de 45.000 idosos participando de seu projeto de férias. A *Agence Nationale pour les Chèques Vacances* da França, criada há 21 anos, proporciona viagens de férias para aproximadamente 80.000 pessoas de baixa renda, incluindo idosos (Africa Travel Magazine, 2002).

Segundo Rosa (2002), no caso brasileiro, pode-se considerar que as articulações relacionadas a Turismo Social ainda estão *“no meio acadêmico ou teórico, com poucos resultados práticos, seja na iniciativa privada ou nos órgãos públicos estaduais e federais responsáveis”* (p. 33). No Brasil, conforme o autor, encontra-se um mercado diferenciado do europeu, onde já existe uma consciência da sociedade e da sua unidade principalmente na

⁵ “Conjunto de relações e fenômenos resultantes da participação no turismo das camadas sociais menos favorecidas, participação que se torna possível ou facilitada por medidas de caráter social bem definidas, mas que implicam predomínio da idéia de serviço e não de lucro” (BITS, 2002).

⁶ Autores como Barretto (1991) e Trigo (1995) questionam a expressão “indústria turística”, lembrando que o Turismo faz parte do setor terciário da economia (prestação de serviços) e não ao setor secundário (industrial); porém, a denominação é encontrada largamente na literatura de Turismo, fruto da utilização do termo na Europa Ocidental e América do Norte.

economia e um poder aquisitivo mais próximo. O Turismo Social no Brasil tem objetivos parecidos, porém, dentro de uma realidade diferente.

No Brasil, pode-se destacar o Programa Clube da Melhor Idade instituído pelo então Ministério do Esporte e Turismo (MET), sob a coordenação da Embratur, como parte de articulações interministeriais direcionadas à Política Nacional do Idoso (criada pela Lei 8.842/94 e regulamentada pelo Decreto nº 1.948/96) (Brasil, 1998). Destarte, o Programa, com cerca de sete anos de existência, é operacionalizado pela Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade (ABCMI) e, de acordo com a Embratur, o Programa Clube da Melhor Idade constitui uma ação setorial prioritária que *"procura propiciar a melhoria da qualidade de vida - pelo lazer e turismo - dos brasileiros com mais de cinquenta anos"* (Embratur, 1996). Estes Clubes,

são sociedades civis, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria, que funcionam como centros de convivência, onde são programadas atividades artístico – culturais, de lazer e recreação, como viagens preparadas por agências credenciadas pela Embratur, a custos reduzidos (Embratur, 1996).

Concebido como forma de atender às carências da população maior brasileira, o Clube da Melhor Idade vem ao encontro, segundo a Embratur, da sua política de democratização do turismo interno, buscando possibilitar que as populações marginalizadas neste mercado, seja por motivos econômicos seja por causas contingenciais, tenham acesso ao turismo doméstico. Seu objetivo maior *"é melhorar o aproveitamento da oferta de equipamentos e serviços turísticos na baixa estação (março a junho – agosto a dezembro), atuando junto ao público da melhor idade"* (Embratur, 1996).

Aqui é válido chamar-se atenção para as intenções postuladas pela Embratur destacadas no parágrafo anterior. De um lado tem-se a *democratização do turismo interno* como o meio, a que a instituição recorre para tornar o turismo acessível às populações com possibilidades diminutas de usufruí-lo; o PCMI é então um dos instrumentos para promover este acesso, direcionado às pessoas de terceira idade que respondam a essa característica de "marginalizadas". Por outro lado, o discurso oficial apresentado na colocação do objetivo maior do PCMI prioriza *o aproveitamento da oferta de equipamentos e serviços turísticos na baixa estação* intencionando contribuir para sanar um problema muito comum em turismo que é a sazonalidade. Sob essa ótica, investir em ações para fomentar um turismo voltado ao

público da melhor idade é visto se não como uma possível solução, pelo menos como uma forma de minimizar o problema.

Com certeza, a dimensão quantitativa dessa realidade demográfica (envelhecimento da população), que ocorre em escala mundial e que tende a se manter em crescimento, afeta as instâncias de poder público e privado da sociedade como um todo, o que torna cada vez mais necessárias as discussões e viabilização de políticas específicas para a terceira idade, tal como aqui ocorre com a área de turismo. No entanto, acredita-se que se a idéia do PCMI for vislumbrar nesse segmento apenas uma alternativa de lucro nos períodos de baixa temporada, *“é pouco provável que o turismo venha realmente a atender os desejos e necessidades da terceira idade e, tampouco, possa se beneficiar do convívio e do potencial de consumo dessa parcela da população”* (FROMER; VIEIRA, 2003, p.88).

Boeing (2003) reconhece que nas sociedades centradas no mercado, os idosos que encontram um lugar é porque são consumidores, do contrário não são nem considerados existentes, por isso descartáveis. Alguns setores da sociedade ao perceberem o potencial de consumo dos idosos, acabam por lançar produtos para esta faixa etária. No geral, as iniciativas não contemplam outras dimensões dos idosos, especialmente os seus valores e a contribuição que eles poderiam dar a partir de sua vivência. Há um risco de abrir espaços sociais apenas pela ótica do mercado e de seus interesses insaciáveis.

Nesse sentido, trata-se de atentar para a essência da atividade turística (conhecimento, crescimento pessoal e relacionamento) e para as características do turista de terceira idade (exigentes, ávidos por adquirir novos conhecimentos e se relacionar com outras pessoas, bem informados, participativos e receptivos). *“Assim, possivelmente os caminhos estarão mais abertos para que a relação turismo/terceira idade venha a ser lucrativa, prazerosa e realizadora”* (FROMER; VIEIRA, op. cit., p.88).

É, portanto, essa ação concebida e executada no campo das políticas públicas – esfera federal – que é tomada como referencial para a investigação desta pesquisa no contexto em que, conforme coloca Debert (1999, p. 1), as representações de uma velhice gratificante, vibrante e produtiva ganham expressão quando estão em *“jogo os programas para a terceira*

idade, com suas universidades e grupos de convivência e de lazer” e, agregado a esta imagem, mercados que se exploram em torno desta, tal como o de turismo.

Neste sentido, o chamado turismo para terceira idade tem sido considerado como um dos “*segmentos mais expressivos no mercado turístico*” (Vaz, 1999 p. 163). Segundo Ferreira (2001), isto é consequência do que se tem assistido ao longo das últimas décadas: uma reconfiguração das principais linhas de força que caracterizam o lazer turístico das sociedades ocidentais.

Para esse autor, de uma forma geral, os ganhos de representatividade de tal público e também da emergência desse tipo de turismo são resultados esperados das alterações estruturais que vêm ocorrendo nas sociedades desenvolvidas, tais como:

- a) O acentuar do envelhecimento demográfico nos países ocidentais, nos quais a população idosa ganha peso e revela novas características;
- b) Níveis crescentes de mobilidade geográfica dos idosos, resultante da elevação da sua condição de vida, da melhoria global das comunicações e de um conhecimento mais amplo e pormenorizado de oportunidades e destinos turísticos à disposição;
- c) Maior disponibilidade de tempo e mais tempo para a fruição turística, face às novas condições de vida familiar e profissional dos idosos e do alargamento da “idade sênior”;
- d) Valorização do tempo de lazer, pela constatação inequívoca do seu papel na realização e promoção individual, social e econômica;
- e) Melhoria gradual da capacidade/independência financeira que permite uma aplicação de parte do rendimento disponível em atividades de preenchimento do tempo livre.

No sentido da colocação de Ferreira (2001), Armadans et al. (2002) lembram ainda algumas dessas *linhas de força*: nova distribuição do tempo livre (no caso das aposentadorias antecipadas, por exemplo), mudanças de áreas rurais para áreas urbanas, mudanças em função da família, os novos valores de uma sociedade orientada ao consumo, entre outros, os quais podem não apenas facilitar um maior acesso ao lazer turístico, mas também gerar novas necessidades e demandas nos turistas maiores.

Ferreira (ibid., p. 3) destaca também que, por outro lado, assiste-se a alterações qualitativas do perfil desse turista, em relação ao qual “*esvazia-se o significado da imagem tradicional associada a este segmento*” (inatividade, afastamento social, etc.) configurando-se em fator decisivo na “*justificativa do interesse crescente que em nível setorial e institucional é conferido ao turismo de terceira idade*”

É bem ao encontro desta idéia que a Embratur (1996) elege alguns dos principais motivos quando da justificativa do Programa Clube da Melhor Idade:

- a) Concentração de cerca de 19% da renda do país nas mãos de indivíduos com mais de 50 anos;
- b) Aumento do número pessoas com essa faixa de idade;
- c) Consideração de que é depois dos cinquenta que podem ser realizados os maiores sonhos da juventude - como estudar novamente e viajar;
- d) Consideração de que tais pessoas, em geral, dispõem de mais tempo e também mais dinheiro disponível para o consumo, bem como maior preocupação com a saúde e a beleza.

Observa-se assim que esses motivos declarados pela Embratur amparam-se, de modo geral, naquilo que é propagado como “atraente” à condição de se estar na terceira idade, na melhor idade (tempo livre, renda, desejos e aspirações retardadas, etc.), por sua vez decorrente da visibilidade alcançada com o processo de envelhecimento de parte da sociedade brasileira. E é a partir desta perspectiva que a combinação tempo *livre* – *renda* vai delinear a proposta central do PCMI de minimizar a sazonalidade do turismo doméstico, fomentando-o na baixa estação através da organização de pacotes com custos reduzidos e para melhorar o aproveitamento da oferta de equipamentos e serviços turísticos. Porém, quem é o sujeito de tal processo senão o indivíduo considerado de terceira idade? A primazia não seria *propiciar a melhoria da qualidade de vida - pelo lazer e turismo - dos brasileiros com mais de cinquenta anos?* ⁷ Configura-se essa proposta num trabalho centrado primeiramente neste indivíduo?

⁷ Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2000), os brasileiros com idade de 50 a 70 anos ou mais, somam 27.353.411 pessoas. Que parcela deste contingente tem acesso a lazer, considerando-se que este acesso muitas vezes é circunscrito nos limites que uma determinada realidade social, econômica, política e cultural pode apresentar? Castelli (1990), argumenta: Como engajar a população, sobretudo dos países do terceiro mundo, em diferentes atividades de lazer? Tarefa nada fácil, pois se confronta diretamente com as classes dominantes. Para que a massa trabalhadora tenha acesso ao lazer, é preciso dar-lhe condições, não só criando uma infra-estrutura adequada, mas também condições de vida melhores: empregos, salários condizentes, educação, saúde, habitação.

Que objetivos dentre os declarados têm sido priorizados realmente? Que ganhos as pessoas de terceira idade que participam de tal programa têm alcançado? Esses são alguns entre tantos questionamentos que surgiram face à proposta do Programa Clube da Melhor Idade, merecedores, acredita-se, de uma análise consistente.

Nesta perspectiva, é relevante trazer uma abordagem que coloque em evidência algumas investigações, cujos objetivos centraram-se em fazer emergir aspectos específicos de caracterização da relação turismo e terceira idade. A base desses estudos – a grande maioria formada por pesquisas baseadas em realidades externas ao Brasil e aí registra-se novamente a carência de trabalhos dessa natureza voltados, então, para o contexto nacional – está amparada, especialmente, em discussões sobre motivações e benefícios da viagem turística e as implicações de variáveis como idade e renda para a realização dessa atividade de lazer.

2.1 Turista de Terceira Idade: diálogo com a Gerontologia

A Gerontologia pode ser definida como um campo multi e interdisciplinar que estuda o processo do envelhecimento, o fenômeno velhice, enquanto evento de natureza biológica, sociológica e psicológica e os indivíduos e grupos socialmente definidos como idosos (NERI, 2000). Etimologicamente, deve-se ao sociólogo e biólogo russo Michel Ilya Metchnikoff a criação, em 1903, do termo *gerontologia*, originado de duas raízes gregas: *geronto* = velho e *log(o)* + *ia* = estudo; portanto, *estudo da velhice*. (RODRIGUES, 2000).

A Gerontologia compreende uma variedade de disciplinas, dentre as quais, a Geriatria, a Psicologia do Envelhecimento, a Sociologia do Envelhecimento e a Biologia. E envolve uma multiplicidade de profissionais, tais como médicos, psicólogos, enfermeiros, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, professores de educação física, entre outros. Os grandes pilares desse campo são a Psicologia, as Ciências Sociais e a Biologia (NERI, 2002).

Como podem os trabalhadores dos países subdesenvolvidos ter acesso ao lazer se ainda estão lutando pela sua sobrevivência? O autor dá destaque a uma questão relevante ao afirmar que a melhoria da qualidade de vida da população é a condição indispensável para se pensar no desenvolvimento do lazer.

Segundo Neri (1993), os padrões de envelhecimento e as qualidades da experiência de envelhecimento e de velhice de indivíduos e grupos etários dependem da interpretação de múltiplos fatores de natureza bio-psico-social, entre os quais figuram os próprios conceitos de tempo, idade e envelhecimento vigentes na sociedade, espalhados nos conceitos científicos correntes. Sendo assim, o envelhecimento é uma experiência heterogênea, ou seja, ocorre de modo diferenciado para indivíduos e coortes que vivem em contextos históricos e sociais distintos (NERI, 1999). Diante desse quadro, concorda-se com Fromer; Vieira (2003) no entendimento de que o envelhecimento deve ser encarado como um fenômeno próprio da experiência humana, muito mais relacionado à idéia de continuidade do que à noção de término e fragmentação.

Nesse contexto, alguns estudos de Gerontologia têm mostrado que, quando as pessoas alcançam o estágio maduro da vida, tornam-se mais preocupadas com sua auto-realização. Assim, elas procuram atividades de autopreenchimento e experiências. Este desejo motiva as pessoas a “explorar” o mundo, conquanto que ainda se tenha habilidade física (NEUGARTEN⁸, 1968 apud FLEISCHER; PIZAM, 2001).

É sob o signo da "terceira idade", considerada, como já detalhado, uma maneira não depreciativa de se referir à velhice – dentro da idéia de funcionalidade e autonomia que permite levar uma vida independente e com satisfação, ainda que não deixe de se constituir num estereotipo que se acerca muito ao da "idade dourada", supondo um tempo de lazer para dedicar ao prazer e a diversão – que essa busca tem se tornado cada dia mais presente.

No campo do turismo, sob o enfoque da literatura internacional, Fleischer e Pizam (2001) recorrem a vários estudos para destacar que tal como grupos mais jovens, as pessoas de terceira idade viajam por inúmeras razões (Guin⁹, 1980; McGuire, Uyasal e McDonald, 1987¹⁰). Para descansar e relaxar, interação social, exercícios físicos, aprendizagem, nostalgia e excitação.

⁸ NEUGARTEN, B. L. The Awareness of Middle Age. In: **Middle Age and Aging**, ed. Chicago: University of Chicago Press, p. 93–98, 1968.

⁹ GUIN, R. Elderly recreational vehicle tourists: motivation for leisure. **Journal of Travel Research**, v. 19 (2), p. 9–12, 1980.

¹⁰ MCGUIRE, F. A., UYSAL, M. McDONALD, C. Attracting the Older Traveler. **Tourism Management**, v. 9, p. 161–164, 1987.

Millman (1998) estudou o impacto da experiência de turismo e da viagem sobre o bem-estar psicológico de adultos idosos nos Estados Unidos. A pesquisa foi realizada com 124 turistas com idade média de 70 anos e a hipótese levantada foi a de que o grau de bem-estar psicológico é melhorado com a atividade turística, tendo em vista que muitas campanhas promocionais de turismo sugerem que viagens, férias ou qualquer experiência turística pode ter um impacto positivo sobre tal dimensão. Os resultados revelaram que essa hipótese não se concretiza, pois a viagem por si mesma não é um agente de mudança do grau de felicidade, mas outras variáveis adicionais, tais como os tipos de atividades realizadas durante uma viagem é que poderiam contribuir para uma mudança no bem-estar psicológico dos turistas.

Fleischer; Pizam (op. cit.) atestam também que entre os idosos que viajam e os que não viajam existem características diferentes. Exemplificando, citam o trabalho de Blazey (1987) conduzido nos Estados Unidos, no qual foi detectado que dentre os que participavam de viagens o contingente mais significativo eram as pessoas do sexo feminino, no grupo de 65 – 74 anos, com saúde excelente ou acima da média e que tinham as rendas mais baixas. Por outro lado, aqueles que permaneciam em casa eram na maioria do sexo masculino, nos grupos de idade de 55 – 64 anos e 74 e mais, com saúde precária e renda relativamente alta. O resultado encontrado, enfatizando que os não-participantes tinham renda maior que os participantes, foi uma surpresa para o autor, que especulou a possibilidade de que indivíduos com maior poder aquisitivo poderiam escolher viajar individualmente ou com grupos onde os custos com tal atividade seriam mais altos.

Nem todos os indivíduos de terceira idade têm a mesma motivação e preferência turísticas. Diferenças existem entre gênero, categorias de idade, características sócio-demográficas, status de saúde e inúmeros outros fatores (Fleischer; Pizam, o. cit.). Pesquisas têm mostrado que o mercado dos mais velhos é diversificado no que se refere a estilos de vida, interesses, atitudes e padrões de consumo (Horneman et al., 2002). Também muito embora essa heterogeneidade esteja sendo constatada por resultados de estudos empíricos, Horneman et al. (op. cit.), citando Javalgi, Thomas e Rao¹¹ (1992), declaram que a indústria de viagens tem sido criticada pela falha em reconhecer a diversidade das preferências de tal público. A

¹¹ Javalgi, R. G., Thomas, E. G. Rao, S. R. Consumer behavior in the US travel marketplace: an analysis of senior and nonsenior travelers. **Journal of Travel Research**, v. 31(2), p. 14–19, 1992.

tendência dos agentes do mercado turístico é tratar os consumidores seniores como um segmento homogêneo.

Para Horneman et al. (op. cit.) parte do problema que sublinha esta percepção da indústria de viagens origina-se da inexata, mal compreendida e estereotipada visão dos mais velhos pela sociedade.

A satisfação das necessidades diversas desse segmento precisa de compreensão maior de seu comportamento turístico para que produtos e viagens possam ser elaborados de acordo com as preferências dos turistas mais velhos. Nesse contexto, é relevante não desconsiderar que esses podem ser segmentados com base em suas características gerais, no uso da informação que buscam para viajar, nas preferências de meios de hospedagem, nas características psicográficas e nas motivações para viajar (Horneman et al., op. cit.).

Assim é que, em uma revisão de literatura, os autores mostraram que desde o início dos anos 80 vários estudos têm identificado os mais importantes mecanismos motivacionais e benefícios procurados pelos turistas de terceira idade. Foram incorporadas a tais estudos variáveis psicográficas para melhor compreender-se a dinâmica de comportamento desses turistas, uma vez que se passou a perceber as limitações geradas pelo uso apenas de variáveis demográficas, sobretudo a idade.

Também elaboraram uma tabela (Tabela 2) – com base em resultados de estudos de vários pesquisadores – descrevendo as motivações e os benefícios procurados mais freqüentemente por turistas de terceira idade. Os mais mencionados são: educação/aprendizagem, descanso/relaxamento, exercício físico/boa forma e visita a parentes e amigos. Algumas dessas motivações e benefícios assemelham-se aos que foram encontrados na pesquisa conduzida junto aos sujeitos do CMI Fios de Prata, especialmente os grifados na tabela de Horneman et al (op. cit.).

TABELA 2: Uma comparação das motivações/benefícios procurados por viajantes de terceira idade.

AUTOR	MOTIVAÇÕES/BENEFÍCIOS PROCURADOS
Guinn (1980)	Descanso e relaxamento; tempo com a família e amigos; exercício psicológico, experiência de aprendizagem e auto-preenchimento.
Romsa; Blenman (1989)	Tempo com amigos e parentes; saúde /boa forma física.
Kersetter; Gilelson (1990)	Fuga da rotina; tempo com a família e amigos; relaxamento.
Thomas e Butts (1998)	Estímulo intelectual; domínio da competência; socialização.
Backman; Backman; Silverberg (1999)	Educação/natureza, acampamento; socialização ; relaxamento; saúde ; agregar informação.
Moisey; Bichis (1999)	Desenvolver habilidade; boa forma física; desafio; explorar ou aprender sobre a natureza; encontrar novas pessoas.

Fonte: Horneman et al (op. cit., p. 3, tradução nossa)

Ainda segundo os mesmos pesquisadores, um exame mais detalhado da Tabela 2 revela uma mudança das motivações e benefícios procurados pelos seniores nos estudos pré anos 90 e pós anos 90. A mudança vai em direção à busca de algo mais ativo com uma forte inclinação para a saúde e a boa forma física. Embora tais resultados sejam úteis para caracterizar o mercado de viajantes de terceira idade, sua aplicação é limitada uma vez que a diversidade de preferências de viagem não está completamente conhecida. Para dedicar-se a suprir esta deficiência, pesquisadores têm desenvolvido perfis psicográficos mais detalhados sobre esses turistas.

Fleischer; Pizam (2001) citam Shoemaker¹² (1989) como um dos primeiros pesquisadores a questionar a homogeneidade do mercado de terceira idade, investigando os benefícios oriundos do ato de viajar procurados entre idosos da Pensilvânia, EUA. Seus resultados sugerem que, sobre a base da motivação turística, esse mercado pode ser segmentado dentro de três categorias¹³:

- 1) *Viajantes familiares.*
- 2) *Repousadores ativos.*
- 3) *Grupos dos mais velhos.*

¹² SHOEMAKER, S. Segmentation of the Senior Pleasure Travel Market. **Journal of Travel Research**, v. 27(3), p. 14–21, 1989.

¹³ Tradução nossa.

O primeiro agrupamento – *Viajantes familiares* – caracterizou-se por fazer turismo por prazer, como uma forma de passar o tempo com suas famílias e em viagens de curta duração; tinham preferência por retornar ao mesmo destino turístico várias vezes do que visitar um novo. Era formado por indivíduos passivos (envolvidos em poucas ou nenhuma atividade) e que não gostavam de pré-planejar sua viagem.

O segundo agrupamento – *Repousadores ativos* – caracterizou-se por fazer turismo como uma maneira de buscar enriquecimento intelectual e espiritual; para descansar, relaxar e escapar da rotina diária; para conhecer pessoas e socializarem-se; também para o engajamento em atividades físicas e para conhecer lugares históricos. Os membros desse segmento gostavam de suas viagens preenchidas com atividades.

O terceiro agrupamento – *Grupo dos mais velhos* – também gostava de ter suas viagens preenchidas com atividades, mas preferiam adquirir pacotes turísticos (*all inclusive tour*: viagem com tudo incluído) para hotéis e *resorts*.

Vincent; Los Santos¹⁴ (1990 apud Fleischer; Pizam, 2001) replicaram e validaram o estudo de Shoemaker com pessoas de terceira idade do Texas, EUA. Os resultados encontrados com seus grupos de estudo revelaram semelhanças com os *Repousadores ativos* e com os *Grupo dos mais velhos* de Shoemaker. Eles preferiam planejar suas viagens, tirar longas férias e fazer numerosas atividades turísticas. Aqueles que tinha preferência por ficar em parques assemelhavam-se estreitamente ao perfil dos *Repousadores ativos*, enquanto aqueles que alugavam apartamentos, casas, ou condomínios tinham características similares àqueles do *Grupo dos mais velhos*.

Lieux, Weaver; McCleary (1994), confirmando os estudos de Shoemaker (1989), atestaram que o mercado de terceira idade pode ainda ser segmentado dentro de grupos mais refinados. Em seu estudo, eles agruparam uma amostra da população de terceira idade dos EUA com base em sua motivação turística. Os pesquisadores enviaram questionários para três mil sujeitos de 55 anos e mais; 1.238 questionários foram respondidos e reenviados e destes, 324 foram invalidados; 914 foram aproveitados, correspondendo a um percentual de 34% do

¹⁴ VINCENT, V. C., LOS SANTOS, G. de. Winter Texans: Two Segments of the Senior Travel Market. **Journal of Travel Research**, v. 29(1), p. 9–12, 1990.

total enviado. Os resultados mostraram que o mercado (similar ao de Shoemaker) poderia ser segmentado dentro de três agrupamentos distintos¹⁵:

- 1) *Buscadores de novidade.*
- 2) *Entusiastas ativos.*
- 3) *Viajantes relutantes.*

O primeiro e maior agrupamento – *Buscadores de novidade* – mostrou-se favorável a realizar viagens com o propósito principal de visitar novos lugares e experimentar novas coisas. As características socioeconômicas destacaram ser esses, em geral, idosos mais jovens, provavelmente aposentados e que tinham boa renda.

Os *Entusiastas ativos* eram os mais interessados em turismo; tinham interesse também em atividades físicas, clima mais quente e as viagens realizadas tinham longa duração. Eles eram também idosos mais jovens e desfrutavam de boa renda.

Os *Viajantes relutantes* faziam viagens de curta duração, eram mais velhos (mais da metade tinha idade acima de 65 anos) e tinham renda mais baixa que os dos outros agrupamentos.

Também Backman; Backman; Silverberg¹⁶ (1999) (citados por Horneman et al., 2002) estudaram a natureza do mercado turístico no sudeste dos Estados Unidos e também verificaram sua heterogeneidade. Apoiados no desenvolvimento de um estudo com base psicográfica, identificaram cinco segmentos motivacionais¹⁷:

- 1) *Educação/natureza.*
- 2) *Camping/acampamento.*
- 3) *Socialização.*
- 4) *Relaxamento.*

¹⁵ Tradução nossa.

¹⁶ BACKMAN, K. F., BACKMAN, S. J. SILVERBERG, K. E. An investigation into the psychographics of senior nature-based travellers. **Tourism Recreation Research**, v. 24(1), p. 13–22, 1999.

¹⁷ Tradução nossa.

5) *Informação.*

O estudo também descobriu diferenças significativas por grupos de idade. Mais especificamente eles descobriram que indivíduos mais jovens (55 – 64 anos) eram menos interessados nos benefícios do turismo quanto à **educação/natureza e informação** que outros sujeitos mais velhos (65 anos e mais), porém mais interessados nas experiências de **camping/acampamento e relaxamento.**

Embora os estudos acima mencionados fossem conduzidos nos Estados Unidos, seus resultados têm sido confirmados em outros países também. Por exemplo, em um estudo sobre padrões de férias de cidadãos seniores australianos residentes no sudeste de Queensland (Austrália), Cleaver et al. (1999), utilizando-se da técnicas de marketing, identificaram sete importantes segmentos de motivos turísticos¹⁸ que eles denominaram:

- 1) *Nostálgicos.*
- 2) *Amizade.*
- 3) *Aprendizes.*
- 4) *Escapistas/aventureiros.*
- 5) *Pensadores/contempladores.*
- 6) *Buscadores de status.*
- 7) *Adeptos de atividades físicas.*

You e O’Leary¹⁹ (1999) conforme Armadans et al. (2000) em um estudo de turistas de terceira idade do Reino Unido, que visitavam a América do Norte, confirmaram a diversidade de sua demanda e a heterogeneidade de seus padrões de comportamento. Verificaram três distintos segmentos²⁰ em sua amostra:

¹⁸ Tradução nossa.

¹⁹ YOU, X., O’LEARY, J. T. Destination behaviour of older UK travellers. **Tourism Recreation Research**, v. 24(1), p. 23–34, 1999.

²⁰ Tradução nossa.

- 1) *Visitantes passivos.*
- 2) *Entusiastas.*
- 3) *Buscadores de cultura.*

Nesse estudo, os autores estimaram o tamanho do mercado de cada segmento utilizando a mesma metodologia de Cleaver et al. (1999). O primeiro agrupamento – *Visitantes passivos* – contou com 19% do mercado de viagem para terceira idade. Os fatores de impulsão que os levaram até o destino foi a possibilidade de visitar parentes e amigos, enquanto que as forças de atração para o local foram bons transportes públicos, bom padrão de higiene, limpeza, segurança pessoal e oportunidades socialização.

O segundo agrupamento – *Entusiastas* – representou 40% do mercado de viagem para terceira idade. As mais importantes motivações que impulsionaram esse grupo foram estar junto com a família, buscar novidades, aumentar conhecimento e escapar da rotina doméstica. Os mais importantes fatores de atração para o local incluíram os atributos do destino turístico (transporte, bom padrão de higiene e limpeza, segurança pessoal e tempo agradável).

O terceiro agrupamento – *Buscadores de cultura* – representou 41% do mercado de viagem para terceira idade. Como o rótulo sugere, as mais importantes motivações que impulsionaram este segmento estavam associadas com atividades culturais. Por outro lado, os mais importantes motivos de atração do local foram as artes e as atividades culturais e os lugares históricos ou arqueológicos.

Similar aos outros agrupamentos, infra-estrutura e facilidades tais como segurança pessoal ou padrão de higiene e limpeza foram igualmente importantes para este grupo.

Em sua pesquisa sobre padrões de férias de alemães idosos, Romsa; Blenman (1989) concluíram que fazer turismo como uma experiência de lazer declina com a idade. Uma maioria dos seniores prefere férias domésticas, mas isto está condicionado à disponibilidade de transporte e habilidade para dirigir, que é prejudicada com a idade. A pesquisa revelou que os turistas seniores alemães tiravam férias longas e optavam por ficar com amigos e parentes em pensões.

Zimmer, Brayley; Searle (1995) estudaram as diferenças entre os idosos que viajam e os que não viajam, assim como a escolha do local de destino. As atitudes mostraram ser uma variável importante nesse estudo. Também a pesquisa revelou que com o aumento da idade a tendência para viajar diminui. Outros fatores que distinguiram aqueles que viajam e aqueles que não viajam foram educação, o número de problemas de mobilidade, status de saúde auto-avaliado, nível de renda, habilidade para controlar dinheiro, quantidade e condições de doenças crônicas e interesse em gastar dinheiro com lazer.

É importante ressaltar que nesses três últimos estudos citados a variável *status de saúde* foi um importante fator de distinção. Se o *status de saúde* deteriora – subjetivamente (auto-avaliação) ou objetivamente (condições de doenças crônicas e problemas de mobilidade) – a tendência para viajar decresce (ZIMMER, BRAYLEY; SEARLE, op. cit.).

Alguns estudos têm mostrado que muitos fatores podem impedir as pessoas de terceira idade de participar de atividades turísticas. Estas incluem falta de tempo, recursos financeiros insuficientes e saúde precária. Contudo, estas não são as únicas barreiras e em alguns casos mesmo não são as mais importantes. McGuire (1984), no contexto da literatura internacional, identificou cinco destas barreiras²¹:

- 1) *Recursos externos* (falta de informação, demasiado planejamento, dinheiro insuficiente, falta de roupa e bagagem apropriada e falta de transporte).
- 2) *Fator tempo* (falta de tempo para viajar; a necessidade de trabalhar; turismo podendo interromper a rotina normal e se estar muito ocupado para fazer outras coisas).
- 3) *Aprovação* (família e amigos não aprovariam; sensação de culpa por viajar e medo/receio de cometer erro indo a um lugar decepcionante/e se decepcionar).
- 4) *Social* (parceiro - esposo/esposa - não gosta de viajar; falta de companhia; e falta de interesse em partir).
- 5) *Bem-estar físico* (falta de energia, saúde precária, medo de viajar em certos meios de transporte e muito velho ou inabilidade para viajar).

²¹ Tradução nossa.

Outras pesquisas citadas por Fleischer; Pizam (2001) identificaram os cinco fatores²² abaixo descritos como os de maior frequência nas razões citadas para a não participação em atividades turísticas:

- 1) *Despesa.*
- 2) *Conveniência de tempo.*
- 3) *Custo físico e emocional.*
- 4) *Falta de informação.*
- 5) *Status de saúde (objetivo e autopercebido).*
- 6) *Inabilidade percebida.*

O estudo conduzido por Fleischer; Pizam (op. cit.) – realizado por telefone com 400 sujeitos de 55 anos e mais – que buscou identificar fatores de influência na decisão de idosos israelitas em tirar férias e o seu tempo de duração, mostrou o efeito da relação entre as variáveis *renda – saúde – idade* sobre o lazer turístico.

A pesquisa teve como base outros estudos desenvolvidos na mesma direção os quais, em sua totalidade, fazem avançar, conforme assinalam Fleischer; Pizam (ibid., p. 8) a *teoria das limitações do turismo sênior*. De modo geral, esta teoria postula que depois dos 55 anos de idade limitações de *idade, saúde e renda* começam a afetar a habilidade das pessoas em tirar férias ou participar de atividades turísticas.

Segundo os autores, seu estudo faz duas contribuições importantes a essa teoria:

- 1) Primeiramente, mostra que a decisão em tirar férias e por quanto tempo não são afetadas pelas mesmas barreiras. *Renda e saúde* são as únicas barreiras que afetam a tendência do idoso em tirar férias, enquanto que *renda, saúde, experiência de férias anteriores e idade*¹¹ afetam o número de dias que o idoso tira de férias.

²² Tradução nossa.

- 2) Em segundo lugar, mostra que os efeitos dessas barreiras sobre o número de dias de férias mudam com o ciclo de idade. No primeiro ciclo (55– 65) a expansão do tempo de lazer e o aumento da renda doméstica causam um aumento do número de dias de férias tirado. Nos ciclos sucessivos (65+) o declínio da renda e deterioração da saúde levam a uma diminuição do número de dias de férias.

Fleischer; Pizam (2001) sugerem, então, que as pessoas passam por níveis diferenciados ligados à combinação de *renda, tempo e saúde* (na verdade variáveis que podem interferir para a realização de qualquer tipo de turismo) condicionados por preferências individuais em termos de realizar viagens de lazer. Uma vez passado esse ponto, elas começarão a tirar férias dependendo de suas preferências e barreiras efetivas.

Para os autores, depois dos 55 anos de idade, as barreiras mudam drasticamente e em direções diferentes. A renda normalmente aumenta até a idade da aposentadoria (em muitos países, aos 65 anos), então alcança um ápice para depois diminuir de acordo com a orientação da lei vigente. O tempo de lazer aumenta quando os filhos deixam o lar e a quantidade de dias livres aumenta. Com a aposentadoria, ocorre um salto na quantidade de tempo de lazer disponível, mas a condição de saúde move-se em direção oposta, diminuindo com a idade e decrescendo com avanço da idade (FLEISCHER; PIZAM, op. cit.).

Hong, Kim; Lee (1999), em um estudo com turistas seniores dos Estados Unidos (que buscou examinar a probabilidade de viajar e a magnitude dos gastos com tal atividade) encontraram que *raça, educação, status conjugal e fatores econômicos* determinavam se ou não viajar. Contudo, só a *idade, gastos com cuidados da saúde e renda doméstica* foram significativos em predizer gastos com turismo.

[...] a idade teve uma relação curvilínea com as despesas de viagem. As pessoas mais velhas tendem a gastar mais em viagens na sua fase inicial de envelhecimento, mas tais despesas tendem a declinar em estágios mais adiantados do envelhecimento. Inesperadamente, as despesas com saúde foram positivamente associadas com despesas de viagem; [...] renda ressarcida de imposto foi um fator significativo associado com a quantidade anual de dinheiro gasto com viagem (FLEISCHER; PIZAM, op. cit., p. 112, tradução nossa).

Nesse estudo, a renda foi tida como a única variável significativamente relacionada a ambos, a probabilidade de viajar e gastar com turismo. O estudo também mostrou que indivíduos mais jovens (idade de 55 – 64 anos) eram mais propensos a gastar

com viagens que seniores mais velhos. Para os autores a hipótese que justificaria tal fato reside em que tais indivíduos ainda não estejam aposentados e estejam no ápice de seus ganhos.

Fleischer; Pizam (op. cit.) consideraram que a decisão de tirar férias e sua extensão, em qualquer estágio do ciclo de vida, depende de motivos e preferências individuais. Mas a escolha está sujeita a orçamento e barreiras de tempo e é condicionada pela saúde do indivíduo ou com mais precisão pela competência física e mental em ficar longe do ambiente familiar. Considerando tais resultados é relevante destacar que no contexto do que é abordado na literatura turística a decisão de tirar férias (e a sua extensão) – tal como é colocado como referência no estudo de Fleischer; Pizam – é resultante da combinação dos seguintes fatores: *motivação dos turistas, fatores determinantes e circunstâncias limitativas*.

À luz de Barretto (1995), isto significa que o desejo de fazer turismo é gerado no indivíduo pelas *motivações* (causas subjetivas que influenciam sua decisão de viajar: conhecer pessoas e novos lugares, descanso, etc.). Entretanto, essas *motivações* são condicionadas por *fatores determinantes* (de caráter objetivo, favoráveis ou não) ligadas ao próprio indivíduo (por exemplo: status de saúde, renda, tempo disponível, idade, conforme ilustram Fleischer; Pizam) ou ao destino a ser visitado (atrativos e infra-estrutura turística, segurança, política de preços, etc.).

A *motivação* e os *fatores determinante*, por sua vez, podem sofrer restrições ante as chamadas *circunstâncias limitativas* – “*fatores determinantes objetivos desfavoráveis, que independem do turista e, às vezes, também não podem ser controlados pelo núcleo receptor*” (Barretto, 1995, p. 68) – tais como inflação (no país de origem e no destino), epidemias, revoluções, guerras, desastres climatológicos (vulcões, enchentes, frios ou calores anormais).

Sob essa perspectiva, o estudo apresentado por Fleischer; Pizam é passível de reflexão face à teoria dos fatores determinantes assinalada na literatura turística, no que se refere principalmente aos fatores limitativos inerentes ao indivíduo para a fruição turística. Os autores, considerando essa visão, ressaltaram e validaram em seus resultados de pesquisa variáveis objetivamente limitativas para o lazer turístico: a renda, a saúde, a idade e o tempo disponível relacionadas, conforme a pesquisa, ao indivíduo de terceira idade, tal como aqui se pretendeu apreender com o PCMI em São Luís, Maranhão.

No Brasil, tem-se uma situação de escassas investigações dessa natureza considerando o minucioso trabalho de busca que se empreendeu ao longo da elaboração desta dissertação. Silva (1998) realizou um estudo com 390 sujeitos de 60 anos e mais, homens e mulheres, frequentadores de três Universidades de terceira idade de São Paulo com o objetivo de conhecer o comportamento psicossocial do turista na terceira idade. Entre os dados para análise, a autora incluiu também os resultados de uma pesquisa da Embratur realizada em 1996 para traçar o perfil dos congressistas do II Congresso Brasileiro de Clubes da Melhor Idade. Estes em número de 812 foram chamados de sujeitos indiretos. Também, alguns dos principais resultados mostraram as maiores preferências em termos de destino turístico (praias e estações hidromineral/termal) e motivos da viagem (conhecer outros lugares), assim como confirmaram a hipótese de que os turistas de terceira idade elegem livremente os períodos de suas viagens, independentemente de compromissos de trabalho, tempo de visitação e acompanhamento da família.

Fromer; Vieira (2003) citam informações da ABAV-PE que se posiciona ante as possibilidades de crescimento do turismo para a terceira idade e afirmam que as agências de turismo e a rede hoteleira têm motivos sólidos para investir neste segmento, pois se apresenta como isento de restrições de calendário, privilegia a aquisição de *souvenirs* dos destinos visitados, aprecia o conforto e paga por isto, além do costume de comprar pacotes turísticos completos.

Neste sentido, com o propósito de conhecer as dificuldades encontradas pelos turistas da melhor idade no que diz respeito ao atendimento pelas agências de viagens, nos hotéis, restaurantes e meios de transportes, Gardin; Silva (2002) realizaram uma pesquisa cujos resultados demonstraram que o segmento da terceira idade, tido pelos autores como pertencentes à faixa etária da população que mais cresce no mundo e também a que mais viaja, não está plenamente satisfeita com o atendimento em nenhum dos setores pesquisados. Há carência de recursos humanos especializados, o que reflete na qualidade do atendimento.

Para Dantas (2001, p. 01), a terceira idade brasileira que procura o turismo como atividade de lazer caracteriza-se como pertencente a grupos que buscam:

um lazer heterogêneo, que inclua descanso, visitas a pontos turísticos e programa noturnos com muita música e dança. O idoso não gosta de ser visto como se fosse outro tipo de turista. Ao contrário, ele quer se integrar e se divertir muito.

Também Quadros (1998) realizou um estudo para verificar se o turismo voltado para a terceira idade, oferecido por uma agência de turismo, estava suprimindo as necessidades e interesses desta faixa etária. A amostra do estudo foi intencional, constituída num total de 20 idosos com mais de 60 anos, que viajam pela empresa investigada. A autora utilizou a entrevista como instrumento de coleta de dados que, posteriormente foram distribuídos em forma de tabela de frequência simples relativa, e tratados com estatística descritiva, onde os objetivos propostos foram discutidos e analisados. As conclusões da investigação apontaram que o turismo voltado para a terceira idade pode ser uma ótima opção de lazer, por ser uma atividade preocupada com a integração e desenvolvimento das pessoas desta faixa etária, segundo a autora.

A proposta do PCMI assenta-se na promoção da atividade turística como o principal recurso de lazer a ser oferecido e vivenciado pelo público da *melhor idade*. O item seguinte traz como enfoque central a caracterização deste programa e como está articulada a sua operacionalização.

2.2 Programa Clube da Melhor Idade (PCMI)

O atual Instituto Brasileiro de Turismo - Embratur (com origem na Empresa Brasileira de Turismo, criada pelo Decreto Lei n.º 55 de 1966 e que, posteriormente, passou à condição de Autarquia pela Lei n.º 8.181 de 28 de março de 1991, tomando a denominação atual), tem por finalidade propor, executar e fazer executar a Política Nacional de Turismo (PNT), sob a coordenação do Ministério do Turismo.

A PNT, por sua vez, tendo como linha reguladora a prática do turismo como forma de promover a valorização e a preservação do patrimônio natural e cultural do País, além da valorização do homem como destinatário final do desenvolvimento turístico, tem como propósito o desenvolvimento do turismo e o seu equacionamento como fonte de renda nacional.

No que se refere às competências delegadas à Embratur pode-se destacar:

- a) Propor, ao Governo Federal, as normas e medidas necessárias à execução da Política Nacional de Turismo e a execução das decisões que lhe forem recomendadas para esse fim;
- b) Estimular as iniciativas públicas e privadas que busquem o desenvolvimento do turismo interno e do turismo receptivo internacional;
- c) Promover e divulgar o turismo nacional, seja no País ou no Exterior, ampliando o ingresso e a circulação de fluxos turísticos no País;
- d) Analisar o mercado turístico e planejar o seu desenvolvimento, definindo as áreas, os empreendimentos e as ações prioritárias a serem estimuladas e incentivadas;
- e) Fomentar e financiar, direta ou indiretamente, as iniciativas, planos, programas e projetos que visem ao desenvolvimento do Setor Turismo;
- f) Estimular e fomentar a ampliação, diversificação, reforma e melhoria da qualidade da infraestrutura nacional;
- g) Inventariar, hierarquizar e ordenar o uso e a ocupação de áreas e locais de interesse turístico e estimular o aproveitamento dos recursos naturais e culturais que integrem o patrimônio turístico;
- h) Patrocinar eventos turísticos;
- i) Celebrar contratos, convênios, acordos e ajustes com organizações e entidades públicas ou privadas nacionais, estrangeiras e internacionais, para a realização dos seus objetivos;
- j) Estimular as iniciativas destinadas a preservar o ambiente natural e a fisionomia social e cultural dos locais turísticos e das populações afetadas pelo seu desenvolvimento, em articulação com os demais órgãos e entidades competentes.

É no âmbito de suas competências que a Embratur, como órgão do Ministério do Turismo, participa das ações que envolvem a Política Nacional do Idoso – criada com a Lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994 e regulamentada pelo Decreto 1.948 de 3 de julho de 1996 (Brasil, 1998) – em que o Ministério da Previdência e Assistência Social coordena e promove articulações interministeriais com o Governo e sociedade, importantes para a implementação desta política.

Está sob a responsabilidade do Ministério do Turismo a implementação e desenvolvimento do Programa Clubes da Melhor Idade (até maio de 1997 denominados Clubes da Maior Idade). O Programa é coordenado em nível nacional pelo Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) e nos Estados e Distrito Federal pelos Órgãos Oficiais de Turismo. Também por delegação da Embratur, formalizada em convênio de cooperação, é operacionalizado pela Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade-ABCMI.

Criado em 1986/87, inicialmente, o programa foi pré-concebido e implantado no Estado de São Paulo, pelo então Coordenador de Turismo do Estado, Caio Luis de Carvalho (ex-Presidente da Embratur e ex-Ministro do Esporte e Turismo do Governo Fernando Henrique Cardoso). Conforme Luck (2000), Carvalho criou o programa em São Paulo, à época chamado Programa da Terceira Idade e, posteriormente, a Embratur o copiou, passando à designação de Programa Clube da Maior Idade (PCMI).

Ainda de acordo com Luck (2000), a marca Maior Idade foi patenteada por um dos associados, o que obrigou a Embratur a mudá-la para Clube da Melhor Idade.

Atualmente o Programa está implantado em todas as unidades da Federação. 208.000 (duzentas e oito mil) pessoas estão associadas em 580 (quinhentos e oitenta) Clubes (Embratur/Relatório de Gestão: 2001).

O grande objetivo do programa é diminuir a sazonalidade do turismo, fomentando-o na baixa estação (março a junho – agosto a dezembro) por meio de pacotes com custos reduzidos para melhorar o aproveitamento da oferta de equipamentos e serviços turísticos e realizar encontros específicos para o segmento da melhor idade, incentivando a inscrição nos clubes que desenvolvem convênios e atividades diversas com empresas públicas e privadas (Embratur/Relatório de Gestão: 2001).

Em seu texto, a Embratur apresenta também objetivos específicos a serem alcançados com o desenvolvimento do Programa, a saber:

- a) Melhorar a qualidade de vida – pelo lazer e turismo – das pessoas acima de 50 anos;
- b) Filiar e congregar Clubes da Melhor Idade nos Estados;
- c) Incentivar os associados a participarem de atividades ocupacionais, como: viagens, seminários, encontros, congressos, espetáculos, cursos, programação artístico-cultural e desportiva;
- d) Aproveitar conhecimento e habilidades dos associados tornando-os agentes multiplicadores para gerar emprego e/ou aumentar a renda, como fator de produção;
- e) Empenhar-se junto ao Órgão de Oficial de Turismo Estadual para obter descontos nos serviços turísticos, através de convênios;
- f) Promover o intercâmbio e conhecimento entre cidadãos (Seniores) de diferentes países, ou seja, o intercâmbio transnacional.

Como ações estratégicas a Embratur considera ser relevante:

- a) Promover ações direcionadas a possibilitar que populações marginalizadas no mercado turístico tenham acesso ao turismo doméstico;
- b) Apoiar o trabalho da Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade – Nacional (ABCMi Nacional), de suas regionais e estaduais;
- c) Sensibilizar o *trade* turístico a participar, oferecendo programas específicos, a preços reduzidos, na baixa estação;
- d) Acompanhar a operacionalização dos programas de viagens;
- e) Mobilizar a participação no PCMI de instituições federais, estaduais, municipais e entidades afins;
- f) Cadastrar, em âmbito nacional, associados e prestadores de serviços turísticos, interessados no segmento da melhor idade;
- g) Divulgar e promover, em colaboração com os Órgãos do Sistema Oficial de Turismo e entidades parceira, o PCMI.

Essas ações estratégicas estão também descritas no documento “Plano de Ação Governamental Integrado para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso” (lançado a 3 de julho de 1996, em Brasília, DF) no capítulo Turismo e Lazer.

O Manual da ABCMI registra que para viabilizar, operacionalizar e implementar o PCMI, assim como para o êxito da própria ABCMI e Filiados é importante que aconteça um *“trabalho comum que possa equilibrar o fator econômico e sócio-cultural e que culmine com uma oferta especializada e diferenciada de qualidade, capaz de satisfazer essa clientela especial”* (p. 06)

Tal trabalho deve, segundo a ABCMI, ser um esforço conjunto de todas as entidades envolvidas, destacando-se o trabalho dos Prestadores de Serviços que participarão do Programa oferecendo aos associados, mediante a apresentação do “Cartão Melhor Idade”, descontos sobre tarifas dos preços praticados. Essa participação é processada através de assinatura de Termos de Adesão à ABCMI.

Alguns dos principais Prestadores de Serviços são:

- a) Agências de Turismo (agências de viagens e operadoras) que deverão:

- ☐ Ser cadastradas na Embratur e na Associação Brasileira de Agentes de Viagem – ABAV;
- ☐ Obter e conceder descontos finais, médios de 30% nos pacotes turísticos;
- ☐ Manter boa relação qualidade/preço;
- ☐ Elaborar programas adequados à clientela, em “condições especiais”;
- ☐ Providenciar para que os programas sejam acompanhados por profissionais qualificados (guia de excursão especializado);
- ☐ Manter convênio com instituição de assistência médica para atendimento de emergência durante a viagem;
- ☐ Assinar o termo de Adesão, conforme formulário em anexo, pagando a anuidade de 70% do salário mínimo.

b) Meios de Hospedagem que deverão:

- ☐ Ser cadastradas na Embratur ou na Associação Brasileira da Indústria Hoteleira – ABIH;
- ☐ Conceder descontos (30% no mínimo, na baixa estação) sobre a tarifa praticada para suas unidades habitacionais aos associados da ABCMI, mediante a apresentação do Cartão Melhor Idade;
- ☐ Oferecer serviços de qualidade;
- ☐ Assinar o termo de Adesão, pagando a anuidade no valor correspondente a uma diária de balcão, em apartamento “Standard”.

c) Restaurantes e similares que deverão:

- ☐ Conceder descontos significativos sobre os preços dos itens de alimentação oferecidos no cardápio do estabelecimento ou sobre os serviços;
- ☐ Afixar, em local visível, decalque alusivo à adesão do estabelecimento ao Clube da Melhor Idade;
- ☐ Favorecer a realização de reuniões comemorativas ao Clube da Melhor Idade em suas dependências, em especial, no horário de 15:00h às 18:00h;
- ☐ Assinar o termo de Adesão, pagando a anuidade de um salário mínimo.

É relevante resgatar alguns pontos de discussão importantes acerca do PCMI e bastante apropriadas para o trabalho – após este enfoque geral em que se buscou caracterizá-lo – a partir do trabalho de Rosa (2002) que enfoca as políticas da Embratur para o desenvolvimento do turismo interno em face da atração de novas demandas oriundas do mercado nacional.

Rosa (2002) cita que a Embratur, quando da publicação da sua Política Nacional de Turismo (PNT) datada de 1996 – concomitantemente à criação do PCMI – expôs o seu interesse em fomentar ou levar ao debate da sociedade esta questão; *com o objetivo de resgatar a sociedade brasileira do isolamento e do abandono dos princípios de igualdade e oportunidades, tem-se a preocupação de promover ações direcionadas para possibilitar que as populações marginalizadas no mercado turístico, seja por motivo econômico ou contingências, tenham acesso ao turismo doméstico* (justificativa presente também no texto do PCMI, conforme já exposto) (Embratur, 1996).

O objetivo da instituição era, assim, a incorporação de novos consumidores ao mercado turístico, a melhora da qualidade de vida dessas populações e o estímulo para que mais brasileiros pudessem conhecer o seu país e a sua cultura.

Rosa esclarece também que a Embratur, por essa época, tentou uma articulação com a iniciativa privada visando a baixa estação, período de custos mais reduzidos e acessíveis do setor. Porém, o retorno não foi significativo, *“talvez devido a histórica falta de continuidade dos programas federais ou o descompasso com outros órgãos como o econômico, ou a falta de unidade da sociedade num todo”* (ROSA, 2002, p. 34).

Para o autor, o propósito de permitir o acesso ao turismo de uma parte da sociedade carente dessa atividade de lazer e incrementar a indústria turística brasileira, combatendo principalmente a baixa estação, são condizentes. Porém, como resolvê-los é que torna esse processo mais complexo e necessário.

[...] passa-se pelas questões de que o aumento do poder aquisitivo da população e a melhora no nível de vida são etapas necessárias. No entanto, tem-se no próprio exemplo europeu, que está, nesse sentido, num patamar bem superior, a conclusão de que somente estas questões não são suficientes para o processo se concretizar. Necessita -se também de todo um programa de apoio institucional e empresarial (ROSA, 2002, p. 35).

Rosa registra também algumas tentativas da Embratur – na década de 80 (século XX) – de fomento a programas de incentivo ao turismo doméstico como, por exemplo, o Passaporte Brasil. A idéia deste programa era basicamente a possibilidade de que com um mesmo bilhete aéreo se viajasse por vários destinos do país, com hospedagem em vários hotéis. Acrescentou-se, ainda, uma campanha de mídia relativamente abrangente. Contudo,

houve pouca aceitação da população, *“talvez pela não continuidade dos contratos dos agentes envolvidos, falta de continuidade de gerenciamento ou papel central do governo”* (2002: p. 35)

O autor considera que a justificativa para tal malogro foi fortemente relacionada a questões internas dentro do próprio Governo resultado da insuficiente coordenação entre os vários ministérios envolvidos e necessários para o desenvolvimento do turismo.

A partir das colocações do autor, observa-se que a intenção da Embratur para com o desenvolvimento do PCMI é basicamente a mesma e os desafios também. Conforme já referido, os efeitos do envelhecimento da população têm diversas dimensões e dificuldades, porém nada mais justo do que garantir ao idoso a sua integração na comunidade. O envelhecimento da população influencia o consumo, os impostos, as pensões, o mercado de trabalho, a saúde e assistência médica, a composição e organização da família. São, portanto, necessárias as intervenções sociais, econômicas, ambientais e políticas.

Sob essa ótica, a contribuição do PCMI é positiva para a vivência do público a que se destina, contudo há limites quanto ao seu alcance populacional referente a certos propósitos do programa (a viabilização de sua atividade prioritária, o turismo, depende fundamentalmente da existência de certo poder aquisitivo por parte dos associados), o que perpassa por questões básicas de poder aquisitivo da população/ melhoria no nível de vida, como já destacado por Rosa (2002). O que se observa, é que mesmo o apoio institucional e empresarial que poderia tornar as ações do PCMI mais abrangentes, ainda não está consolidado. Um exemplo prático vem da própria organização do PCMI no Maranhão, onde apenas uma agência de turismo até o presente momento está credenciada ao programa. No mesmo sentido, sabe-se que apenas uma única empresa aérea oferece descontos fixos aos idosos. As demais companhias reduzem as taxas apenas por meio da intervenção das agências de turismo (DANTAS, 2001).

Melhorar a qualidade de vida de brasileiros a partir de 50 anos por meio do lazer e do turismo. Ora, essa melhoria da qualidade de vida, supõe, obviamente, conforme o objetivo descrito, que as atividades de lazer e de turismo para os maiores de 50 anos se tornem viáveis, ou seja, que haja sua participação. Isto só é possível, segundo algumas das estratégias do PCMI, a partir do engajamento do trade turístico e de instituições parceiras para o

oferecimento de produtos e serviços a preços reduzidos, o que ainda não está totalmente consolidado, o exemplo mencionado acima reflete esta situação.

Após algum tempo em operação, verifica-se que os objetivos do PCMI parecem estar ainda, a guardar certa distância de sua proposta básica de fundamentação.

Na verdade, a hipótese mais provável é de que esse programa tenha gerado muito mais uma melhoria no processo de “*ampliação da sociabilidade, do lazer, da informação e do próprio prazer de viver*” – tal como conclui Motta²³ (1999, p. 263) (citada por Scott, 2001) em seu estudo sobre grupos de convivência – enquanto a referência de formação dos CMI que, por sua vez, se articulam e no contexto de suas realidades, promovem diferentes tipos de atividades sócio-culturais, educativas e de lazer, que não única ou prioritariamente o turismo.

2.2.1 Programa Clube da Melhor Idade: premissas para a criação

Debert (1999) menciona que o idoso, especialmente a partir da década de 80 (século XX), tornou-se um ator político cada vez mais presente na sociedade brasileira, ocupando espaço na mídia e despertando atenção da indústria do consumo, do lazer e do turismo.

A constituição de associações de aposentados em vários locais do país é fruto de tal visibilidade, marcada também pela criação de outros “*espaços voltados para a congregação da população de mais idade, como os grupos de convivência de idosos, as escolas abertas, as universidades para a terceira idade*” (p. 137) espaços que a autora denomina genericamente de “programas para a terceira idade”.

A leitura feita por Debert vai ao encontro da constituição do PCMI, na medida em que este pode ser visto um como espaço que se abre para que pessoas de mais idade pudessem se reunir e vivenciar uma série de atividades basicamente tidas como de lazer, num contexto

²³ MOTTA, A. B. **Não está morto quem peleia: a pedagogia onesperada nos grupos de idosos**. Salvador, 1999. Tese (PhD) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia.

em que, além da instância federal, outros programas de atendimento a idosos – carentes ou não – têm sido criados em nível municipal, estadual e de organizações privadas em vários locais do país.

Especificamente, quanto ao que regeu a criação do PCMI, a Embratur se respalda nas projeções demográficas²⁴ e em outros ganhos advindos dos avanços da Medicina e da Tecnologia para destacar o papel do Programa Clube da Melhor Idade:

Com efeito, segundo dados do IBGE/IPEA, de 2000, a população brasileira vem envelhecendo (no início do Século XXI é constituída, aproximadamente, 30% de sexagenários); a expectativa de vida vem aumentando; a quantidade de crianças diminuindo; as mulheres passam a ter mais poder no interior da família; a dependência intradomiciliar desaparece com a melhoria da qualidade de vida entre idosos que se mantêm auto-suficientes por mais tempo. Aí entra o PROGRAMA CLUBE DA MELHOR IDADE (EMBRATUR/Relatório de Gestão, 2002, p. 81).

Segundo a Embratur (2002), o Programa procurou, nos Clubes da Melhor Idade, trabalhar com os diversos perfis da velhice conhecidos, configurados pela Instituição como:

- a) Indivíduos que vivenciam todas as atividades sociais;
- b) Indivíduos que ocupam o tempo com atividades criadoras;
- c) Indivíduos que assumem a condição de consumidores; e até;
- d) Indivíduos que experimentam a morte social (indivíduos que fundamentam suas vidas em ritmos biológicos – comer, dormir, trabalhar – sem nenhum sentido ou vínculo social).

No que se refere especificamente ao turismo nacional, a Embratur considera que o PCMI pode ser importante para o seu desenvolvimento porque contribui para:

- a) Gerar e manter empregos no setor turismo, tanto direto e indireto, especialmente na baixa estação;
- b) Desestacionalizar o turismo pela plena utilização da infra-estrutura hoteleira e de serviços turísticos;
- c) Gerar estratégias positivas que dinamizem o setor através da cooperação do setor privado e autoridades públicas nos diferentes níveis (federal, estadual e municipal);

²⁴ Debert (op. cit., p. 12) registra que a “preocupação da sociedade com o processo de envelhecimento deve-se, sem dúvida, ao fato de os idosos corresponderem a uma parcela cada vez mais representativa do ponto de vista numérico”. Entretanto, para autora ater-se apenas às razões de ordem demográfica é deixar de lado todo um conjunto de importantes reflexões possíveis de serem estudadas e investigadas acerca do processo de envelhecimento e da velhice como uma etapa deste processo.

- d) Intercâmbio e conhecimento entre cidadãos de diferentes países (intercâmbio transnacional).

De tudo isso, resulta uma série de processos e conquistas destacadas pela Embratur em seu Relatório de Gestão do Exercício de 2001, dentre os quais:

- a) Implantação de Clubes da Melhor Idade em todos os Estados Brasileiros;
- b) Criação de Associações Estaduais em 22 Unidades da Federação;
- c) Criação e regulamentação de 84 novos Clubes da Melhor Idade;
- d) Realização de 18 Encontros Estaduais;
- e) Promoção de 04 Encontros Regionais, com grande participação;
- f) Realização do VI CONGRESSO BRASILEIRO DOS CLUBES DA MELHOR IDADE, em Belo Horizonte, MG, de 31 de outubro a 03 de novembro, com 2.300 participantes;
- g) Realização de Pesquisa para Definir o Perfil da Melhor Idade;
- h) Renovação do Protocolo de Cooperação com o Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (INATEL), de Portugal;
- i) Realização do V ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DA MELHOR IDADE/TURISMO SÊNIOR, no Porto, Portugal, de 15 a 18 de maio;
- j) Iniciados contatos com a *Fundación Emociones*, do Paraguai, visando futuro intercâmbio;
- k) Desenvolvimento de contatos com o *Sevicio Nacional de Turismo* (Sernatur) do Chile para trabalho de intercâmbio da Melhor Idade/Adulto Mayor;
- l) Iniciados contatos com a Espanha, Argentina, Uruguai, Peru e Colômbia com a mesma finalidade;
- m) Preparo do folheto MELHOR IDADE, que orienta na criação de Clubes da Melhor Idade;
- n) Mantido contato com Agentes do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) para que os mesmos também orientem na criação dos Clubes da Melhor Idade nos Municípios Turísticos Brasileiros a partir de 2002;
- o) Divulgação do Programa para todos os Prefeitos dos Municípios Turísticos;
- p) Preparo do portal www.melhoridade.org.br;
- q) Preparo do texto provisório do GUIA DA MELHOR IDADE;
- r) Assinados Termos de Adesão ao Programa por pessoas jurídicas e físicas em 17 Estados Brasileiros (estabelecimentos e/ou profissionais liberais que comprometidos com o Programa garantem serviços e condições especiais para associados da ABCMI, mediante apresentação do Cartão Melhor Idade);
- s) Produção e divulgação de 50 mil exemplares de: o Cartão Melhor Idade, o Porta-cartões e Novas Fichas de Cadastro (100 mil) com que se objetiva campanha efetiva para a conquista de novos Associados em todo o Brasil.

- t) Também foram realizadas:
- u) Atividades de treinamento e qualificação de gerências – OFICINAS DE INTEGRAÇÃO nos Estados de Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Tocantins;
- v) Trabalhos de orientação técnica e jurídica na implantação de Clubes e Associações;
- w) Intensivo trabalho de preservação e divulgação da Cultura, pelo incentivo à criação de Corais, de grupos Folclóricos, de edição de livros e folhetos etc.; trabalhos de assistência social, com o envolvimento em : Campanha do Agasalho, Natal sem Fome, Adote um Avô, Manutenção de Asilos e Casas de Idosos etc.

Paralelamente a tais resultados, segundo o Relatório em 2001 foi,

constatado o empobrecimento da clientela da Melhor Idade e/ou a sua responsabilização pelo sustento das famílias (cresce, no Brasil, o número de aposentados que voltam a ser arrimo de família pelo desemprego dos filhos, que retornam à casa dos pais), a ABCMI-Nacional , com autorização do Conselho Nacional, passou a cuidar da criação da COOPERATIVA DA MELHOR IDADE (Embratur/Relatório de Gestão: 2002, p. 83).

A Cooperativa vai trabalhar com as habilidades e potencialidades das pessoas, dando-lhes condições de criar, de produzir, de gerar renda (no mercado informal), ao mesmo tempo em que ocupam seu tempo livre de forma prazerosa (combate à solidão) (Embratur /Relatório de Gestão, 2002).

Para 2003 está prevista a criação da Associação Americana de Turismo Sênior²⁵, cujos estatutos serão aprovados no dia 25 de setembro de 2003, em Bonito, MS, Brasil, durante o Workshop “Turismo Sênior/Ecoturismo num Mundo sem Fronteiras”.

2.2.2 – O papel da Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade

“A ABCMI operacionaliza o PCMI; a Embratur criou, mas descentralizou” (ABCMI-MA).

Conforme já referido, compete a ABCMI Nacional a operacionalização do Programa Clube da Melhor Idade. É uma entidade sem fins lucrativos, de duração

²⁵ Interessante notar que os enunciados dos eventos que compõem a programação da ABCMI-Nacional (ver anexo V) já fazem com frequência uso da expressão *Turismo Sênior*, que ganha força, sobretudo quando relacionada a eventos de caráter internacional.

indeterminada, constituída pelas Associações dos Clubes da Melhor Idade em funcionamento no Brasil. Resultou da mudança de nome da antiga Associação Brasileira dos Clubes da Maior Idade, criada a 25 de novembro de 1994, em Belém/PA. (Manual da ABCMI)

Segundo a ABCMI Nacional, entidade foi criada principalmente para:

- a) Defender os direitos, prerrogativas e interesses dos seus associados;
- b) Colaborar com autoridades e entidades públicas e privadas na promoção, desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura, turismo, lazer e recreação da população da Melhor Idade;
- c) Congregar Associações e Clubes da Melhor Idade;
- d) Divulgar, no Brasil e Exterior, a ação dos Clubes da Melhor Idade;
- e) Desenvolver contatos internacionais com movimentos congêneres de Seniores em outros países;
- f) Promover o bem-estar social de todos os associados, através da integração de atividades sociais;
- g) Estimular a eficiência e promover os valores éticos no desempenho de suas atividades, constituindo-se em poder arbitral para dirimir e conciliar eventuais divergências entre os associados.

A ABCMI congrega associados categorizados como ativo, filiado, honorário, correspondente, benemérito, colaborador, amigo da melhor idade e fundador.

Os benefícios oferecidos aos associados são:

- a) Cartão de filiado;
- b) Boletim Informativo da Melhor Idade;
- c) Guia da Melhor Idade;
- d) Serviços a preços especiais com profissionais e empresas conveniadas;
- e) Descontos em congressos e promoções da ABCMI;
- f) Convites para eventos;
- g) Pacotes turísticos.

A organização da ABCMI tem uma formação estrutural semelhante a outras entidades de caráter associativo; contudo, a sua maior particularidade advém de uma questão de gênero: A ABCMI-Nacional tem a sua diretoria executiva formada quase que totalmente

por mulheres, assim como são as mulheres que comandam praticamente a totalidade das presidências das ABCMI's estaduais. No primeiro caso, apenas o vice-presidente da ABCMI para a Região Norte é homem; no segundo caso, apenas os Estados do Amazonas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul contam com homens na função de presidente de suas respectivas ABCMI's estaduais.

O Conselho Nacional da ABCMI é constituído por:

- a) Presidente, que é sempre o Presidente da ABCMI – Nacional;
- b) Representante das ABCMI's Estaduais;
- c) Representante das ABCMI's Regionais;
- d) Representante da Embratur;
- e) Representante de cada Órgão Estadual de Turismo;
- f) Representante de cada Órgão Conveniado;
- g) Diretoria Executiva Nacional.

A Diretoria Executiva por sua vez constitui-se dos cargos de:

- a) Presidente;
- b) 5 Vice-Presidentes (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste);
- c) 2 Secretários;
- d) 2 Tesoureiros;
- e) Diretores (Técnico, Cultural, Internacional, de Promoções, de Comunicação Social);
- f) Secretário Executivo.

A criação de um CMI acontece a partir da iniciativa de interessados que constituam grupo de no mínimo 30 pessoas e no máximo 300, maiores de 50 anos, escolham o nome do clube e o local para seu funcionamento. Também devem informar sobre a taxa de filiação da ABCMI-Nacional e ABCMI-Estadual (anualmente), bem como a mensalidade do

clube (estipulado pelo mesmo). Deste modo, o grupo deverá convocar Assembleia Geral de Constituição do Clube com a Cópia do estatuto padrão do Clube da Melhor Idade, lista de presença e registro da ata de fundação do clube em cartório. Na Assembleia Geral deverá ser feita a leitura e a aprovação do Estatuto, do nome do clube e da mensalidade; e a eleição e posse da 1ª Diretoria, Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal.

Também é necessário registrar o Clube em cartório, através da Ata de formação e do Estatuto, assim como a obtenção do cadastro geral de contribuinte (CGC/MF como sociedade sem fins lucrativos);

A ABCMI estadual deve ser comunicada da criação do Clube com o envio da Ata de Formação, do Estatuto, do CGC, da Ficha de Inscrição e do Termo de Filiação.

Segundo a orientação dada pela ABCMI-Nacional, a condição básica para a filiar-se a um Clube da Melhor Idade é ter idade igual ou superior a 50 anos. Esta filiação pressupõe a procura de um clube próximo à residência do interessado; a análise do Estatuto do Clube, verificando se este atende às expectativas pessoais; a entrega de foto 3x4 mais documentos (carteira de identidade e CPF) e o pagamento de taxa de inscrição e mensalidade à ABCMI estadual.

O grande trabalho da ABCMI – Nacional é “operacionalizar o Programa Clube da Melhor Idade (PCMI), conforme normas e padrões aprovados pela Embratur e Conselho Nacional”. (Manual da ABCMI).

Para tanto, a ABCMI – Nacional, traçou o perfil geral de seus associados e revelou como alguns dos principais resultados (aqui registrados apenas os três primeiros percentuais) que:

- a) 97,7% dos respondentes eram do sexo feminino; apenas 7,1% eram homens;
- b) 45,4% eram viúvos; 29,6% casados e 13,8% solteiros;
- c) 25,4% tinham idade de 66 a 70 anos; 20,4% tinham de 71 a 75 anos e 20%, 61 a 65 anos de idade;
- d) No que se refere à renda mensal (em salários mínimos), 23,8% afirmaram ter rendimentos de 7 a 10 salários mínimos; 18,8% de 1 a 3 salários mínimos e o mesmo percentual para os que declararam ter uma renda de mais de 15 salários mínimos;

- e) Quanto à atividade profissional, 55,8% eram aposentados e 35,4% pensionistas;
- f) 75,4% utilizam o avião como meio de transporte para viajar; 74,6% fazem uso do ônibus e para 28,3% o carro era o meio de transporte mais utilizado;
- g) 73,8% declararam viajar na companhia de amigos; 54,6% viajam acompanhados de parentes e 23,3%, sozinhos;
- h) Entre os destinos preferidos, 67,9% têm preferência por locais de praia; 54,2% gostam de locais históricos; 47,9%, estâncias hidrominerais;
- i) O tempo habitual de permanência nos destinos turísticos era de uma semana para 87,9% dos entrevistados; mais de uma semana para 44,6% e um fim de semana para 23,8% dos respondentes;
- j) Habitualmente, 92,1% dos sujeitos utilizam o hotel como meio de hospedagem; 29,6% ficam em casa de parentes e amigos e 12,5% hospedam-se em colônias de férias;
- k) Para 87,5% dos entrevistados, viajar era a principal atividade de lazer realizada; 50,4% preferiam caminhar; 49,6% tinham preferência por ler; 44,2%, dançar; 36,3% assistir televisão/vídeo;
- l) 80% declararam ter o hábito de fazer compras nas viagens e 16,7% não o fazem;
- m) 64,6% declararam ter o hábito de participar de palestras/conferências e 23,3% não têm tal hábito;
- n) Entre os assuntos preferidos de palestras/conferências, 66,3% gostariam que o tema principal fosse saúde; 53,8%, cultura; 42,9%, turismo e 40%, educação;
- o) 80,4% dos respondentes manifestaram interesse em visitar outros países; 10,4% declararam não ter esse interesse;
- p) A Itália foi o país mais desejado como destino turístico para 40,8% dos entrevistados; seguida pela França para 37,5% dos sujeitos pesquisados e 29,2% declararam preferir a Grécia.

2.3 O Programa Clube da Melhor Idade em São Luís – MA

Resgata-se a informação prestada na Introdução deste trabalho de que as informações utilizadas para compor este item do trabalho foram coletadas junto aos gestores da ABCMI – MA²⁶; à Coordenadora Técnica do PCMI/ Subgerência Estadual de Turismo e aos próprios participantes do Clube Fios de Prata.

²⁶ As informações mais sistematizadas e completas foram obtidas junto à diretoria da ABCMI. São mínimos os dados que tratam da realidade do PCMI no Maranhão fornecidos pela Subgerência Estadual de Turismo. O órgão detém informações muito mais de caráter geral, ou seja: os dados básicos de caracterização do PCMI tal como descritos nos textos dos Relatórios de Gestão da Embratur pesquisados.

O Programa Clube da Melhor Idade no Estado do Maranhão está sob a responsabilidade da Agência Estadual de Turismo (órgão oficial), sendo desenvolvido em quatro municípios do Estado: Bacabal, Imperatriz (na realidade, ainda em fase final de implementação), Rosário e São Luís e operacionalizado através do funcionamento dos Clubes da Melhor Idade propriamente ditos, por sua vez formadores e integrantes da ABCMI-MA. São, no total, seis clubes em funcionamento, dos quais três estão localizados na capital, São Luís.

“É um programa da Embratur desenvolvido com a mesma a responsabilidade que os outros. Para tanto existe uma Coordenação Técnica que trabalha quase que com exclusividade com o programa” (Coordenadora do PCMI/Órgão Estadual de Turismo).

Os dados da ABCMI – MA apontam que o PCMI, no Maranhão, conta com um contingente de quase 700 (setecentos) participantes e somente nos clubes de São Luís são cerca de 450 (quatrocentos e cinquenta) integrantes, isto é, pouco mais de 64% do total de pessoas que os freqüentam. A meta é que esse número possa alcançar um índice bem mais alto em todo o Estado, sobretudo com a integração ao PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo²⁷.

A ABCMI-MA ratifica tal informação destacando os números esperados pelo PCMI-Nacional: 2004, um milhão de associados em todo o Brasil. Para que isto venha a acontecer, é necessária uma divulgação interna mais intensa, conforme especificou a Coordenação Técnica da Subgerência de Turismo para o PCMI.

Para a titular da Coordenação, o Programa já avançou bastante, mas ainda tem de desenvolver outras ações tão importantes quanto a divulgação como, por exemplo, o trabalho de constituir mais parcerias junto ao mercado turístico local, para elevar as oportunidades de descontos aos associados dos Clubes da Melhor Idade do Maranhão. Na sua visão, o PCMI,

veio mudar a vida das pessoas que já haviam perdido a esperança de realizar antigos sonhos como viajar, oportunidades de fazer novas amizades e sair do

²⁷ **PNMT:** Programa desenvolvido e coordenado pela EMBRATUR, mediante a adoção da metodologia da OMT, adaptada à realidade brasileira, com o propósito de implementar um novo modelo de gestão da atividade turística, simplificado e uniformizado, para os Estados e Municípios, de maneira integrada, buscando maior eficiência e eficácia na administração da atividade turística, de forma participativa (EMBRATUR). O objetivo da integração PCMI/PNMT, em âmbito nacional, é divulgar e facilitar a criação de novos clubes nos municípios turísticos brasileiros e com potencial turístico, atingindo um milhão de associados.

convívio familiar buscando novos horizontes. No entanto, ainda é um programa que atinge somente uma classe social com maior poder aquisitivo (Coordenadora Técnica do PCMI/Subgerência Estadual de Turismo).

No ano de 2000, a Embratur realizou em São Luís uma oficina de integração “visando o desenvolvimento do Programa no Estado do Maranhão” e também o “nivelamento de informações sobre o Programa Clubes da Melhor Idade, bem como identificar ações para torná-lo mais dinâmico, contribuindo para uma maior integração entre os seus participantes” (Pesce Jr., 2000). Por ocasião desta oficina, que contou com a participação de diretores e sócios dos CMI do Maranhão, levantou-se, sob a ótica desses participantes, quais os principais problemas para o desenvolvimento do PCMI no Estado. As respostas revelaram cinco grandes eixos, por sua vez englobando as causas de cada problema apontado, dentre os quais destacam-se:

❑ *Poder aquisitivo deficiente dos associados.*

Causa:

⇒ Situação econômica dos associados.

⇒ Dificuldade de inserção do idoso no mercado de trabalho.

❑ *Sócios pouco comprometidos com seus Clubes.*

Causa:

⇒ Falta de melhor entrosamento entre os clubes e associações e vice-versa.

⇒ Falta de disponibilidade, coragem e credibilidade da maioria das pessoas para participar no crescimento e desenvolvimento do PCMI.

⇒ Inexistência de divulgação do Programa dentro do Estado pela Associação.

❑ *Desconhecimento do PCMI.*

Causa:

⇒ Desconhecimento do PCMI pelos Clubes.

⇒ Pouco entendimento do PCMI.

❑ *Inexistência de espaço físico para Associações e Clubes.*

Causa:

- ⇒ Inexistência de uma sede para agregar associados.
- ⇒ Espaços físicos deficientes.
- ❑ *Gestão deficiente do Programa.*
 - Causa:
 - ⇒ Falta de vontade política dos órgãos promotores, dificultando a divulgação do PCMI.
 - ⇒ Falta de apoio das autoridades.
 - ⇒ Pouca integração dos órgãos.
 - ⇒ Desarticulação do PCMI com os demais segmentos da Política Nacional do Idoso.

Os problemas registrados com a realização da oficina revelam-se muito próximos do que foi assinalado pelos associados do PCMI em seus depoimentos quando do desenvolvimento da pesquisa no teor das entrevistas com o Clube da Melhor Idade Fios de Prata, por exemplo, quando da referência ao citado *poder aquisitivo deficiente dos associados* face ao objetivo de incentivar o turismo:

Eu acho que não, não funciona assim, porque você vê, olha, aqui só tem um grupo que eu não sei como eles fazem, que eu acho que é o poder aquisitivo deles é melhor que o nosso, que é o Renascer. O Renascer sempre tá viajando, eu não sei porque, não sei se é porque é só funcionário do estado. Mas funcionário do Estado... aposentado do Estado não ganha essas coisas, também não; porque que no Fios de Prata você confere um ou dois que não é salário mínimo, o resto é tudo salário mínimo. Fica difícil pra eles (Salvador, 75 anos).

Também com relação ao pagamento da contribuição dos associados aos seus CMI e destes para com a ABCMI-MA:

Os clubes pagam uma taxa para contribuir com a manutenção da ABCMI local equivalente a 10% das mensalidades pagas aos clubes pelos associados; mesmo assim, o valor é de acordo com o perfil sócio-econômico do Clube; há variação, pois tem os que pagam R\$ 10,00 e até R\$ 3,00 aos seus clubes (Diretora da ABCMI-MA).

Ou ainda em termos da pequena quantidade de CMI no Estado do Maranhão, às vezes numa comparação com outros lugares do Brasil. Interessante também registrar que em alguns questionamentos onde se fez menção apenas ao PCMI, as respostas imediatamente começavam registrando a sigla ABCMI. Foi muito recorrente a necessidade de atrelar

“Programa Clubes da melhor Idade” com “Associação Brasileira de Clubes da Melhor Idade - ABCMI”.

Eu acho que a ABCMI aqui pra nós tem muita dificuldade ainda porque os clubes são poucos, o povo ainda não está bem...mas lá para o sul está bem desenvolvido; eu tenho uma cunhada que faz parte da ABCMI lá de Santa Catarina, Florianópolis, ela disse que o negócio lá é quente e lá eles viajam muito, só vivem viajando (Salvador, 75 anos).

Precisa melhorar muita coisa. A ABCMI, ela precisa melhorar primeiro é no incentivo para a criação de clubes, porque o pessoal não tem uma associação, quanto mais associado tem maior rendimento, né? Então no Maranhão, por exemplo, ela só tem esses clubes; tem o de Bacabal, de Rosário, tem aqui o Fios de Prata, tem o Clube ali do Turu²⁸ e o Renascer e pronto, então se ela tivesse mais, então ela...o rendimento seria melhor (Salvador, 75 anos).

No contato mantido com a diretoria da ABCMI observou-se que a situação descrita acima é consequência direta da proximidade da entidade com os CMI's, uma vez que a ela compete a operacionalização propriamente dita do PCMI.

Entretanto, ainda que essa seja a função central da entidade no bojo da formatação geral PCMI, delineou-se, à época da coleta de informações, uma situação de distanciamento e “desamparo” sentida pela a ABCMI-MA face aos parceiros principais.

Dessas informações apreendeu-se que o PCMI, no Maranhão, tem seu desenvolvimento fortemente assegurado pelo empenho e articulações da própria entidade (ABCM-MA) junto a ABCMI-Nacional, ao *trade turístico*²⁹ e a outras instituições, empresas locais, além do apoio dos associados. Obviamente, assinala a importância da formação de parcerias para o sucesso do Programa no Estado, mas resente-se do quase nulo apoio da Embratur, acentuado em 2002 com a não liberação da verba para o referido ano, fato que comprometeu as atividades programadas, como por exemplo, o deslocamento de diretores da ABCMI - MA a importantes eventos relacionados ao andamento do PCMI no Brasil.

A colocação de Olinda denota o reconhecimento pelo trabalho da ABCMI-MA, contudo não deixa de revelar certo sentimento de inabilidade em se organizar para viajar por ser idosa:

²⁸ **Turu:** bairro de São Luís-MA.

²⁹ **Trade turístico:** expressão que designa o conjunto de órgãos, empresas e associados ligados à atividade turística.

(...) nas viagens você acha que eu indo por conta própria, eu vou ter condição de, de fazer pacote, de pagar, de organizar ele todinho, eu idosa? Daí é que tá o benefício, é de todo mundo...elas. a ABCMI fazerem tudo pra nós (...).

Conforme a ABCMI-MA, no que se refere ao apoio da Subgerência Estadual de Turismo, este é tido como menos distante, não apenas por ser um apoio em nível estadual, mas principalmente pela figura sempre presente do Coordenador Técnico do PCMI (designado pela instituição oficial de turismo) junto às atividades desenvolvidas pela ABCMI. Pelo exposto, as possibilidades de compreensão do desenvolvimento e organização do PCMI no Estado do Maranhão são, assim, muito mais atreladas ao contexto das articulações e informações geradas pela ABCMI-MA, através das quais pode-se destacar singularidades e/ou generalidades acerca do PCMI no Maranhão.

Desta forma, considerando as informações coletadas junto à diretoria da ABCMI-MA, a socialização compreendida como a possibilidade de interação/integração com pessoas da mesma faixa etária é vista como o maior ganho para os que participam do Programa. O reflexo de tal processo se manifesta positivamente através de vários das mudanças interna e/ou externamente percebidas relacionadas ao associado ABCMI/PCMI, com ênfase à condição de pós-aposentado (a):

Aqui, a gente consegue verificar a melhoria visível e indiscutível da qualidade de vida dos participantes, demonstrada por meio de atitudes e cuidado com a aparência. O trabalho da ABCMI é até visto como preventivo das doenças psicossomáticas! A ABCMI é terapêutica; muitos médicos indicam a adesão para o tratamento de idosos com depressão e tristeza que vem com a aposentadoria, por exemplo (Diretora da ABCMI-MA).

Entrei aqui uma velha, hoje sou uma mulher de melhor idade, “amadurecida” – Comentário de uma senhora quando da coleta de informações sobre o PCMI/ABCMI no Maranhão (na sede da Associação) (Diário de Campo: agosto, 2002).

Dessa forma, a adoção de atitudes positivas em relação à vida foi colocada como um marco divisor entre o antes e o depois do engajamento no PCMI, numa postura em que significa uma “nova perspectiva ao público por ele mobilizado” (Debert, 1999, p.151) e que confere uma concordância com as “falas e textos produzidos pelos organizadores dos programas que justificam sua importância e objetivos [...]” (Ibid., 1999, p. 147).

O desenvolvimento do turismo é colocado como uma atividade prioritária e a ABCMI-MA concentra esforços para torná-la freqüente. A oportunidade da viagem turística decorre principalmente da programação nacional do PCMI/ABCMI-Nacional divulgada ano a ano (ver anexo V). A programação é variada e contempla, além de eventos internacionais, nacionais e regionais, as festas e comemorações tradicionais que são adaptadas e/ou realizadas conforme a realidade local.

Viajar para encontros, seminários e congressos, no contexto da articulação do PCMI/ABCMI-MA requer uma organização pensada, segundo a ABCMI-MA, em função do poder aquisitivo dos associados, o que significa que se trabalha prioritariamente com o parcelamento dos pagamentos dos pacotes turísticos³⁰ elaborados.

O processo de licitação é o mecanismo utilizado para a escolha da empresa (agência de turismo) responsável pela organização desses pacotes turísticos. Atualmente a ABCMI-MA tem apenas uma agência desenvolvendo este trabalho.

A realização das atividades de lazer turístico são percebidas como grandes oportunidades também de intercâmbio, diversão e aprendizado. Contudo, em comparação com o ambiente de afetividade proporcionado pelos encontros freqüentes dos grupos em seus clubes, o turismo é considerado um aspecto secundário, tendo em vista que muitos não tomam parte desta atividade:

A gente diz com franqueza que o convívio que se tem com a participação, o encontro com os colegas, as amizades que se faz nos clubes é o principal benefício para esses idosos daqui; turismo é bom sim, mas é segundo plano; quando se pode se vai, se faz, mas a união dentro dos clubes é mais forte (Diretora da ABCMI-MA).

Temos um calendário anual de atividades. Ai, com a agência organizamos a viagem e divulgamos nos clubes. Tem clube que vai muita gente, outros pouco e outros muito pouco. Não falei do pagamento da mensalidade? Imagina pra viajar (Diretora da ABCMI-MA)

No contato com os dirigentes da ABCMI-MA, um fator explícito de acentuada preocupação colocado veementemente pelos informantes diz respeito à pouca participação masculina nos clubes, no PCMI em geral. Na justificativa apontada, essa postura é atribuída ao

³⁰ **Pacote turístico:** expressão que designa o conjunto de serviços turísticos (hospedagem transporte, etc) adquiridos num só ato de compra pelo turista por intermédio de uma agência ou operadora de turismo.

preconceito masculino, segundo o qual os homens têm mais resistência em admitir ter chegado na velhice; a entidade tem, desta forma, buscado alternativas para minimizar a situação:

Os homens é que são difíceis de fazer chegar até a associação e nos clubes; é tanto que a gente tem procurado mudar isso. No ano passado fizemos o concurso de Mister da Melhor Idade só pra atraí-los (Diretora da ABCMI-MA).

Os candidatos ao concurso de Mister da Melhor Idade foram representantes dos CMI do Estado do Maranhão e o eleito foi um associado do CMI Fios de Prata. Tal como já destacado, seis pessoas dentre as que participam desse clube compuseram a amostra de sujeitos desta pesquisa.

Convém relembrar o Fios de Prata é um clube integrante do PCMI, e que no contexto de caracterização geral desse programa utiliza-se a expressão *melhor idade* para designar os que dele participam e, por extensão, *turismo da melhor idade* define o lazer turístico promovido no âmbito do PCMI; a expressão *turismo para terceira idade* (equivalente a *na, de e da* terceira idade; a *turismo sênior* e também a *turismo de, na, para e da* melhor idade) tem sido utilizada também ao longo deste estudo, porém referente ao material bibliográfico arrolado como um todo, tendo em vista que ainda é a mais utilizada (em se tratando de literatura nacional, posto que *turismo sênior – senior tourism* – tem uso corrente na literatura internacional).

Portanto, na análise aqui proposta os sujeitos investigados, associados ao CMI Fios de Prata (por sua vez, parte do PCMI no Maranhão) e ainda por terem, no seu perfil pré-definido, a característica de participantes da atividade turística desenvolvida via programa, foram vistos na análise em termos de *turismo da melhor idade*.

Na seqüência abaixo, apresenta-se uma caracterização geral do perfil desses sujeitos para a qual se tomou como referência as variáveis que compuseram o levantamento sócio-demográfico, assim como algumas singularidades de comportamento observadas quando da coleta dos depoimentos e registradas no diário de campo.

Ouro Preto, *sexo masculino, fotógrafo, 74 anos, aposentado, desquitado, 2º grau completo, tem um casal de filhos, morando com a filha e o irmão, residindo em casa pertencente ao irmão, procedente do interior da Paraíba. Avalia a saúde como regular. Ouro*

Preto faz parte do seletor grupo de homens participantes do Clube Fios de Prata, fato pelo qual manifestou pesar, lembrando que os homens têm resistência à participação em agremiações deste tipo; tem voz pausada e durante toda a entrevista fez várias referências à sua candidatura e eleição ao título de Mister da Terceira Idade, o que lhe rendeu, como premiação, a cortesia da passagem e mais 50% de desconto na hospedagem da viagem para Minas Gerais, em 2001, quando da realização de um dos Congressos Brasileiro de Clubes da Melhor Idade.

Salvador: *Sexo masculino, torneiro mecânico, aposentado como fiscal de renda do Estado, 75 anos, casado, morando com o cônjuge, 2º grau completo, tem um casal de filhos e de netos, residindo em casa própria, procedente do interior do Maranhão. Avalia sua saúde como muito boa. Considera-se um dos poucos, dentre os colegas participantes do Clube Fios de Prata, a ter uma renda boa como aposentado. Ainda assim, durante todo o depoimento fez menção à sua situação financeira debilitada, por negócios mal sucedidos como comerciante. Faz poesias e retrata as personalidades dos colegas, muitas das situações do grupo e viagens realizadas em versos de cordel. Está escrevendo um livro que espera lançar em breve com o apoio do SESC - MA. A entrevista com Salvador foi a mais longa, pois ele demonstrou grande empolgação em falar do turismo no Maranhão e retratar as características culturais e naturais do Estado. Participou e participa de vários grupos de terceira idade: SESC - MA, UNITI – Universidade Integrada da Terceira Idade Clube da Melhor Idade Fios de Prata e paróquia da comunidade em que reside. Reclama da pouca participação dos homens no grupo, atribuindo tal fato ao machismo masculino.*

Olinda: *Sexo feminino, funcionária pública municipal, aposentada, 76 anos, viúva, 2º grau completo, morando com casal de filhos, residindo em casa própria, procedente do interior do Maranhão. Auto-avalia sua saúde como boa. Olinda é espírita e desenvolve várias atividades de voluntariado. É a presidente do Fios de Prata. Tem uma aparência física que inspira fragilidade, quebrada, porém, com a observação de sua atuação em uma das reuniões do grupo, conduzida com energia e amabilidade.*

Alcântara: *Sexo feminino, pensionista, dona de casa, 78 anos, viúva, 1º grau incompleto, morando com a filha e uma tia deficiente física, residindo em casa própria,*

procedente do interior do Maranhão. Auto-avalia sua saúde como boa. Foi a entrevistada que necessitou de mais explicações quanto aos questionamentos propostos. Violeta declarou ter problemas com a memória e por isso aconteciam esquecimentos constantes. Nunca trabalhou fora de casa, vivendo uma situação de dependência em função da família. Declarou que só foi aprender alguma coisa depois que entrou para o Clube, até então sabendo apenas bordar à mão. Sua maior preocupação é com a situação financeira da única filha, que não está trabalhando e o dinheiro da pensão deixada pelo marido (ex-funcionário da Cia. Aérea Cruzeiro do Sul) não poderá ser repassado para a filha em caso de sua morte. Assim, pretende passar a casa para o nome desta, além de pagar contribuição do INSS para que a filha possa se aposentar como autônoma. Ao longo da entrevista fez vários comentários comparativos entre a sua atuação como presidente do Clube Fios de Prata e a atual presidência.

Pompéia: *Sexo feminino, 73 anos, aposentada e anterior a está condição trabalhava como costureira e comerciante, casada, 8 filhos, 2º grau incompleto, morando com cônjuge e neto, residindo em casa própria, procedente da localidade Potó Velho, zona rural do Município de São Luís Gonzaga, interior do Maranhão, 225 km distante de São Luís. Auto-avalia sua saúde como regular, pois tem problemas com a memória, sua grande queixa. Dos sujeitos entrevistados é a única que nunca participou das viagens organizadas pela ABCMI para fora do Maranhão. Sente falta dos cursos de treinamento de memória que já aconteceram no Clube. Fala muito dos problemas de saúde do marido (diabetes), descrevendo vários acontecimentos relacionados a isto. Todo o depoimento de Pompéia foi acompanhado por sua irmã que, por coincidência, estava em visita ao Clube Fios de Prata.*

Ítaca: *Costureira, sexo feminino, aposentada, 58 anos, solteira, 1º grau incompleto, morando só, residindo em casa própria, procedente do interior do Maranhão. Auto-avalia sua saúde como boa. Relutou, a princípio, em conceder a entrevista, alegando não ter o que comentar, por estar há pouco tempo no grupo. Após a explicação de praxe quanto aos objetivos do trabalho, mostrou-se receptiva. Ao longo da entrevista, constantemente tinha crises de riso e, algumas vezes se recusou a responder o questionamento feito, solicitando que a entrevistadora “pulasse” a pergunta. Algumas respostas de Ítaca foram evasivas e muitas vezes fez questão de frisar a distância etária que a separa dos demais*

participantes do Clube da Melhor Idade Fios de Prata, lembrando sempre a sua autonomia, independência e disponibilidade e de fazer a própria vontade.

São, portanto, esses os sujeitos vinculados ao CMI Fios de Prata com os quais nos propusemos a trabalhar e a partir de suas contribuições buscar os caminhos para tornar explícitas as respostas para os objetivos delineados. O capítulo seguinte constituiu-se num esforço direcionado ao encontro de tal proposição.

CAPÍTULO III

CLUBE DA MELHOR IDADE FIOS DE PRATA: O PCMI NO MARANHÃO

Sua barba era de prata como um riacho de abril... Pois o jovem é belo, mas o ancião é grande E vemos labaredas, nos olhos dos jovens Mas no olhar do velho, vemos luz.
Victor Hugo

O Clube da Terceira Idade Fios de Prata existe desde 1990. De acordo com depoimentos coletados, não foi criado em função do Programa de Clubes da Melhor Idade da EMBRATUR. Isto ocorreu em 1995, quando, então, passa a ser denominado Clube da Melhor Idade Fios de Prata, após a filiação ao PCMI. Os seus integrantes foram visitados e convidados a integrarem-se ao PCMI por representantes da Subgerência Estadual de Turismo, órgão oficial de turismo (estadual) quando já estavam organizados em clube.

Esse CMI tem, atualmente, cerca de 80 associados, sendo que deste quantitativo pouco mais da metade (47 pessoas, 58,75%) tem participação ativa, isto é, freqüentam o clube habitualmente, comparecendo às reuniões e tomando parte das atividades programadas; os outros 33 associados (41,25%) não têm freqüência regular por motivos diversos: “*uns dependem dos filhos; tem os que moram mais longe ou só por falta de interesse mesmo*” (Pompéia, 73 anos).

Originalmente, o CMI Fios de Prata tem sua origem ligada às ações públicas direcionadas ao idoso, neste caso, de iniciativa do Governo do Estado do Maranhão através de setores de ação social. A essa época (1990), o Governo estadual destacou assessores para seus centros comunitários para atuação em diversas áreas sociais, inclusive de atenção à pessoa idosa.

A linha de trabalho seguida a partir da criação do Clube trouxe como característica básica, além do desenvolvimento de ações assistenciais, a ênfase ao aspecto lúdico e cultural. A fala de Alcântara (pioneira da fundação da agremiação) e Olinda reforçam esta idéia:

[...] me chamaram para mim dá umas cestas pruns velhinhos, pra mim participar também e ganhar essas cestas. Eu vim, aí a gente fez uma comemoração e falou e tudo; aí a gente cantou e me perguntaram o que a gente queria, se deixasse só naquilo pra ganhar todo ano ou então o que que nós queríamos pra fazer um grupo. Aí eu disse que eu queria pra fazer um grupo. Era...aqui...foi eu, foi seu Paulo [...], Vicente; e foi Moacir¹ [...], alguns que ainda tem, né? Depois que as outras foram entrando. Mas aí a gente fazia chá....aí a Socorro² sempre conosco (Alcântara, 78 anos).

A Socorro foi destacada pra cá, aqui pro Centro Comunitário, aí ela tinha que fazer alguma atividade, então ela começou a reunir os idosos aqui pra fazer progra... primeiro festejavam aniversários, aí eles começaram a vir pra cá, jogavam, brincavam. Socorro fazia brincadeiras com eles, quer dizer daí foi que se formou o Clube (Olinda, 76 anos).

Dessa primeira fase para a filiação ao PCMI foram cinco anos, quando o Fios de Prata passou a ter outras possibilidades de atividades de lazer, assim como a responsabilidade de seguir uma nova orientação quanto ao desenvolvimento dessas atividades e de postura associativa, nesse caso a de afiliado ao PCMI/ABCMI.

Elas disseram³ que a gente tinha muito a crescer mais; quem nunca tinha saído de casa ia viajar... quem quisesse, né?” (Alcântara, 78 anos).

Nunca nós fizemos viagem que o Clube não organiza, nenhuma; as viagens só são organizadas pela ABCMI [...]. Por enquanto nós ainda não fizemos viagem, porque nós não podemos, porque nosso estatuto reza que a gente só pode viajar com empresa autorizada, que faça parte da ABCMI (Olinda, 76 anos).

À parte da importância dessas mudanças, no sentido do conjunto dos objetivos propostos e dos depoimentos coletados, neste item buscou-se apreender também junto aos entrevistados o significado de participar do CMI/PCMI, circunscrito no objetivo maior de verificar em que medida o PCMI contribui para a sua qualidade de vida. Nesse contexto, questionou-se sobre o lazer antes do CMI/PCMI, o motivo para participar do CMI/PCMI, a percepção quanto ao objetivo do PCMI e o significado de participar do CMI/PCMI propriamente dito.

¹ Participantes pioneiros na formação do Clube Fios de Prata (nota de campo).

² Socorro Ramos: Assistente Social designada pelo Governo estadual para a organização do Clube Fios de Prata (nota de campo).

Contudo, num primeiro momento antes de ser trilhada tal reflexão, trabalhou-se uma caracterização mais geral dos membros do Fios de Prata (já enfatizada em um primeiro momento no item anterior), a partir da qual, ao final das entrevistas e com a organização do material coletado para esta investigação, teve-se a oportunidade de sistematizar esse material humano. As informações sobre o grupo e, suas características básicas, norteadas pelas variáveis arroladas na ficha de levantamento sócio-demográfico (ver anexo I e III), foram sendo formatadas. Nesse sentido, logo a princípio uma questão de gênero emergiu: quatro mulheres e dois homens: um reflexo do que foi observado nas reuniões do grupo nas quais se pôde estar presente, isto é, indiscutivelmente o quantitativo de mulheres é superior ao de homens. Ressalte-se que um aspecto que vem sendo amplamente discutido em relação ao envelhecimento da população brasileira é o processo de feminilização da velhice, ou seja: a maior proporção de mulheres no total da população idosa. (CAMARANO, 1999).

Também nesse segundo encontro sou convidada a me juntar ao grupo em sua reunião do dia. Contei 32 pessoas. Apenas 4 homens. As mulheres comandam. Ao longo da reunião não presenciei manifestação masculina (Diário de Campo: agosto/2002).

No geral, o Fios de Prata tem um contingente de 38 mulheres e 09 homens dentre os seus 47 freqüentadores ativos, 80,85% e 19,14% respectivamente, deste quantitativo.

Debert (1999, p. 139) diz que no Brasil, *“os programas para a terceira idade têm mobilizado, sobretudo, um público feminino. A participação masculina raramente ultrapassa os 20% [...]”*. De fato, a pesquisa elaborada pela ABCMI/PCMI para traçar o perfil de seus associados detectou que 97,7% dos pesquisados eram do sexo feminino, cabendo o percentual de 7,1% ao sexo masculino. As informações coletadas junto a ABCMI-MA dão conta de que no Maranhão⁴ isto também se verifica.

³ Referindo-se ao Técnico da Subgerência de Turismo e aos membros da diretoria da ABCMI-MA (nota de campo).

⁴ A população do Maranhão é de 5.657. 552 pessoas; o total de pessoas com 60 anos ou mais representa 7,17% desta totalidade, isto significa 405.871 pessoas, das quais 197.192 são homens (48,58%) e 208.679, mulheres (51,41%) (Censo 2000 do IBGE).

Para Salvador, o machismo e a vergonha são a justificativa para a diminuta participação masculina nos programas para a terceira idade:

[...] daqui do Maranhão, 99%, talvez 99% seja mulher; os homens não querem nada com o negócio; é muito difícil os homens quererem. Nós temos aqui um média de... parece que cinco homens por setenta e poucas pessoas; parece que cinco homens. Os homens parece que têm vergonha, eu acho que isso é machismo.

A fala de Salvador ilustra muito bem outra observação de Debert (1999, p. 158), segundo a qual “*as mulheres têm dificuldade de explicar a ausência de um público masculino nos programas. São os homens, em número reduzido nos programas, que estão mais preocupados em ressaltar a participação feminina e dar razões para a ausência masculina*”.

Os participantes do CMI Fios de Prata estão situados nas seguintes faixas etárias⁵: duas pessoas têm entre 50⁶ – 54 anos (4,2%); oito têm entre 55 – 59 anos (17%), a mesma quantidade e percentual referente à faixa de 60 – 64 anos; dez têm entre 65 – 69 anos (21,2%), também igual para o grupo de 70 – 74 anos; nove, por fim, têm de 75 anos e mais (19,1%).

As idades dos entrevistados agruparam-se, curiosamente – com exceção de Ítaca de 58 anos – na casa dos 70: 73, 74, 75, 76 e 78 anos. É destacado pelo Técnico da Subgerência de Turismo (responsável pela coordenação do PCMI no Maranhão) que os associados do CMI Fios de Prata são os mais velhos em comparação com os membros dos outros Clubes, isto é, apresentam a maior média de idade. Lembre-se ainda que a pesquisa da ABCMI Nacional revelou que 20,4% de seus afiliados encontram-se no grupo de 71 a 75 anos e 13,8% têm mais de 75 anos, exatamente os grupos de idade em que estão situados quase todos os sujeitos pesquisados.

Em comparação também com os dados da ABCMI-Nacional, no conjunto, a maioria dos participantes do Fios de Prata está situada dentro dos dois maiores grupos de idades identificados na pesquisa: 66 a 70 anos (25,4%) e 71 a 75 anos (20,4%).

Embora autores como Horneman et al. (2002) registrem que variáveis psicográficas estejam sendo incorporadas aos estudos sobre a dinâmica de comportamento de

⁵ Sempre em relação ao total informado de freqüentadores ativos (47 pessoas).

⁶ Idade mínima estabelecida para ingresso no PCMI.

turistas da terceira idade, tendo em vista que a utilização de critérios demográficos apresenta limitações, estes (como, por exemplo, a idade) ainda prevalecem como significativos na maioria das investigações envolvendo o turismo e a terceira idade. Também a segmentação das pessoas de terceira idade por faixas etárias tal como descrito no item 2.1 do Capítulo II demonstra que as que estão situadas nos grupos de idade mais elevadas são caracterizadas como menos ativas e com tendência a uma participação também menos intensa em atividades turísticas.

A diminuição da tendência para a realização de viagens turísticas sofre influência da idade, conforme demonstraram em suas pesquisas Zimmer; Brayley; Searle (1995) e Fleischer; Pizam (2001), geralmente relacionada à diminuição desta atividade de lazer.

Traçando-se um paralelo desses aspectos com a investigação conduzida junto ao grupo do CMI Fios de Prata, é interessante registrar que estes em sua maioria, mesmo em sintonia com as coortes mencionadas pelos autores acima, revelam um perfil de certo contraste na medida em que a idade parece não ter interferência na predisposição em realizar viagens ou mesmo não os limita ou influencia a ter um comportamento pouco ativo com relação à participação em atividades turísticas.

E quando a gente chegava no hotel não tava cansado. Sabe o que nós fazíamos? Banhava de novo e ia sair, não se incomodava, não tinha hora pra gente. Que hora que é pra ta aqui? Tal hora, duas horas, então nós saía de manhã e só chegava na horinha de ir. Nós não cansava, não! (Alcântara, 78 anos).

Eu gosto é de conhecer rua, eu vou pra todo lado [...] (Salvador, 75 anos).

Eu sou do grupo que vai passear na cidade (Ouro Preto, 74 anos).

Ítaca, com 58 anos, que se declarou “ *muito animada*” pode, então, ser identificada mais especificamente como mais próxima dos resultados demonstrados pelos autores citados.

Esses depoimentos são também ilustrativos da categoria *perfil de viajante* que traçou uma caracterização do comportamento dos sujeitos investigados face à condição de turistas, numa leitura interligada também aos resultados das pesquisas descritas no referencial teórico do estudo.

Interessante observar-se que uma característica comum aos entrevistados foi a situação de cenário migratório (campo-cidade). Cinco são oriundos do interior maranhense e um do interior da Paraíba. Diz Santana (2002) que a migração exerce um relevante papel na composição etária e, conseqüentemente, no envelhecimento populacional, pois pode influenciar a velocidade com que este se processa, acelerando numa região e retardando noutra. No Brasil, até 1930 (século XX), dois terços da população vivia em zonas rurais. Atualmente, mais que três quartos vive em zonas urbanas. Este fluxo migratório, denominado de permanente pelo fato de os migrantes rurais não apresentarem a intenção de retorno a seus lugares de origem, deve-se a várias causas: desemprego rural, diferença salarial campo/cidade, concentração de serviços públicos nas cidades, influência da mídia que cria uma falsa idéia sobre a vida nas grandes cidades etc. (Ministério da Saúde: Programa Saúde do Idoso). Num cômputo geral, essa é a situação de 18 (38,29%) dos 47 freqüentadores do CMI Fios de Prata.

A composição relativa à escolaridade dos sujeitos entrevistados retratou diferenças básicas entre os dois graus de instrução (1º e 2º) informados: segundo grau completo (Olinda e Ouro Preto) e incompleto (Pompéia); primeiro grau completo (Alcântara e Salvador) e incompleto (Ítaca). Esse quadro remete ao fato de que, apesar de se ter observado ganhos expressivos na proporção da população idosa alfabetizada, ela ainda é baixa. Segundo o IBGE, o índice nacional de alfabetização é de 87,2%, enquanto que o da população idosa é de 64,8%. Tais números revelam a existência de 5,1 milhões de idosos analfabetos, onde a média de estudo entre estes é de 3,4 anos.

Salvo a questão proporcional entre a quantidade de homens e mulheres com freqüência assídua no CMI Fios de Prata, o mapa que se apresenta quanto à escolaridade geral do grupo tem a seguinte disposição entre as mulheres: 11 (28,9%) têm 1º grau completo e oito (21,0%), incompleto; 10 (26,3%) têm 2º grau completo e cinco (13,1%) incompleto e quatro (10,5%) declararam-se alfabetizadas. Entre os homens: três (33,3%) tem 1º grau completo e um (11,1%) incompleto; três (33,3%) têm 2º grau completo e um (11,1%) incompleto e um (10,5%) disse ser alfabetizado.

Para Camarano (1999), um dos pontos relacionados à população idosa alfabetizada merecedor de destaque é o fato de que, historicamente, a população masculina sempre teve maiores índices de alfabetização que a feminina, independentemente da idade. Isto decorre,

dentre outros aspectos, da forte discriminação face às oportunidades educacionais, quando o privilégio do estudo era mais acessível aos homens. A autora ressalta, entretanto, a superação de tal situação, considerando que as mulheres jovens já apresentam níveis educacionais mais elevados do que os homens.

De acordo com a Subgerência Estadual de Turismo, o CMI Fios de Prata está composto por uma maioria de pessoas de classes populares, com padrões financeiros mais modestos que os integrantes dos demais CMI's de São Luís, um fato que destoia do perfil traçado pela ABCMI-Nacional sobre o seu associado, que aponta 23,8% (o maior percentual) correspondendo aos que ganham de 7 a 10 salários mínimos.

O perfil dos afiliados desse clube quanto à renda traz como característica principal a grande concentração dos que ganham um salário mínimo: 26 pessoas dentre os seus 47 participantes ativos, o que corresponde a 46,8%. Um a três salários mínimos é a renda mensal de 29,7%, isto é, de 14 pessoas. Seis freqüentadores (12,7%) têm ganhos entre três e cinco salários mínimos e um (2,1%) situou sua renda na faixa de mais de 10 salários mínimos. A faixa salarial entre 5 e 10 mínimos⁷ não enquadrava qualquer dos sujeitos que participam do CMI Fios de Prata.

A desigualdade de renda é uma característica marcante de toda a sociedade brasileira e é encontrada, também, entre os idosos. Cumpre destacar-se também que, segundo o IBGE, os Estados do Nordeste têm os menores rendimentos, com destaque para o Maranhão, onde os idosos recebem, em média, R\$ 287 (duzentos e oitenta e sete reais). Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD⁸ de 2001, 41,4% dos idosos brasileiros estão em famílias com rendimento familiar *per capita* inferior a 1 salário mínimo. Essa proporção é ainda maior na Região Nordeste (63,3%).

Informações mais precisas quanto à renda dos entrevistados descrevem uma situação de supremacia masculina: Salvador e Ouro Preto detêm os mais altos valores, respectivamente, de 10 a 20 e de três a cinco salários mínimos. Um quadro comum nos

⁷ Uma das faixas salariais constantes da ficha de identificação sócio-demográfica (anexo III).

⁸ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada anualmente e que investiga, de forma permanente, os temas habitação, rendimento e trabalho, associados a aspectos demográficos e educacionais.

levantamentos socioeconômicos nacionais como o do Censo 2000 do IBGE, segundo o qual, a diferença entre homens e mulheres continua sendo expressiva em relação a rendimento: 71,3% das mulheres que trabalham recebem até dois salários mínimos, contra 55,1% dos homens. Isto significa que por gênero, os homens ganham, em média, mais do que as mulheres: R\$ 752 contra R\$ 500.

Das quatro mulheres, é Alcântara a que tem a maior renda, situada na faixa de um a três salários mínimos; Olinda, Pompéia e Ítaca recebem, igualmente, um salário mínimo cada uma.

A fonte de renda é basicamente comum a todos os pesquisados – aposentadoria – com exceção de Alcântara que é pensionista. Dados do IBGE (Censo 2000) mostraram que a Região Nordeste tem 3.496.959 aposentados ou pensionistas e deste quantitativo, 324.400 estão no Maranhão. A mesma situação foi verificada na pesquisa da ABCMI-Nacional: 55,8% são aposentados e 35,4% são pensionistas dentre os associados da entidade.

Anteriormente, em suas situações de trabalho, esses sujeitos eram fotógrafo (Ouro Preto), torneiro mecânico e funcionário público estadual (Salvador), funcionária pública municipal (Olinda), costureira (Ítaca), costureira e comerciante (Pompéia) e “*nunca trabalhou*”⁹ (Alcântara). À exceção de Ouro Preto, todos os demais sujeitos declararam ocuparem-se com atividades ligadas à esfera doméstica (lavar louças, cuidar de plantas, fazer compras, limpeza de casa etc.). Olinda ocupa-se também com atividades voluntárias; e Pompéia, com artesanato.

Entre os idosos, prevalece na sociedade brasileira um elevado contingente de viúvas, contrastando com a alta proporção de homens casados, o que revela uma dinâmica conjugal diferenciada entre os gêneros (Berquó, 1999). A viuvez, estado civil comum à maioria das mulheres idosas, é também a condição de dois dos entrevistados: Olinda e Alcântara. Salvador é casado e seu cônjuge já fez parte do CMI Fios de Prata. Pompéia, também casada, frequenta o Clube juntamente com o marido. Ouro Preto é desquitado e Ítaca declarou-se solteira, situação de 7,6% das mulheres que chegam à terceira idade (Berquó,

⁹ Expressão utilizada por Violeta, significando que nunca trabalhou fora de casa. (nota de campo).

1999). Interessante ressaltar que a viuvez é o estado civil de maior percentual (45,4%) entre os associados do PCMI/ABCMI-Nacional e o público feminino seu maior contingente.

Cinco dos sujeitos investigados são proprietários das casas ou apartamento onde moram. Apenas Ouro Preto reside na casa do irmão. Todos recebem aposentadoria ou pensão e, desta forma, nenhum depende totalmente da família. Ítaca mora só e se mantém com recursos próprios. Ouro Preto declarou recorrer à ajuda do filho quando da necessidade de recursos para viajar, contudo sempre a título de empréstimo. Interessante: Iguns afirmaram ajudar os filhos financeiramente e mesmo sustentar a família ou partilhar despesas com estes. Alcântara, por exemplo, é a provedora de sua família, composta por ela, a filha única e solteira e uma tia, que tem deficiência física. Salvador colabora com a filha (casada) e também com a mãe da esposa. Olinda compartilha as despesas do orçamento doméstico com a filha, que trabalha, além de ser a cuidadora do filho portador da síndrome de Dawn.

Em consonância com o que tem sido revelado em pesquisas divulgadas pelo IBGE, observa-se que os idosos têm um papel relevante no orçamento familiar. Cerca de cinco milhões são responsáveis pelo sustento de filhos, netos e bisnetos, representando a principal fonte de renda (quando não a única) da casa. Também, no que se refere aos arranjos domésticos observou-se entre os sujeitos alguma variação. Ítaca é a única que mora sozinha, pois os filhos vivem em São Paulo. Ouro Preto, desquitado, mora com a filha e com o irmão, o proprietário da casa. Pompéia vive com o marido e um neto menor de idade. Olinda, mora com o casal de filhos e Salvador com a esposa.

Qualidade de vida, lazer e turismo são, conforme já enfatizados, alguns dos aspectos centrais citados da proposta do PCMI. Abordou-se, em capítulos anteriores, que a idéia de qualidade de vida envolve condições objetivas e subjetivas, como a percepção que um indivíduo tem sobre a sua situação de vida, contextualizada em sua própria cultura (Lolas, 1997 apud Viguera, 2002). Outra consideração referiu-se ao lazer como uma dimensão da qualidade de vida, na medida em que deve permitir¹⁰ ao indivíduo um equilíbrio consigo mesmo e com o ambiente, favorecendo seu próprio bem-estar.

¹⁰ Lazer vem do latim *licere* e significa "ser permitido".

Esse bem-estar pode ser compreendido como uma oportunidade de auto-avaliação e aprimoramento, além do desenvolvimento físico, mental e espiritual. Isto pressupõe que o tempo livre é uma condição essencial. O tempo livre implica que o indivíduo, em suas horas de lazer, se ocupe de algo que possa lhe trazer satisfação, crescimento e equilíbrio pessoal além de lhe possibilitar uma transação benéfica. Desta forma, qualquer pessoa precisa de lazer.

Relembrando o que diz Harahousou (2000) sobre o lazer de idosos, há um ganho com a disponibilidade de tempo livre vivenciado, por exemplo, com a aposentadoria, que permitiria o aprendizado de novas atividades e interesses. As atividades de lazer conduziriam a oportunidades de interação social produtiva e, por extensão, aos benefícios da socialização.

Nesse sentido, observou-se que entre os sujeitos desta investigação o preenchimento do tempo livre com atividades de *lazer antes do engajamento no CMI/PCMI* era quase nulo, posto que o papel profissional e a assistência familiar sobrepunham-se à condição de ter lazer.

Não tinha divertimento porque eu trabalhava [...] meu tempo todinho era ocupado... depois que eu me aposentei fiquei foi sofrendo, entendeu? Em casa, aí fui criando os filhos e dando atenção pro excepcional e de lazer não tinha não, viu? Não tinha (Olinda)

No meu tempo livre eu também fazia alguns slides de odontologia. A doutora, ela sempre me chamava pra fazer fotografia de boca. Botava mais algum em casa. Agora já to vendendo até minhas máquinas, agora não to mais querendo nada com fotografias (Ouro Preto).

O único lugar que nós ia era a igreja; eu pedia e eu chorava, pedia muito pra meu marido me levar pra igreja, porque ficava parada só cuidando de casa e da filha e dele [...] (Alcântara).

Oportuno comentar a partir desses depoimentos sobre o desempenho de papéis no interior da família, que eles parecem ser claramente determinados com a designação de funções diferenciadas e bem definidas entre homens e mulheres, embora com algumas nuances distintas. Alcântara, bem mais dependente do marido se insere nos papéis tradicionalmente ditos como da mulher (esposa e mãe) num espaço também circunscrito como desta: a casa. Já Olinda rompe um pouco com essa situação por trabalhar fora, muito embora essa situação possa ter relação com a necessidade financeira familiar. Com Ouro Preto, a ligação demonstra uma ligação mais voltada ao trabalho, tradicionalmente a função do homem.

Marcellino (1995) destaca que uma das linhas, de análise do termo lazer é a que se fundamenta na atitude segundo a qual a ênfase é a relação entre o indivíduo e a experiência vivida, ou seja, a satisfação provocada pela atividade. A fala de Olinda num outro momento da entrevista corrobora a colocação do autor:

[...] toda vida, lazer propriamente dito tinha não, mas se eu trabalhar com gestante pra mim é um lazer, eu faço os enxovalzinhos das crianças com a maior dedicação[...].

O termo lazer implica um universo complexo de significados, representados por interpretações de caráter moral, religioso, filosófico que variaram muito ao longo da História. Esses significados e conceitos sobre lazer podem justificar-se, por vários motivos, como: as diferenças de utilização do tempo livre em diferentes países, regiões, culturas, e até mesmo, por conceitos pessoais e ideológicos.

A reação de Alcântara quando perguntei sobre a ocupação de seu tempo livre com possíveis atividades de lazer, foi de bastante empolgação ao se referir às atividades religiosas em que tomava parte (Diário de Campo).

Só igreja. Agora igreja eu ia muito, lá na periferia e aí a gente via quem não era batizado, quem não era casado; a gente batizava, casava; formava ali, dava um compadre, aí a gente fazia festa, fazia aqueles casamentos, aquelas coisas, então meu movimento todo era dentro da igreja (Alcântara).

Daquilo que os homens relacionaram como lazer em seu tempo livre, ficou explícito o domínio das atividades em termos de lazer passivo, isto é, aquelas ocupações que, “no nosso tempo livre, poderemos exercer tranqüilamente sentados, usando apenas os sentidos da visão e da audição: ler, ouvir música, assistir à televisão...” (RODRIGUES, N., 2000, p. 46):

Eu lia revistas, [...]; assistia televisão; saía pra passear bem pouco (Ouro Preto).

Só televisão... eu gosto muito de ler, jornal, isso eu leio todo santo dia, gosto de ler jornal... gosto de televisão e gosto de fofocar, negócio de política, essas coisas, eu gosto (Salvador).

Para os homens e as mulheres o engajamento no CMI/PCMI trouxe uma dimensão diferenciada para esse tempo disponível das obrigações profissionais e, de certa forma, familiares também, combinando aspectos de tempo e atitude face às possibilidades não só de diversão verificadas nas atividades, festas, brincadeiras e comemorações do Clube, mas também de desenvolvimento pessoal e social.

Agora é coral, é música, é tai chi [...]. Nunca pensei em minha vida fazer aquilo que eu to fazendo aqui, nunca pensei, porque nossa criação foi diferente [...]. Ave-maria é horrível! Não sei como gente fica em casa o tempo todo. [...]. Uma dança é muito bom, nunca pensei na minha vida em desfilar e já desfilei mais de 20 vezes [...] (Alcântara).

Aqui eu faço tai chi, participo do coral, danço boi também [...]. E treinando aí, dançando, que eu nunca fui de dançar e vem aí alguma puxando, vamos dançar [...] (Ouro Preto).

Os filhos que trabalhavam aqui perto tudo ia almoçar lá em casa [...]; e eu ia engordando feito uma jumenta, porque quando a gente tá na cozinha só pensa em engordar, porque eu tenho esse buchão foi só disso, esse tempo que passei em casa [...]. Aí foi que eu fui descobrir esse grupo, aí vim pra cá, aí pronto, foi que eu fui viver [...]. Faço parte do coral, fazendo tai chi e quando tem boi, ajudo a cantar as músicas do boi (Pompéia).

Moragas (1997) observa, por fim, que se para várias pessoas o lazer corresponde a qualquer um desses significados, ele pode ser qualquer coisa *"tornando-se numa definição subjetiva de sua experiência dificilmente sujeito à homogeneidade ou à categorização"*. O lazer aparece assim, como uma experiência universal da pessoa que, como o trabalho, o amor ou a relação social, responde a desejos diferentes em cada uma.

A *motivação para o engajamento no Clube da Melhor Idade* está, então, referenciada a uma experiência quase sempre contrária a esta nova situação. Os depoimentos registrados quase sempre se ligaram à necessidade de enfrentar episódios difíceis emocional e psicologicamente relacionados ao momento pós-aposentadoria, aos sentimentos diversos advindos com esta condição (depressão, solidão) ou à distância da família, muito mais entre as mulheres, ou a necessidade de ocupação e desvio de preocupações com questões financeiras, entre os homens.

[...] eu tava lá só olhando pras paredes sofrendo de, de depressão depois que me aposentei, aí eu vim curar minha depressão trabalhando. E pra procurar também uma atividade, porque eu tava sentindo que a minha vida tava vazia (Olinda).

[...] eu vivia em São Paulo mesmo com a minha filha, agora eu vim assim, aí fiquei um pouco assim "desamada"¹¹, assim um pouco porque fiquei só, aí procurei (Ítaca).

[...] eu vivia só, em casa, lendo jornal, aí o amigo da minha filha, que falou, aí eu vim e ela já me apresentou como membro, daí eu fiquei e gostei demais daqui (Ouro Preto)

¹¹ No sentido de largada, abandonada, pouco cuidada (nota de campo)

Foi o seguinte, eu tava no interior, não deu certo meu negócio e só vivia dentro de casa, chateado, todo tempo...desde essa época que eu vivo aperreado, desde 98, que eu tô aperreado financeiramente. E, então, pra não ficar nesse negócio, eu achei por bem... ingressar no Clube, aqui perto de casa, e eu gosto de brincar, gosto de cantar, gosto dessas coisas, então... (Salvador).

Debert (1999) assinala que não obstante a diversidade presente na configuração dos programas para a terceira idade em termos de proposta, recursos disponíveis e perfil do público mobilizado, *“a tônica geral é rever os estereótipos e os preconceitos por meio dos quais se supõe que a velhice seja tratada na nossa sociedade”* (p. 147), o que aciona por parte dos agentes dos programas representações bastante distintas sobre a velhice.

Importa mais às pessoas de terceira idade, diz Ferrari (1996), que a opção feita por esse ou aquele espaço seja passível de satisfação de suas necessidades e de investimento em si próprias. É assim que O PCMI se diz voltado para um perfil amplo do que concebe como velhice, identificada pela Embratur como uma etapa vivenciada por pessoas que tanto querem experimentar atividades sociais, criadoras e que assumem a condição de consumidores, até os que não se enquadram em tal contexto.

Nesse sentido, a Embratur arrola uma série de objetivos relacionados ao PCMI, dentre gerais e específicos que vão deste a busca por diminuir a sazonalidade do turismo, fomentando-o na baixa estação com a utilização de pacotes de baixo custo e assim melhorar o aproveitamento dos equipamentos e serviços turísticos, até o propósito de melhorar a qualidade de vida do segmento da melhor idade com o desenvolvimento de toda uma programação de lazer e turismo. Assim, nesta investigação, os entrevistados foram questionados quanto à sua ***percepção acerca dos objetivos do PCMI***, de forma que pudessem expressar o seu grau de conhecimento no que tange aos objetivos do programa.

Alguns depoimentos indicaram aproximação com o objetivo de propiciar qualidade de vida descrito na proposta do PCMI:

É melhorar a nossa qualidade de vida (Olinda).

Outros destacaram o programa como uma ação relacionada ao atendimento das necessidades das pessoas mais velhas:

O objetivo principal é atender as necessidades de uma grande...de uma grande comunidade que tá crescendo no país[...].Porque antes, a gente que é a melhor idade ou a terceira idade tá avançado, tá avançando, já existe até as previsões de que a daqui vinte e cinco anos o Brasil tem não sei quantos milhões de idosos, então eu acho que essa criação foi pra isso [...]. Porque de primeiro não existia essas coisas, falava em idoso não, hoje nós já temos algumas coisas [...]. Então a gente já tá sendo enxergado (Salvador).

A ênfase à possibilidade de fazer turismo também é colocada pelos entrevistados, muito embora tal relação tenha surgido timidamente, isto é, não é referida pela maioria dos sujeitos em seus depoimentos, fato que chamou a atenção da pesquisadora e destacado no diário de campo.

E veio também pra incentivar o turismo... o turismo principalmente, né? (Salvador).

[...] disseram que a gente tinha muito a crescer mais, quem nunca tinha saído de casa ia viajar, e quem quisesse, né? Porque agora muita gente já saiu do fogão, como dizem [...] (Alcântara).

A associação da possibilidade de fazer turismo com os objetivos do PCMI não é feita também pelos entrevistados de hoje (Diário de Campo: 15/08/02).

O questionamento também deu margem a que se realçasse a função do PCMI em agregar e organizar mais Clubes da Melhor Idade no Estado e as possíveis vantagens que poderiam vir a usufruir os novos associados:

Serve pra ajudar na organização desses clubes, pra tá afiliando a tudo quanto é de clube, até como a gente fez aqui, foram pra Bacabal, já fizeram outros clubes, todo mundo tá se associando. Só que eu estou esperando que vai ter desconto em cinema, em farmácia, eles tão trabalhando pra isso. É pra esses congressos, pra gente participar de congressos também (Ouro Preto).

O segundo trecho da fala de Ouro Preto diz respeito ao tão esperado Cartão da Melhor Idade, um benefício a ser disponibilizado pelo PCMI/ABCMI-Nacional a partir do estabelecimento de parcerias com o *trade* turístico e afins (agências, hotéis, restaurantes, etc.) nos Estados brasileiros para a garantia de serviços e condições especiais aos associados da ABCMI mediante a apresentação deste cartão.

Outro aspecto investigado relacionou-se ao ***significado de participar do CMI/PCMI*** revelando uma estreita ligação com a oportunidade de rever os próprios conceitos e procedimentos e buscar novos horizontes e objetivos na vida; comunga diretamente com a

categoria anterior e expressa o sentimento de fazer parte deste tipo de associação, o que revela também aspectos muito particulares de auto-realização e o vínculo afetivo com o grupo:

[...] é me divertir e fazer com que eu aproveite muito isso aí pra fazer alguma coisa que eu acho me dá condição de fazer [...]. Então, eu gosto muito...isso pra mim representa tudo, representa tudo...eu acho que isto aqui é uma vida boa, foi a melhor ...uma das melhores coisas que o governo criou, incentivou, foi isso, os clubes da terceira idade (Salvador).

[...] minha vida era em casa fazendo cumê pro povo, a casa cheia de gente, parecia um hotel. E os filhos que trabalhavam aqui tudo ia almoçar lá em casa... [...] e ia engordando feito uma jumenta, porque quando a gente tá na cozinha só pensa em engordar, porque eu tenho esse buchão foi só disso, esse tempo que passei em casa. Quando eu fui descobrir esse grupo, aí vim pra cá, aí pronto, foi que eu fui viver (Pompéia).

A gente começou a viver. Eu sinto que eu comecei a viver mais quando eu comecei andar com, a encontrar com esse povo. Em todo lugar que você vai você encontra um amigo. Porque o pessoal daqui parece que se torna todo mundo irmão, mas isso pra mim foi a coisa melhor que já me apareceu (Pompéia).

Me parece que eu rejuvenesci, eu criei mais gosto de viver; eu criei mesmo, sinceramente. Eu antes de vir pra cá, principalmente depois que surgiu esse problema meu financeiro aí...eu andava acabrunhado e chateado com a vida, tudo, aí depois que eu me integrei aqui a estes programas da melhor idade e a essas coisas da UNITI, eu melhorei muito [...] melhorei demais (Salvador).

Melhorei na saúde, em tudo. A gente brinca muito aqui. A coisa se leva na brincadeira; ah, você tá namorando fulana, aquela brincadeira (Ouro Preto).

Dizem Assis et al. (2002) que o sentimento de pertencer a um grupo é valioso nessa faixa etária, dada à tendência de afrouxamento dos vínculos sociais e solidão comumente resultantes de aposentadoria, independência dos filhos, viuvez e outras perdas afetivas. Em conformidade com as autoras, o CMI também parece cumprir bem o papel de favorecedor da sociabilidade e do apoio social, através da interação afetiva que ocorre entre seus integrantes.

Valla¹² (1998 apud Assis et al., op. cit.), afirma que o apoio social ajuda na prevenção, manutenção e recuperação da saúde. A solidariedade e o apoio mútuo aumentam o senso de coerência da vida e controle sobre a mesma:

Um envolvimento comunitário, por exemplo, pode ser um fator psicossocial significativo em melhorar a confiança pessoal, a satisfação com a vida e a capacidade de enfrentar problemas. Assim é possível pensar a participação social

¹² VALLA, V. V. Sobre a participação popular: uma questão de perspectiva. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.14, supl. 2, p. 7-18, 1998.

como forma de reforçar o próprio sistema de defesa do organismo e diminuir a suscetibilidade às doenças. (p. 53)

A percepção de que o engajamento no CMI/PCMI foi também colocado como um meio de “driblar” o desprezo da família e/ou a pouca importância dada por esta ao idoso, ou mesmo o ônus do que seria ficar em casa:

Eu acho ótimo. É justamente o que eu estou dizendo, eu acho ótimo e triste disso... e triste dessas pessoas, como eu já falei, que não façam uma atividade dessa, eu pra mim é isso aí, eu penso assim (Ítaca).

[...] e tem os filhos em casa que dão graças a Deus a isso, porque não tem condição de ficar com seus idosos, quer dizer que eles tando no clube, eles tão tranquilos, tão tranquilos (Olinda).

É muito oportuno o depoimento de Olinda, pois ilustra uma situação real presenciada quando da realização das entrevistas:

Queria saber como ele pode participar do grupo. Lá em casa todo mundo trabalha e tamos sem tempo de olhar ele, que está aposentado. Fica em casa acabrunhado e precisa ter um ânimo, se dá um rumo, não ficar feito um velho. O que precisa e quando ele pode começar?”. “A mensalidade é dez reais e nós se reúne toda segunda e quarta de manhã. Ele tem que preencher a ficha, mas já pode ficar agora – Conversa que presenciei entre a presidente do CMI Fios de Prata e uma jovem que chegou com o pai com o propósito de engajá-lo no Clube: um senhor aparentando uns 70 anos, com uma das pernas com deficiência física, da qual decorre sua dificuldade de caminhar. Tinha olhos tristes e não pronunciou uma só palavra. Tudo foi resolvido pela filha. Antes de me retirar, o vejo entrar na sala-sede do clube e ser anunciado (Diário de campo, setembro/2002).

Desta circunstância pode-se compreender e reconhecer que a terceira idade, embora venha sendo construída como uma fase negadora da velhice, a ser vivida positivamente e por isso aceita e transmitida na sociedade, revela que seu discurso ainda requer uma interpretação reservada.

Embora a terceira idade seja freqüentemente apresentada como um período de realizações e repleto de possibilidades, é possível perceber resquícios de idéias bastante conservadoras que acabam reforçando a imagem estereotipada do idoso. Não raro, se atribui a ele próprio a tarefa de desconstruir essa imagem, ora revisando seu comportamento, ora revendo seus hábitos pessoais (FROMER; VIEIRA, 2003).

Independentemente do gênero, o que se observou é que os sujeitos associam seu ingresso no CMI a sentimentos de liberdade – liberdade que implica uma resignificação do processo de envelhecer, como descreve Debert (1999) – e reconfiguração de um convívio social, na medida em que o descrevem com enfático prazer, ou, em síntese, um ato prazeroso.

O quadro posto a partir dos depoimentos vai ao encontro da abordagem de Ferrari (1996, p. 103) que assenta a contribuição de agremiações voltadas às pessoas de terceira idade num conjunto de benefícios que as levam a se transformar, instituir novos valores, novas formas de refletir, de sentir e de agir. *“Facilitam as modificações e transformações das relações sociais que continuamente vão se enriquecendo. Nesses centros as pessoas conhecem outras pessoas, redescobrem-se, trocam, vivem, sonham, ajudam-se”*.

CAPÍTULO IV

CONTRIBUTOS DO TURISMO PARA A TERCEIRA IDADE NO ÂMBITO DO PROGRAMA CLUBE DA MELHOR IDADE

“Embora a razão para a prática do turismo tenha tantas variações quanto a quantidade de turistas, a motivação fundamental parece ser a necessidade humana por recreação”.
Nelson Graburn.

Em comunhão com os objetivos propostos para este trabalho, recorrer aos depoimentos tornou possível analisar o turismo no âmbito do PCMI como uma atividade de lazer que promove (alguma) contribuição real para os que dele usufruem em termos de aprazimento pessoal e colaboração para a melhoria da qualidade de vida, ainda que esta possibilidade não seja extensiva a todos os que fazem parte do programa por meio do CMI. Também, o tempo, teoricamente bastante amplo na terceira idade, pode ser revestido de muitas significações no contexto da experiência humana na qual é identificado por uma variação de nomes - tempo de trabalho, de lazer, de aprendizagem, etc. O *“tempo humano é único e limitado, mas a sociedade qualifica cada forma de vivenciá-lo de maneiras diferentes, construções sociais de uma única dimensão”* (Moragas, 1997). O lazer é uma dessas dimensões e o turismo uma de suas diversas formas.

O cenário retratado a partir da apreciação dos sujeitos mostrou como esses homens e essas mulheres se colocam face à fruição desta atividade que envolve eventos (viagem, férias...) típicos do ser humano moderno. Ser turista, diz Urry (1999), é ser moderno por excelência. Esses eventos são, também, práticas sociais que exercem um papel muito mais importante na vida das pessoas do que tradicionalmente se concebe, pois indicam:

uma ruptura limitada com rotinas e práticas bem estabelecidas da vida de todos os dias, permitindo que nossos sentidos se abram para um conjunto de estímulos que contrastam com o cotidiano e o mundano (Id., p. 17).

Registram Fromer; Vieira (2003), entretanto, que a relação turismo e terceira idade estaria muito potencializada em termos de análise se considerada não somente por meio da “quantidade de tempo”, mas, especialmente, pela “qualidade de tempo”:

O fato das pessoas idosas disporem de uma parcela de tempo mais ampla se comparada aos outros grupos sociais acaba sendo o grande atrativo para que as empresas invistam nesse segmento. No entanto, o aspecto fundamental que impulsiona os indivíduos com 60 anos ou mais a viajar não está associado exatamente à quantidade de tempo livre, mas ao desejo de realizar nesse tempo atividades prazerosas e enriquecedoras, de concretizar determinados projetos sempre adiados no transcorrer da vida produtiva (Id., p.65).

É esse o significado do tempo de turismo para Olinda:

[...] como fico feliz de olhar talvez pela última vez aqueles ambientes lindos que a gente não conheceu nunca, que era criando filho dentro de casa e agora que está livre, que tem uma oportunidade de passear.

O valor atribuído pelos sujeitos entrevistados à experiência turística, que ora tende a ter semelhanças, ora pequenas diferenças, especificamente no que se refere ao significado pessoal conferido à realização da viagem de turismo, vai corroborar aspectos assinalados na literatura pesquisada quanto à heterogeneidade das **motivações e benefícios** almejados com o turismo entre as pessoas de terceira idade.

Para os homens é mais a integração, o alargamento do círculo de amizades e o encontro com novos destinos, lugares diferentes. Estes motivadores são chamados por Dann¹ (1981) citado por Cooper et al. (2001), de culturais quando explicitam aqueles identificados pelo desejo de ver e conhecer mais sobre outras culturas, aprender sobre os nativos de um país, seu estilo de vida, música, arte, folclore, dança etc., ou motivadores interpessoais quando incluem o desejo de conhecer novas pessoas, visitar parentes ou amigos e buscar experiências novas e diferentes.

Conhecer outras pessoas [...] camaradagem com outros clubes. A gente fica conhecendo outras pessoas. Então o interessante do turismo é isso, agente conhecer lugares” (Ouro Preto).

[...] integração entre as pessoas é um dos pontos que eu gosto, eu gosto de me unir, de me integrar com meus colegas [...]. Então eu me dou muito bem com os idosos e eu gosto daquela integração da viagem que é uma maravilha. Por outro lado, pra mim, eu me sinto tão bem quando eu estou viajando assim, eu sempre gostei de viajar e agora mais do que nunca; se eu pudesse, se eu tivesse...logo que eu

¹ DANN, G. Tourist Motivation: an appraisal. **Annals of Tourism Research**. USA, v. 8(2), p. 187-219, 1981.

resolver a minha situação financeira eu vou ficar viajando, porque eu gosto de viajar (Salvador).

Para as mulheres, alguns fatores semelhantes, porém realçados por componentes afetivos e até de cuidado com a saúde física – para McIntosh, Goeldner e Ritchie (1995) este último refere-se aos motivadores físicos, isto é, aqueles ligados ao relaxamento do corpo e da mente, a questões de saúde, aos esportes a ao prazer – e a possibilidade de conhecer lugares novos formam aspectos também mencionados pelos respondentes.

Conhecimento novo, como é... viver mais intensamente e como é... coisas que talvez, que fique guardadas dentro de mim, como lembrança boa (Olinda).

Porque eu me sinto bem, e guardo no coração. Não tomo um remédio! Se eu tiver tomando remédio, até me esqueço. Minha saúde agradece. Dizem leva isso, leva isso, eu digo que vou levar, mas não pego um! E fico mais de mês sem ter nem dor de cabeça quando eu viajo. Não sinto nada. Esqueço de tomar remédio, que a gente dorme, que a gente tá cansado, nada disso... (Alcântara).

Sabe-se que uma das questões mais importantes para definir o fenômeno turístico é perguntar por que se viaja e o que é uma “motivação turística”. Poderia se afirmar que a finalidade de uma motivação é satisfazer uma necessidade, mas no caso do turismo isto não se refere às necessidades primárias, posto que são outros tipos de necessidades: espiritualidade, prestígio social, mudança de ambiente e enriquecimento cultural.

Para Dann, 1981 (apud Cooper et al., 2001), um dos elementos dentro de uma abordagem geral de motivação diz respeito ao fato de que a viagem é uma resposta a algo que é desejado, mas está faltando. Esta abordagem sugere que os turistas são motivados pelo desejo de experimentar fenômenos que sejam diferentes daqueles que estão disponíveis no seu ambiente doméstico. Outro elemento apontado por este autor descreve a motivação como fantasia, sugerindo que os turistas viajam para assumir comportamentos que não seriam culturalmente aceitos em seu meio doméstico.

O depoimento de Ouro Preto testemunha estes dois elementos colocados pelo autor:

Na viagem lá em Belo Horizonte eram 22 Estados que tavam participando, as rainhas, agora do mister só tinha 13. Até que o mister de Pernambuco era um general do exército. E o de Mato Grosso ou de Goiás também era capitão do Exército. E eu tava lá também. Imagine! Só lá mesmo...

Alcântara ao manifestar que com a viagem turística “*a gente é vista aí pra fora, quer dizer já tem a Feira da ABCMI, aí já tá o nome da gente, onde a gente anda, ah, tu vieste e tal... Quer dizer que a gente é bem vista, né? Por onde anda. Em casa é semanas contando tudo da viagem*”, expressa, o desejo de reconhecimento e atenção de outros, como forma de estimular o ego, ao que chamam os autores de motivadores de status e prestígio.

Diante desse quadro foram identificados padrões semelhantes entre segmentos motivacionais presentes em alguns dos estudos referenciados no referencial teórico arrolado (Backman; Backman; Silverberg, 1999 apud Horneman et al., 2002; Cleaver et al., 1999; Silva, 1998), sobretudo quanto à socialização/amizade, informação/aprendizagem e conhecer outros lugares.

Cabe lembrar que as viagens oferecidas no âmbito do PCMI em São Luís têm como maior direcionamento à participação em eventos de congressos, seminários e encontros, os quais até o presente momento norteiam as atividades desenvolvidas pela ABCMI no Estado. Isto significa que, concretamente, se não forem as viagens de congresso os afiliados não têm oportunidade de viajar, uma vez que ainda são poucos os pacotes promovidos pela ABCMI que não tenham como objetivo principal a participação em congressos (Congresso Brasileiro da Melhor Idade, Congresso Luso-Brasileiro da Melhor Idade; Encontro Sênior do Mercosul; Workshop Turismo Sênior das Américas, etc). Diante disso é útil destacar que, ao se tratar de motivações turísticas junto aos sujeitos, a “motivação” da ABCMI para a realização das viagens está subjacente àquelas que foram relatadas particularmente.

Os dados coletados junto aos sujeitos revelaram um predomínio de **comportamentos** que mostraram preferências por viagens cuja programação seja preenchida com muitas atividades turísticas. Participação menos intensa em atividades durante as viagens também apareceram nos relatos dentre os sujeitos entrevistados. Novamente emerge a característica de diversificação quanto às atitudes e comportamentos das pessoas de terceira idade conforme assinalado na literatura.

[...] eu não tenho ora para dormir, eu pelo menos agora que eu to gozando” E quando a gente chegava não tava cansado. Sabe o que nós fazíamos? Banhava de novo e ia sair, não se incomodava, não tinha hora pra gente. Que hora que é pra tá aqui? Tal hora, 2h, então nós saía de manhã e só chegava na horinha de ir. Nós não cansava não! (Alcântara)

Eu gosto é de conhecer rua, eu vou pra todo lado. Eu fui pra Fortaleza, eu fiz um jornal só da viagem de Fortaleza, contando a história de Fortaleza e da nossa viagem [...], eu contando toda a história de nossa viagem (Salvador).

Muito embora esses sujeitos tivessem sido identificados como os de mais idade face aos demais participantes integrados a outros CMI em São Luís, observou-se que esta variável não teve uma influência significativa quanto à propensão ao turismo e o tipo de experiência turística demandada, tal como apontaram os resultados de estudos conduzidos por Romsa; Blenman (1989) e Zimmer; Brayley; Searle (1995), em que ambas concluíram que fazer turismo como uma experiência de lazer declina com a idade, considerando que paralelamente ao aumento desta a tendência para viajar diminui.

A título de ilustração, outra observação diz respeito ao fato de que para todos os sujeitos investigados (ao longo desta pesquisa de Dissertação), independentemente da heterogeneidade das motivações, seus perfis de turista estão até contrários àqueles encontrados em grupos de terceira idade investigados por pesquisadores estrangeiros. Por exemplo, o estudo de Lieux; Weaver; McCleary (1994), de uma forma geral, mostrou que os sujeitos mais ativos quando em situação de lazer turístico eram “seniors” mais jovens e os mais velhos (mais da metade tinha 65 anos e mais) os menos entusiasmados com as atividades inerentes à viagem turística.

Outros estudos (Backman; Backman; Silverberg, 1999) descobriram diferenças significativas por grupos de idade quanto aos interesses e benefícios advindos da prática do turismo, onde indivíduos em faixa etária mais jovens (55 – 64 anos) eram menos interessados nas vantagens quanto à educação e informação que outros em faixas etárias mais velhas (65 anos e mais), porém mais interessados nas experiências de camping/acampamento e relaxamento. Nesse contexto, os entrevistados do CMI Fios de Prata – em comparação ao estudo citado – indicaram certa conformidade com os resultados, uma vez que, todos podendo ser agrupados na segunda categoria de grupo de idade, indicaram mais interesses nessa mesma linha.

Para Cooper et al. (2001), mesmo que um indivíduo possa estar motivado para viajar, a capacidade de fazê-lo dependerá de certos fatores, relacionados tanto ao ambiente individual quanto ao da oferta. Esses fatores podem ser denominados de determinantes da

demanda e representam os “parâmetros da possibilidade” para o indivíduo, tendo sido comentados no Capítulo II deste trabalho (item 2.1). Exemplificam: um certo nível de renda discricionária (arbitrária) é necessário para permitir a participação no turismo, e essa renda e o tipo de participação serão influenciados por fatores como tipo de emprego, estágio do ciclo de vida em que a pessoa se encontra, mobilidade, grau de instrução e personalidade.

Uma vez que se tenha tomado uma decisão de viajar, a capacidade de fazer a viagem e a natureza dessa viagem serão determinadas por um amplo conjunto de fatores inter-relacionados e complementares entre si. Podem ser divididos, de forma ampla, em dois grupos (COOPER et al., 2001):

- 1) Ao grupo de fatores relativo a estilo de vida, aí inclui-se, dentre outros, renda, grau de instrução e mobilidade.
- 2) Um segundo grupo pode ser chamado de ciclo de vida, no qual a idade (já comentada) e as circunstâncias domésticas de um indivíduo afetam tanto a quantidade quanto o tipo de turismo demandado.

O CMI Fios de Prata é colocado como o grupo onde seus integrantes são os que menos participam das viagens de turismo organizadas pela ABCMI, por terem o menor poder aquisitivo, igualmente em relação aos demais. Uma situação em que alguns dos sujeitos constantemente se reportavam em comparação aos demais CMI de São Luís:

[...] ah, inclusive... eles já viajaram para Portugal, mas infelizmente o Fios de Prata ainda não teve esse privilégio de viajar para o exterior, entendeu? Mas elas da ABCMI viajam porque elas fazem... começam a pagar logo... [...] (Olinda).

[...] aqui só tem um grupo que eu não sei como eles fazem, que eu acho que é o poder aquisitivo deles é melhor que o nosso. Sempre ta viajando, eu não sei porque, não sei se é porque é só funcionário do Estado. Mas funcionário do Estado... aposentado do Estado não ganha essas coisas também não; porque aqui no Fios de Prata você confere um ou dois que não é salário mínimo, o resto é tudo salário mínimo. Fica difícil para eles (Salvador)

Tem grupo que viaja muito, que é de gente mais... de poder aquisitivo melhor, então esse pessoal viajo muito, vão a Goiânia, vai não sei aonde... até na Alemanha, lá em Portugal e também... lá onde tão brigando... que tem os camelos... Jerusalém, Israel... muita gente já foi lá (Ouro Preto).

Vamos ver se a gente consegue lotar pelo menos um ônibus para essa viagem. Quem tiver interessado já temos os valores e o resto das informações (Informe dado sobre a viagem para Natal, RN, durante uma reunião do grupo – Diário de campo: agosto/2002).

Dos fatores relacionados a estilo de vida, a renda é que tem um peso mais forte. Os sujeitos querem tomar parte no turismo, mas estão condicionados pelo baixo poder aquisitivo, fato reiterado também por vários estudos, como o de Fleischer; Pizam (2001), segundo o qual a renda foi tida como a única variável expressivamente relacionada a ambos a probabilidade de viajar e gastar com turismo. Também outros estudos têm mostrado que dos fatores que podem impedir as pessoas de terceira idade de participar de atividades turística, a falta de recursos financeiros insuficientes está entre as barreiras mais importantes. McGUIRE, 1984 (apud Fleischer; Pizam, op. cit.).

[...] Agora... muito embora, nós, a gente participa muito pouco disso porque turismo entra dinheiro, e dinheiro realmente aqui a maioria desses idosos aqui não tem nem sequer o salário mínimo, nenhum salariozinho, quer dizer que eu fico na maior tristeza quando a gente viaja que tem os que não podem viajar, se o turismo um dia fizesse uma viagem pra dar oportunidade pra aqueles que nunca foram era maravilhoso, é isso o que eu queria aqui (Olinda).

Os homens (Salvador e Ouro Preto), detentores das mais altas rendas, são também os que mais participam das viagens dentro e fora do Maranhão (porém, viagens domésticas, em território nacional), fato comprovado em seus depoimentos ao comentarem dos destinos visitados e que posteriormente foram comparados com os roteiros da ABCMI-MA. Além disso, revelaram uma condição de pouco usufruto dessa atividade antes do engajamento no CMI.

Já fui pra essa primeira em Bacabal, segunda essa de Belo Horizonte, a terceira de Fortaleza e agora nós vamos pra essa de Natal [...]. Eu tô gostando de viajar, que eu nunca viajava [...], era só preso dentro de São Luís (Ouro Preto).

O incentivo à prática do turismo vem da família. Salvador, casado, porém viaja apenas em companhia do grupo. A esposa não participa do CMI Fios de Prata, não o acompanha nas viagens e, segundo ele, também “*não há reclamação*”. Ouro Preto, desquitado, recebe constante incentivo dos filhos para “*não perder uma*” viagem e recorre aos filhos quando necessário complementar os custos das excursões.

Minha filha incentiva e diz viaje papai viaje... E eu digo quede dinheiro, minha filha? (Ouro Preto).

Nessa viagem que eu fiz pra Fortaleza eu tomei R\$ 1.000,00 emprestado a ele (o filho); aí foi o tempo que veio a ...foi que veio a anuidade e veio...o governo tá pagando a gente parcelado e veio o 13º, aí eu paguei logo os mil, agora olhando a conta corrente, aí eu disse, puxa...Ele telefonou, eu disse, rapaz eu acho que vou precisar de ti de novo, um empréstimo que eu to preste a receber o fundo de

...fundo de garantia. Lá eles disseram se o senhor der entrada agora, vai receber parcelado. Ai eu to aguardando pra depois do dia 15 em diante, eu quero ir falar com ela, saber lá. Ai talvez eu não vá precisar pedir empréstimo pro meu filho (Ouro Preto).

Na sua fala, Salvador ressentia-se da situação de dificuldade face aos débitos contraídos e do peso disto para a sua maior participação em turismo.

Da minha renda como aposentado. Se não fosse a minha situação financeira que eu estou muito abalado...não vai influir nadinha. Essa viagem pra Fortaleza, o pacote foi o quê, foi R\$ 370,00, eu gastei R\$ 1.000,00 com tudo, porque eu não me conformo, eu quero comer tudo, eu quero comprar tudo que eu vejo (Salvador).

De fato, como já referido, a renda é dos fatores que estão intimamente ligados e exercem influências importantes sobre o nível e a natureza do turismo demandado por um indivíduo. O turismo é uma atividade cara que exige um certo nível de renda antes que a participação seja possível. A renda bruta nos dá pouca indicação do dinheiro disponível para que uma pessoa gaste com turismo; ao contrário, é a renda discricionária que fornece os melhores indicadores, a renda que fica quando os impostos, a moradia e as necessidades básicas da vida são descontados (COOPER et al., 2001).

Castelli (1990) diz que fazer turismo significa consumir tempo fora da residência habitual. O consumo do tempo turístico depende, inicialmente, de como a pessoa distribui o seu tempo de lazer. O tempo de lazer pode ser ocupado com múltiplas atividades, sendo o turismo uma delas. Contudo, enquanto essas outras atividades de lazer não estão tão dependentes da renda das pessoas, o tempo consumido para a prática do turismo depende fundamentalmente dela. Consumir tempo turístico significa deslocamento e estada. Isto implica em despendar recursos financeiros.

Para todas as mulheres as participações nas viagens não aconteceram com frequência absoluta e a renda foi dita como o motivo principal. As viúvas Olinda e Alcântara (que recebe os maiores rendimentos dentre as entrevistadas) são as que mais tem tido a oportunidade de viajar e, das duas, Alcântara é a que mais usufrui as atividades de lazer turístico, muito embora um fator por ela considerado como barreira efetiva para a não participação é quando há a possibilidade da filha única não ir junto, posto que necessita de estar acompanhada para não “sofrer” com algumas “surpresas” de viagem que disse já ter vivenciado

por problemas de mobilidade, o que requer uma organização financeira constante para a inclusão da filha.

Ah, minha filha, se não for assim em cima da hora não dá, porque eu tenho que levar minha filha. Eu não levava minha filha, ia sozinha e por isso é que eu sofria muito. Ave Maria! Só faltava era morrer porque eu quando descia do ônibus, já não tinha mais leite, já não tinha mais nada, eu tinha que tomar só água; eu não como, eu não tomo assim certas coisas (Alcântara).

(Alcântara se refere com revolta à (dês) organização de algumas viagens quando das paradas para o lanche, pois por ter certa dificuldade de agilidade (subir/descer de ônibus; marcha mais lenta) até que se preparasse para se juntar aos demais, o lanche já estava no final ou com alimentos que não podia comer – Diário de campo: setembro/2002).

Entendem Fromer; Vieira (2003) que de um lado, cada grupo etário e cada segmento de mercado é dotado de especificidades que ensejam a criação de produtos e a prestação de serviços em que sejam observadas as características e necessidades particulares e nesse sentido, a terceira idade é um segmento como os demais; por outro lado, é passível de verificação que o mercado turístico ainda desconhece suas características, ignorando as limitações que muitas vezes restringem as ações das pessoas idosas.

Pompéia, que viajou uma única vez, queixa-se por considerar que suas possibilidades de viajar são muito remotas, uma vez que, além da situação financeira precária, só iria se pudesse estar acompanhada do marido, que sofre de diabetes. Nos gastos com remédios vai praticamente um salário completo (cada um recebe um salário mínimo) e o que sobre tem que cobrir as despesas básicas. A informação é dada com certo descontentamento por conta do quadro financeiro, acompanhado de certa “reivindicação” por maior empenho dos gestores do programa para que isto possa acontecer.

Eu não posso, nós não pode, nós só ganhamos o salário cada um, tem tempo que não dá nem pra comprar os remédios dele, que ele tem que comprar remédio todo tempo, tomar remédio. Ai só fica o que comer, o que nós vamos fazer com um salário? Não tem condição (Pompéia)

[...] mas nós não vamos não é porque a gente não quer ir, vontade a gente tem, é porque não dá. Eles dizem que facilitam, mas o negócio ainda sai muito caro. Vontade a gente tem. Eu tenho vontade de conhecer essa...a Bahia, eu tenho vontade de ir a Salvador...a coisa que eu tenho mais vontade de conhecer (Pompéia).

Porque aqui, só pra vim aqui a gente se junta, faz o que a gente quer, não precisa de dinheiro pra gente vim aqui, né? Todo mundo tem sua carteiras, vai e vem, mas pra viagem precisa muito mais, precisa de apoiar a gente (Pompéia).

Os cinco sujeitos declararam que os recursos para as despesas com turismo advêm dos proventos ou da aposentadoria ou da pensão recebida. A **organização financeira** acontece principalmente em função do pagamento parcelado e de uma economia onde há a necessidade de “sacrificar” um ou outro aspecto do orçamento doméstico. Alguns recorrem a membros da família (como foi o caso de Ouro Preto, já mencionado) para facilitar o acesso às viagens e as oportunidades isoladas, tal como a obtenção de cortesias, também aparecem como uma ocasião bem-vinda.

Eu tiro da minha aposentadoria. A gente sacrifica um pouquinho em casa, por exemplo, deixa de comprar uma coisa a mais e vai pagando, é porque é parcelado (Olinda).

Nós não temos capital suficiente para fazer viagem de grande porte, quando a gente vai é muito sacrificado porque depende de alguma renda familiar, quer dizer que nós não temos condição de fazer esta, essas mensalidades grandes, nós temos nossa mensalidade que ser restrita, começar cedinho pra gente... se o passeio é no fim do ano, temos que começar desde... a guardar. É que a ABCMI funciona conosco e o turismo e é o que eu peço pra companhia de turismo, é diminuir o nosso, a nossa parcelinha pra gente poder viajar mais e colocar viagens ao nível de..., a altura dos idosos (Olinda).

Com o dinheiro da pensão. Ai, eu vejo como é que vai ser, ai eu pergunto pra elas, fico pagando por mês (Alcântara).

Da aposentadoria. Só não foi essa de Belo Horizonte porque ganhei o concurso; só participei com 50%, só da hospedagem, as outras foi tudo... Agora mesmo tô pagando; hoje to até esperando a moça que vem do pacote e hoje sei que vou dar R\$ 100,00 pra ela logo. Já fui Mister; antigamente só havia concurso só para rainha. O ano passado foi que criaram para Mister, então eu fui concorrer com mais dois de Rosário e outro do Renascer, ai eu ganhei a passagem ida e volta e a estadia de 50% no Congresso de Belo Horizonte (Ouro Preto).

Dizem Fromer; Vieira (op. cit.) que dentre todas as atividades de lazer, o lazer turístico “*é o mais expressivo para o idoso, pois incentiva sua sociabilidade, sua comunicabilidade e expande o universo cognitivo mediante novas experiências vivenciais*”. (p. 65)

Para as autoras, o turismo, através das viagens, pode desempenhar um papel basilar na terceira idade, pois longe de ser uma atividade inerte, de mera contemplação, constitui um instrumento ativo de conhecimento e participação social. *Um fenômeno propiciador de experiências distintas e contrastivas* daquelas experimentadas no dia-a-dia, e que pode ser um veículo de autoconhecimento e realização pessoal.

Uma vez que o indivíduo se desloca em viagens e se relaciona – ainda que superficialmente – com uma realidade distinta da sua, ele não está somente adquirindo conhecimento ou vivendo uma experiência inusitada. O diálogo com uma realidade diversa e o contato com usos e costumes distintos daqueles praticados em seu ambiente habitual podem estimular um processo de conhecimento e de autoconhecimento “*por meio de uma relação de alteridade, ou seja, o turista, no trato com o diferente, acaba conhecendo melhor não apenas aquilo que antes lhe era estranho, mas a sua própria realidade e a si mesmo*” (FROMER; VIEIRA, op. cit., p. 60).

O envolvimento com o turismo mostrou, a partir dos depoimentos, que na avaliação de homens e mulheres a **satisfação com as viagens turísticas** revela ter aspectos bastante similares, muito embora Ross (2002), citando Pearce e Caltabiano ² (1983), lembre que, em algumas pesquisas há indicação de que as mulheres, comparadas aos homens que viajam, preocupavam-se um pouco mais com as necessidades de realização pessoal. Nesse sentido, algumas particularidades foram evidenciadas a partir do valor atribuído à experiência turística numa relação com aspectos do que a literatura assinala como indicadores de qualidade de vida, porém, de um modo geral, a percepção positiva dos idosos quanto ao lazer turístico pode ser analisada sob três dimensões inter-relacionadas: o conhecimento de novos destinos e pessoas/aprendizagem, o bem-estar pessoal/impacto na saúde.

O conhecimento de novos destinos e pessoas é um dos principais aspectos referido pelos sujeitos. O ganho maior representa a chance de conhecer pessoas e lugares diferentes proporcionado pelas viagens que fazem para a participação nos eventos voltados ao segmento da terceira idade; de suas falas depreende-se uma ocasião para a amizade e ampliação da rede social.

Essa dimensão vem atrelada ao aprendizado e, em conjunto, não se restringem ao aspecto exclusivo da informação, mas inclui dimensões mais amplas do viver. Refere-se ao aprendizado que vem da experiência do outro, da vivência de partilhar histórias de vida e de encontrar nessa troca um espaço de crescimento pessoal:

² PEARCE, P.L., CALTABIANO M.L. Inferring travel motivation from travellers experiences. **Journal of Travel Research**, v. 22, p. 16-20, 1983.

Na viagem a gente faz aquela camaradagem, é uma irmandade mesmo. Todo mundo pedindo cartão, endereço uns dos outros pra gente trocar correspondência. (Ouro Preto).

Minha filha, essas viagens são maravilha, porque se não é um congresso, se não é um encontro nós não saímos mesmo é de jeito nenhum [...]. A gente vai com prazer, entendeu? Todo mundo fica prazeroso de ir naqueles locais, conhecer outras pessoas [...] Cada lugar que a gente vai é uma experiência nova que a gente recebe e um benefício [...] (Olinda).

O bem-estar pessoal, traduzido pelo sentimento de reforço da auto-estima, dimensão importante da qualidade de vida. O lazer turístico, além de contribuir para mobilizar nos sujeitos o interesse de desfrutar de novas interações sociais guarda relação com o sentimento de bem-estar físico, na medida em que, conforme alguns depoimentos, há uma percepção positiva quanto à saúde pela inter-relação com os outros aspectos, convergentes em sua essência motivacional, estimuladora de razões de viver.

Eu me sinto muito bem, porque a gente viajando, sei lá parece que é uma terapia, sei lá uma música que a gente se sente muito bem, eu gosto de viajar (Alcântara).

[...] eu me sinto bem. Não tomo um remédio! Se eu tiver tomando remédio, até me esqueço [...], não pego um! E fico mais de mês sem ter dor de cabeça quando eu viajo. Não sinto nada. Esqueço de tomar remédio [...]. (Alcântara).

A visão global dos depoimentos mostra que o lazer turístico é vivenciado pelos sujeitos como oportunidade a mais de aprendizagem, conhecimento de novos destinos e pessoas e também de entretenimento, com repercussões favoráveis na auto-estima e na postura diante da vida e do envelhecimento.

Ao se traçar considerações sobre o significado que a viagem de lazer turístico assume para os sujeitos a partir de seu engajamento no CMI/PCMI, é interessante refletir brevemente sobre como estava configurado o ato de viajar em suas vidas antes deste engajamento e assim construir um quadro comparativo com a vivência atual a fim de se aprofundar a compreensão desses significados.

Trata-se de buscar apreender mais especificamente se o engajamento no PCMI ofereceu uma possibilidade de algo novo em termos de uma atividade de lazer pouco ou nunca experimentada, se abriu um leque maior para algo já de usufruto freqüente ou, enfim, o que era

para esses sujeitos o ato de viajar antes de estarem ligados ao programa; como seus antigos objetivos forma incorporados na nova forma de viajar via Embratur.

Para Olinda o ato de viajar revela-se uma oportunidade com o engajamento no CMI/PCMI. A sua fala destaca um cotidiano anteriormente empenhado junto ao cuidado com o marido e os filhos (principalmente com o filho portador de síndrome de Dawn), o trabalho dentro e fora de casa como funcionária pública da área de saúde. A experiência de viajar é referenciada às visitas que faz(ia) esporadicamente à irmã que mora em Goiânia quando esta, diz Olinda, *“patrocina tudo pra mim porque ela tem condição melhor do que a minha [...]”*. Desta forma, viajar assume um caráter, hoje, de novidade, descoberta e integração, visto que essas circunstâncias familiares, somadas as questões financeiras e às imposições do marido tornavam-se as grandes barreiras, neste aspecto investigado, para Olinda.

[...] e mesmo pra ver a minha irmã era uma luta, ele não gostava muito e até ficava amuado. Eu precisava preparar ele muitos dias antes pra não ter briga não. Mas eu gostava, se não fosse assim quando que eu ia viajar? Dinheiro pra isso não se tinha não. Agora sempre que posso vou com o Fios de Prata, mais do que ia pra Goiânia (Olinda).

Alcântara e Ítaca são as que expressaram, a partir de seus depoimentos, grande vitalidade e engajamento nas atividades do CMI, quer seja em turismo (muito mais Alcântara por viajar com frequência maior), quer seja nas atividades regulares do grupo; curiosamente, a mais idosa e a mais jovem dentre os entrevistados. Especificamente, em face de uma abordagem sobre o que era o viajar antes da participação no CMI/PCMI, Alcântara oferece um testemunho bastante interessante: casou-se com 30 anos e depois de casada, disse, *“[...] é que fui conhecer meu marido, com muita vergonha, devagar e tal [...]”*; o marido trabalhava numa antiga companhia de aviação chamada Cruzeiro do Sul e, depois de alguns anos, sempre em seu período de férias, passou a levá-la para viagens a São Paulo ou Manaus (sempre para estes destinos, segundo Alcântara), onde visitavam parentes. Até então, mesmo com as oportunidades de viajar – pois era funcionário da transportadora aérea – o marido não usufruía desse direito. Conforme seu depoimento, as idas à igreja ou quaisquer atividades religiosas ligadas paróquia do bairro consistiam nas únicas oportunidades de envolvimento social externo à família.

O engajamento no CMI/PCMI abriu para Alcântara, no âmbito das viagens em que participa, uma maneira bastante intensa de vivenciar, experimentar todas as atividades constantes da programação do roteiro, notadamente aquelas que ensejam energia, movimentação e vivacidade relacionadas à diversão e festividades (programações culturais, bailes, desfiles, passeios, etc.); no entanto, há na sua conduta de turista o espaço, o momento da espiritualidade, por ela colocado como “*a hora da paz, da calma*”, quando busca um (re)encontro com a sua vida diária ou com parte do que vivencia com frequência em seu lugar, sua cidade (inclusive ela, Alcântara, dentre os entrevistados, a única em que a relação entre a viagem turística e a espiritualidade foi presente em depoimento).

[...] agora eu sou muito de participar de tudo, gosto, não perco nada, uma programaçõzinha da viagem: os baile, os desfiles, as brincadeiras das outras cultura, tudo, tudo; agora também aproveito, quer saber? Pra rezar também, é... e pra ver as igrejas... rezar e ver as igrejas... cada uma mais linda que a outra... umas de Salvador, dá muito gosto de entrar, uma obra de arte, vou em quantas eu posso...umas até mais bonitas que em São Luís, e em São Luís eu vou muito na igreja [...] (Alcântara).

Cristofoli (2003), ao se referir à prática da religiosidade no âmbito das viagens e também nas viagens de turismo, comenta da busca da satisfação de algumas necessidades espirituais, a alguns lugares escolhidos não por belezas naturais ou históricas mas, sim, por valores que estão colocados dentro das referências que formaram o caráter de cada um. Nesse sentido, pode-se inferir que a motivação de cada pessoa para empreender uma viagem responde a uma série de condicionantes e situações específicas em cada. Por outro lado, não é estranho que as motivações do turista sejam múltiplas, ainda que alguma delas tenha mais importância que o resto. A atividade turística pode desenvolver-se em grande multiplicidade de espaços, sendo um destes o espaço do patrimônio religioso.

Para Ítaca, viajar junto com o grupo do Fios de Prata é pouco frequente, pois, segundo ela, “às vezes a gente não está preparada pra ir sobre negócio de... de dinheiro. Se tiver de ir, eu vou; eu tenho que gastar... eu tenho uma coisa que é mais interessante pra mim ir; e eu já viajei tanto, né?”. As viagens às quais se refere eram para visitar os filhos que moram em São Paulo e o neto, sua grande paixão. Ultimamente deixou de fazer “o esforço” para ir visitá-los fica esperando “quando Deus der bom tempo” e eles “é que venham”. Nunca participou das viagens promovidas pela ABCMI/PCMI para fora do Estado – “eu só fui pra São José de Ribamar, outro dia no sítio, mas só aqui pertinho” – contudo, também relata ter

tido a oportunidade de viajar junto com amigos e parentes antes de fazer parte do CMI/PCMI muito embora fossem viagens de curta duração: “*Antes a gente foi, olha, Minas Gerais, Belo Horizonte, tudo eu já fui; agora a gente diz assim eu já fui, mas é um dia, dois, você não sabe nada*”.

A situação retratada por Pompéia, por sua vez, também se apresenta permeada por circunstâncias familiares e financeiras. Não obstante a precária renda recebida da aposentadoria (um salário mínimo; o marido da mesma forma), é a cuidadora do marido que tem diabetes. Antes do engajamento no CMI/PCMI, das três viagens que mencionou duas foram para vista ou acontecimentos familiares: um filho casou-se em Brasília e na oportunidade foi visitar um outro em Belo Horizonte; uma terceira viagem foi para fazer uma consulta de oftalmológica em Fortaleza.

[...] lugar mesmo fora de São Luís eu só conheço Brasília que eu tinha um filho que casou por lá e mandou buscar pra nós assistir o casamento. Eu conheço Belo Horizonte porque no tempo quando fui pro casamento do meu filho e depois fomos ver o outro lá. Ah, eu conheço Fortaleza também. Fui lá fazer uma consulta de vista.

A participação no CMI/PCMI não trouxe grandes novidades em termos de realização de turismo, pois também a questão financeira fala mais alto. Pompéia relatou a tentativa de viabilizar a sua participação em uma das excursões promovidas pela ABCMI, sem sucesso, ainda que com a ajuda de um dos filhos. Novamente comenta da necessidade de que haja um “empurrãozinho” por parte dos gestores da ABCMI/PCMI para facilitar tal participação.

Uma viagem que tem pra Salvador, o meu filho fez toda força pra gente ir; ainda comprou a primeira, o começo (...) e no fim ele não pode terminar de pagar, mas assim mesmo a amiga trouxe as coisas que a gente ia receber do dinheiro da primeira viagem, ela trouxe sacola, uma agenda, não sei lá o quê, uma porção de coisa que tinha, que a gente tinha direito, pois ela trouxe, uma amiga da gente, trouxe pra mim e pro meu marido (Pompéia).

Eu acho que precisa, precisa eles arrumarem mais dinheiro pra dar um empurrãozinho pra gente, que tá muito pra baixo. [...] principalmente pras viagem (Pompéia).

Quando a viagem turística é viabilizada, aparece condicionada e dependente de algum “arranjo” para tornar possível aspectos da estrutura que a envolve, neste caso o deslocamento e a hospedagem.

Pra Bacabal nós fomos de ônibus com eles, aí pagamos só a passagem, o custo da passagem. E lá nós não fomos para o hotel, porque a passagem do hotel é separado. Aí, de lá nós fomos pra casa da minha prima, ficamos lá e de lá já é perto pra gente ir; tenho um sobrinho que é muito amigo de velho, me carregavam pra onde eu queria (Pompéia).

Agora eu fui pra Bacabal porque eu tenho uma prima que mora lá e aí eu não vou me hospedar no hotel com eles, eu vou pra casa dela, aí de lá é que eu vou lá pra onde eles estão (Pompéia).

Entre os homens viajar antes da integração ao CMI/PCMI tem uma relação direta com o trabalho. Tanto Ouro Preto quanto Salvador relataram situações em que viajavam para transações comerciais; o primeiro, por ser fotógrafo, disse viajar para a compra de filmes, slides e câmeras fotográficas; o segundo *“viajava porque tinha meus negócios no interior”* (do Maranhão). Com a entrada no CMI/PCMI, têm participação freqüente nas excursões organizadas; Salvador, embora tendo os rendimentos mais altos, realiza menos viagens que Ouro Preto, uma vez que *“a situação financeira não permite que eu vá em todas, todas as que são feitas pela ABCMI, mas é por enquanto”*.

Sob essa ótica é possível identificar que o PCMI abre uma possibilidade interessante para o lazer turístico, porém que ainda não chega a todos freqüentemente. Há limites de participação no que tange a esta atividade; contudo há perspectivas entre os sujeitos de que isto possa se tornar viável, contudo muito mais pela ação individual do que pela dimensão coletiva, ao menos no que se apreendeu dos depoimentos.

O desenvolvimento da pesquisa deixou claro que a proposta do PCMI da Embratur é válida na medida em que pressupõe e fomenta a constituição de grupos de terceira idade – para a instituição, *melhor idade* – e tais iniciativas têm sido descritas na literatura como de retorno favorável para a qualidade de vida desses indivíduos. Isto é um ponto reforçado exatamente pelos depoimentos que descrevem diversas situações de desânimo, solidão e afastamento do convívio social, sensação de improdutividade, conflitos familiares e muitos outros e como isso é atenuado ou superado com o engajamento em agremiações dessa natureza.

Outro ponto é que o PCMI elege o lazer e o turismo como suas atividades prioritárias para o alcance da qualidade de vida. O lazer é aqui compreendido como uma dimensão da qualidade de vida e o turismo uma de suas atividades principais. Ao se destacar o

aspecto subjetivo que permeia a idéia de qualidade de vida, interligado ao que a literatura coloca como indicadores de qualidade de vida (ver Tabela 1) e aquilo que se registrou nos depoimentos coletados têm-se a seguinte situação: ao se engajarem no CMI os sujeitos, segundo os seus próprios depoimentos, percebem como melhorados vários aspectos de sua vida; esses aspectos vão ao encontro de algumas das dimensões que os autores sugerem como relacionadas a qualidade de vida: bem-estar pessoal (saúde mental, adaptatividade, etc), bem-estar social (amizade, rede social, etc), alegria (recreação, viagem, etc), bem-estar estético (tempo de lazer, exposição à música, artes, etc.) por exemplo.

O lazer é uma dessas dimensões e os sujeitos passam a vivenciá-lo de forma mais constante, intensa ou inicial após o engajamento no CMI. Esse lazer, ao ser vivenciado, contribui para reforçar ainda mais as dimensões já melhoradas apenas com o engajamento. O turismo, uma atividade de lazer que o grupo realiza não com tanta frequência como gostaria, porém, quando praticado, dá uma contribuição ainda maior para os que dele usufruem.

O indivíduo de terceira idade que financeiramente pode arcar com os custos de uma viagem de turismo assim o faz, enquanto que muitos dos que estão na mesma condição de afiliados do PCMI não tem essa chance. O incentivo ainda é muito precário e não chega ao idoso que não pode arcar, que ganha salário mínimo, por exemplo. É certo que sujeitos investigados neste trabalho estão entre os que usufruem a atividade turística; contudo há um esforço – notadamente quanto aos recursos financeiros – para que essa participação seja efetivada.

Acredita-se que o PCMI contribui para a qualidade de vida de seus afiliados, porém muitos mais pela possibilidade destes estarem em grupo, convivendo e socializando com os seus pares do que pela prática do turismo, que embora seja a atividade prioritária dentro do objetivo maior do PCMI (enfrentar a sazonalidade provocada pela queda nos fluxos turísticos em períodos de baixa estação) é inviabilizada para muitos devido à situação financeira difícil, característica do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ai quem me dera começar
De tudo de novo, e não errar
desde da saída do ovo!
Começar
Começar....
E nunca acabar!
Constantino Alves*

As considerações apontadas na finalização deste trabalho não devem ser entendidas à guisa de conclusão, uma vez que algumas questões, surgidas no decorrer do texto, ainda se encontram em estado de reflexão inicial de uma pesquisadora em processo de aprendizagem. Contudo, já nos ajudam a pensar sobre a relação turismo e terceira idade, aqui nesta investigação, no contexto de um programa de turismo que tem, dentre outros objetivos, a proposta de melhorar a qualidade de vida de pessoas de cinquenta anos e mais através do lazer e do turismo. Deste modo, intentou-se questionar em que medida essa proposta tem sido efetivamente concretizada e responder a partir da percepção dos próprios afiliados.

O referencial foi o Programa Clube da Melhor Idade (PCMI), um programa de iniciativa do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) que é colocado como uma ação compartilhada entre Ministérios brasileiros em prol da Política Nacional do Idoso, visando diminuir a sazonalidade do turismo – fomentando-o na baixa estação para melhorar o aproveitamento da oferta de equipamentos e serviços turísticos – através do incentivo às viagens junto ao público da melhor idade. O alcance do PCMI ocorre mediante a formação dos denominados Clubes da Melhor Idade (CMI) e sua operacionalização fica a cargo da Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade (ABCMI-Nacional), representada em cada Estado do país pelas ABCMI's estaduais.

A idéia do PCMI reporta-se à visibilidade que o envelhecimento populacional – enquanto tendência demográfica observada não só no Brasil, mas praticamente, em todo mundo – tem alcançado, sobretudo, do ponto de vista numérico, quando o idoso passa a ser visto como um ator não mais ausente do conjunto de discursos produzidos. Ele se faz presente no debate sobre políticas públicas, nas interpelações dos políticos em momentos eleitorais e

até mesmo na definição de novos mercados de consumo e novas formas de lazer (DEBERT, 1999).

É relacionado a tal contexto que se difunde a expressão *terceira idade*, historicamente criada sob a chancela da implantação das políticas sociais na França, que difunde a imagem do velho bem-sucedido, o aposentado ativo, apto para experimentar um tempo de lazer e liberdade, colocando em evidência a valorização da “juventude” dos idosos, da sua ampliada sociabilidade e capacidade de consumo. É, então, a oportunidade para que sejam criados e oferecidos diversos produtos e serviços, onde possa estar circulando o dinheiro do aposentado, ainda que a realidade demonstre que isto é acessível apenas a uma parcela privilegiada, porém que, ideologicamente, transformou-se em um valor reproduzido por toda a sociedade (DEBERT, 1997).

No decorrer da pesquisa, defrontamo-nos com a escassa literatura acadêmica que discutisse a relação específica entre atividade turística e terceira idade, notadamente a nacional. A construção do marco teórico para a fundamentação do trabalho foi uma etapa de paciência e minúcia, revelando que no contexto nacional investigações envolvendo tal assunto são incipientes e reduzidas. Também não há dados sistematizados que contextualizem o desenvolvimento do PCMI.

Numa comparação entre o que se averiguou das literatura nacional e internacional, o turismo tem sido muito difundido como uma das mais viáveis possibilidades de lazer para a terceira idade, posto que se considera que a sua participação ativa em atividades turísticas e recreativas podem resultar tanto em uma melhoria da qualidade de vida, como no crescimento econômico de destinos turísticos, principalmente, com o aproveitamento de instalações e serviços durante a baixa temporada, o que permitiria, por exemplo, a geração de novos postos de emprego.

É essa idéia que baliza também a criação do PCMI, particularizado, entretanto, a partir da intenção de que tornar esse turismo (interno) acessível à terceira idade carente desta atividade de lazer.

A proposta do programa vai ao encontro de outras experiências equivalentes já adotadas anteriormente pela Embratur visando a democratização do turismo interno. Contudo, o que se observa é neste aspecto a proposta do PCMI esbarra em fragilidades diversas que interferem na maior participação das pessoas de cinquenta anos e mais em lazer turístico. Há um descompasso entre a débil situação financeira de uma parte, não pequena, de pessoas da terceira idade e os mecanismos de viabilização que o PCMI se propõe a acionar para tornar a atividade turística viável, o que perpassa pelo engajamento da iniciativa privada e institucional, além dos percalços da própria conjuntura socioeconômica brasileira. Esses fatores, concretos e reais, por que passa a grande maioria dos idosos brasileiros, inviabilizam, em parte, o tipo ou modelo de desenvolvimento turístico proposto pelo programa.

Nesse sentido, a pesquisa realizada partiu da idéia de se verificar em que medida o turismo, enquanto atividade de lazer priorizada na proposta do PCMI, contribui para melhorar a qualidade de vida de adultos idosos. Os parâmetros, para a compreensão de como se verificaria essa melhoria da qualidade de vida, basearam-se na dimensão subjetiva (subjacente à noção de qualidade de vida) advindas da percepção dos integrantes do programa congregados em CMI's face ao que apontaram comparativamente, em seus depoimentos, entre a sua vida atual e anteriormente ao engajamento no programa. Trabalhou-se com o CMI Fios de Prata localizado em São Luís do Maranhão, um dos três existentes nessa cidade.

Inicialmente, pode-se verificar que, segundo a percepção dos sujeitos, balizada por seus depoimentos, o engajamento no CMI conduziu a benefícios relevantes para suas vidas, destacando-se o convívio social, a melhoria da disposição e da saúde, a contribuição para a autonomia e independência, todos estes aspectos significativos relacionados à melhoria da qualidade de vida. Para homens e mulheres isto mostrou decorrer, prioritariamente, do sentido do *estar em grupo*, da convivência junto ao grupo experimentada ao longo dos encontros e reuniões regulares e da dinâmica das ações e atividades resultantes do envolvimento integrado do grupo.

As mulheres têm papel de destaque nos espaços do PCMI/CMI, quer seja na presença massiva, quer seja na gestão do programa e isto pode ser generalizado, uma vez que, tal como no Maranhão, essa situação é recorrente em outros locais do Brasil, onde o PCMI é presente. O desenvolvimento das pesquisas ao longo da elaboração desta dissertação deixou

isto bem claro, inclusive sendo um fato não descrito ou comentado na literatura internacional, diferentemente do contexto nacional, onde há registros e documentação do assunto.

A atividade turística, embora sendo a justificativa maior de criação do PCMI tem “*um efeito secundário*”, no dizer de uma das diretoras da ABCMI-MA, em face da convivência e amizade encontrada no grupo, posto que seu usufruto não é constante para todos os sujeitos investigados, consequência do condicionamento imposto por recursos financeiros insuficientes. Há um enfrentamento das suas próprias condições financeiras para a participação em turismo.

Este “enfrentamento” é, pois, traduzido na adoção de algumas estratégias para tal participação: empréstimo aos filhos, hospedagem na casa de parentes ou levar acompanhante quando há dificuldades de locomoção. Portanto, não só desejam como estão conscientes dos benefícios e desenvolvem formas alternativas de participação. Assim, os depoimentos permitiram constatar que o envolvimento com lazer turístico, quando possível de acontecer, oferece ganhos relevantes para os sujeitos, permeado pela heterogeneidade da relação motivação e benefícios advindos dessa participação, tais como alargamento do círculo de amizades, conhecimento de lugares novos/enriquecimento cultural e mesmo incidência sobre a melhoria da saúde.

A contribuição do PCMI para a inclusão do indivíduo de terceira idade na atividade turística, em face do exposto, é algo ainda esbarra em dificuldades. O PCMI não leva em muita conta as restrições econômicas da população que dele poderia participar, talvez por se preocupar mais em aquecer a atividade turística na época fraca. Contudo, é fato o grande desejo dos membros do clube em estar participando das viagens e as estratégias que desenvolvem para delas fazer parte

Ainda assim, a concretização desse intento é complexa para aqueles que não podem arcar com os custos desse tipo de lazer pela limitação de seus recursos financeiros, ou que dependem de uma organização financeira bastante rigorosa, o que diminui a frequência nas atividades de turismo oferecidas pelo programa.

As falas dos sujeitos que tomaram parte na pesquisa revelaram certo mosaico onde se encaixavam concepções similares em relação ao lazer turístico, coerentes em enfatizar

ganhos – adicionais – com a participação nas viagens organizadas. Essas brechas deixaram entrever que, essa satisfação poderia ser bem mais constante, ou com o dispêndio de mais recursos (uma contradição já que a vivem de aposentadoria) ou com a possibilidade de que o PCMI intensifique e maximize suas estratégias de atuação.

Nesse contexto, a análise dos dados indica que muito ainda necessita ser empreendido no âmbito do planejamento e execução do PCMI para que o processo da inclusão se desenvolva de maneira a trazer os benefícios reais, propostos ao segmento da terceira idade brasileira.

A socialização dos dados aqui levantados para os idosos, comunidade científica e entidades representativas, constitui instrumento de reforço e esforço na busca da compreensão do amplo campo de relação entre Turismo e Terceira Idade, na medida em que pode ser vislumbrada a grande necessidade de estudos e investigação em favor de tal relação.

Ilustrar os muitos aspectos que envolvem a temática é tarefa para vários estudos. A pretensão aqui, em especial, foi somar, a partir de uma situação e um ambiente específico, com as análises e discussões sobre Turismo e Terceira Idade contextualizadas na perspectiva de um programa de turismo (e da atividade turística), dos sujeitos que dele participam, de como percebem essa integração para suas vidas.

Chega-se ao final deste estudo enfatizando que, somente com relação ao PCMI e seus CMI's, ainda há muito que explorar e esclarecer, no Maranhão e no Brasil. Um interessante espaço para a compreensão do lazer e do turismo para terceira idade, de flagrante necessidade quanto à investigação e documentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMADANS, I., SOPENA, J. M., POL, E. Ócio-turístico de la gente maior e redes neuronales. In: 6º CONGRESO MUNDIAL DE ÓCIO: ocio e desarrollo humano. **Anais do...** Bilbao, Espanha, 2002.

ASSIS, M. et al. Repercussões de uma experiência de promoção da saúde no envelhecimento: análise preliminar a partir das percepções dos idosos. **Textos Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLUBES DA MELHOR IDADE. **Perfil dos associados da ABCMI**. Disponível em: <www.maturidade.org.br>. Acesso em: 22 novembro 2002.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1991.

BARROS, M. M. L. Antropóloga analisa situação de idosos sob a ótica dos próprios. **Comciência**. Disponível em: <www.comciencia.br/entrevistas/frameentr.htm>. Acesso em: 16 novembro 2002.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 2002.

BERQUÓ, E. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, A. L., DEBERT, G. G. (Orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1999 (Coleção Vivacidade).

BLANDING, C. Have pension, will travel. **Journal of Parks and Recreations**. USA, v. 28, n. 9, p. 72 - 75, sep. 1998. Abstracts.

BIRD, W. J. Africa and the plus 50s market. **Africa Travel Magazine**. Disponível em: <<http://www.africa-ata.org/seniors.htm>>. Acesso em 16 novembro 2002.

BOEING, A. Os idosos numa sociedade a “curto prazo”. **Associação de Educação Católica de São Paulo**. Disponível em <www.aec-sp.or.br> Acesso em: 10 julho 2003.

BUREAU INTERNACIONAL DU TOURISME SOCIAL. **Tourisme Social**. Disponível em: www.bitsint.org/main.asp?lang=es Acesso em: 20 março 2002.

BRASIL. **Decreto nº. 1948 de 3 de julho de 1996**. Regulamenta a Lei n. 8842 de 04 de janeiro de 1994 dispõe sobre a Política Nacional do idoso, e dá outras providências. MJ/Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, Brasília, 1998.

BRASIL. **Decreto-Lei nº. 55 de 18 de novembro de 1966.** Define a Política Nacional de Turismo e cria o Conselho Nacional de Turismo e a Embratur. Ministério do Turismo, 2003. Disponível em: <www.turismo.gov.br>. Acesso em 13 julho 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa do Idoso.** Disponível em: <www.saude.gov.br> Acesso em 20 julho 2003.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Turismo-EMBRATUR. **Manual Operacional - Clubes da Melhor Idade,** 1996

BRASIL. Instituto Brasileiro de Turismo-EMBRATUR. **Relatório de Gestão.** Rio de Janeiro, 2001.

BURNS, P. M. Turismo e antropologia: uma introdução. São Paulo: Chronos, 2002 (Coleção Tours).

BUTLER, R. N. Toward a definition of quality of life for an aging society. In: _____ (org.). **Symposium: the quality of life in old age: views from various cultural perspectives.** New York, NY: The International Longevity Center-USA, jun, 1997.

CALEGARI, K. C. **Lazer e aposentadoria: relações e significados.** 1997. 145 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1997.

CAMARANO, A. A. et al. Como vai o idoso brasileiro? **Textos para Discussão.** Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer.** São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

CAMAROTTI, M. Turismo descobre potencial da terceira idade. **Jornal do Comércio.** Recife, PE, 03 dez. 2000. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/_2000/0312/ec0312_17.htm>. Acesso em: 14 mar. 2001.

CASO, F. Terceira idade, a melhor idade pra cair no mundo. **Jornal da Tarde.** São Paulo, 22 de agosto de 1999. Disponível em: <www.jt.estadao.com.br/noticias/99/08/22/do9> Acesso em: 22 agosto 2001.

CASTELLI, G. **Turismo:** atividade marcante do século XX. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1990.

CLEAVER, M. Australian seniors' use of travel information sources: perceived usefulness of word-of-mouth, professional-advice, marketer-dominated and general-media information. **ANZMAC 2000 Visionary Marketing for the 21st Century.** Disponível em: <www.anzmac2000/cdsite/papers/c/cleaver1.pdf>. Acesso em: 09 janeiro 2003.

CLEAVER, M. MULLER, T. E. Testing the theoretical link between cognitive age and travel motives: a new way to segment the australasian senior tourism market? **ANZMAC 2000 Visionary Marketing for the 21st Century**, 1998.

COOPER, C. et al. **Turismo: princípios e práticas**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Do local ao global: O turismo litorâneo cearense**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CORIOLOANO, L. N. **Turismo de Terceira Idade** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <tdjcampos@yahoo.com.br> 18 de agosto de 2002.

CRISTOFOLI, A. R. **Humanismo latino e turismo religioso no Brasil**. Disponível em <<http://www.brasillatino.pro.br>> Acesso em 14 junho 2003.

CUNHA, L. **Economia e política do turismo**. Lisboa: McGraw –Hill, 1997.

DANTAS, P. Terceira idade deve ser grande filão do mercado. **Jornal do Comércio**. Recife, PE, 17 de julho de 2001. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/JC/>> Acesso em: 15 outubro 2001.

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n.º 34, p. 40 – 47, jun. 1997.

_____. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999.

DUMAZEDIER, J. **A revolução do tempo livre**. Tradução de Luiz. Octávio Lima Camargo e Marília Ansarah. São Paulo, SP: SESC / Nobel, 1994.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FERRARI, M. A. C. Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In: PAPALÉU NETO, M. (org.) **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 1998.

FERREIRA, C. et al. **Impacte sócio-econômico dos Programas Turismo Sênior e Saúde e Termalismo Sênior**. Portugal: INATEL/CDRU, 2001.

FLEISCHER, A. PIZAM, A. Travel Constraints among Israeli Seniors. **Annals of Tourism Research** . USA, v. 29(1), p.106-123, 2001.

FERNANDÉZ-BALLESTEROS, R. Quality of life: the differential conditions. **Psychology in Spain**, Autónoma University of Madrid, v. 2, n.1, p. 57-65, 1998. Disponível em: <www.psychologyinspain.com/content/full/1998/7frame>. Acesso em: 12 dezembro 2002.

FRANGIALLI, F. **A Organização Mundial de Turismo**. Madri, 2002. Declaração apresentada à 2ª Sessão da Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento. Disponível em: <<http://www.un.org/ageing/coverage/wtoF.htm>>. Acesso em: 18 janeiro 2003.

GARDIN, C., SILVA, T. F. **Agência de viagem: um atendimento diferenciado à melhor idade**. Disponível em <www.bte.com.br/download/Turismo/4631Arquivospdf> Acesso em: 10 julho 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1987.

GÓMEZ-VELA, M., SABEH, E. N. Calidad de vida: evolución del concepto y su influencia em la investigación e la práctica. **Universidad de Salamanca**. Disponível em: <www.3.usal.es/inico/investigacion/invesinico/calidad.htm> Acesso em: 15 fevereiro 2003.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOELDNER, C. R., RITCHIE, J. R. B., McINTOSH, R. W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOMES, R. A. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. (org) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GRAÇA, E. M. F. **Turismo em la tercera edad**. 2000. Disponível em: <www.ocio.deusto.es/formacion/ocio21> Acesso em: 11 janeiro 2003.

GRINOVER, P. **O poder da terceira idade** (Pesquisa Panorama Maturidade). Disponível em: <www.portaldafamilia.org/artigo/artigo132.shtml> Acesso em: 28 julho 2003.

GOULIAS, M. 12 dicas espertas para viajantes da melhor idade. **Próxima Viagem**. 2002. <http://www2.uol.com.br/proximaviagem/guia_ferias/032.shtml>. Acesso em 13 março 2003.

HARAHOSOU, Y. Ocio como potencial para el desarrollo personal y social de las personas de avanzada edad. In: CABEZA, M. C. (org.). **Ocio e desarrollo humano**. Bilbao, Espanha, 2000.

HONG, G. S., KIM, S. Y. LEE, J. Travel Expenditure Pattern of Elderly Households. **Tourism Recreation Research**, USA, v. 24(1), p. 43-52, 1999.

HORNEMAN, L. et al. Profilling the sênior traveler: an Australian perspective. **Journal of Travel Research**, vol. 41, p. 23-37, ago. 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais. IBGE: 2001**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 31 abril 2003.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

IWANOWICTZ, B. **O lazer do idoso e o desenvolvimento prosocial**. IN: BRUNHS, H. (org.). Temas sobre lazer. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

LÁPIZ. Enrique Fernández. **Tiempo libre y nuevas responsabilidades em los adultos mayores**. Universidad de Granada.. Disponível em: < www.redadultosmayores.com.ar/docsPDF.> Acesso em: 14 fevereiro 2003.

LENDZION, C. R. Envelhecimento e qualidade de vida. **Revista Pró-Saúde**. Curitiba, PR, v. 1, n. 1, 2002.

LIEUX, M. E., WEAVER, P. A., McCLEARY, K. W. Lodging preferences of the senior tourism market. **Annals of Tourism Research**, EUA, v. 21, n 4, 1994.

LUCK, I. **Turismo de terceira idade, oportunidades de negócios**. Instituto de Administração e Tecnologia. Disponível em:<www.admtec.org.br/seminariosanteriores>. Acesso em: 12 maio 2002.

McGUIRE, F. A. A Factor Analytic Study of Leisure Constraints in Advanced Adulthood. **Leisure Sciences**, v. 6, p. 313–326, 1984

McGUIRE, F. What do you know? Not much: the state of the leisure research. **Journal of Leisure Research**, v. 32, n 1, p. 97-100, 2000. (Ageline. Abstracts).

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas, SP: Papirus, 1983 (Coleção Fazer/Lazer).

MILLMAN, Ady. The impact of tourism and travel experience on senior travelers' psychological well-being. **Journal of Travel Research**, vol. 27, nov., 1998.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

MINAYO. M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOLETTA, V. F., LEYSER, K. **Turismo para terceira idade**. Porto Alegre, RS: SEBRAE, 1999.

MORAGAS, R. M. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida** São Paulo: Paulinas, 1997.

NERI, A. L. **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas, SP: Papirus, 1993 (Coleção Vivacidade).

_____. **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1999 (Coleção Vivacidade).

_____. Gerontologia estuda envelhecimento de forma global. **Comciência**. Disponível em: <www.comciencia.br/entrevistas/frameentr.htm>. Acesso em: 16 novembro 2002.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Temas de salud**. Disponível em: <http://www.who.int/health_topics/es/>. Acesso em: 24 novembro 2002.

OMT. Organização Mundial do Turismo. **Programa Nacional de Municipalização do Turismo: Guia para Organizadores Locais**, 1996.

OMT. Organização Mundial do Turismo. **Turismo: panorama 2020**. OMT: Madri, 1999.

PARRAGUEZ, P. O., ABIN, S. H. Propuesta para um espacio de ócio para las personas mayores. In: 6º CONGRESO MUNDIAL DE ÓCIO: ócio e desarrollo humano. **Anais do...** Bilbao, Espanha, 2002

PESCE JR., J. G. Oficina de integração – Maranhão. **Instituto Brasileiro de Turismo – Embratur**. Programa Clubes da Melhor Idade. São Luís, MA, 2000. (mineo.).

QUADROS, D. Turismo voltado à terceira idade: uma opção de lazer. **CEFID/UDESC**, Florianópolis, SC, 1998. Disponível em: <www.udesc.br/cefid/pos/gero/denise_quadros> Acesso em: 10 julho 2003.

RODRIGUES, A. B. **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, A. I. **Alguns contributos para uma reflexão sobre o estudo do Turismo e da Comunicação**. Instituto Politécnico de Beja, Portugal, 2001.

RODRIGUES, N. C. Situação social do velho em diferentes épocas e sociedades. In: SHONS, C. M., PALMA, L. T. S. (orgs.). **Conversando com Nara Costa Rodrigues sobre gerontologia social**. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2000.

ROMSA, G., BLENMAN, M. Vacation patterns of the elderly german. **Annals of Tourism Research**. USA, v. 16, p. 178 – 186, 1989.

ROSA, J. A. M. **Turismo social: um estudo de caso na Costa da Lagoa Florianópolis/SC** Universidade Federal de Santa Catarina, 2002

ROSS, G. F. **Psicologia do turismo**. São Paulo: Contexto, 2001.

RUSKIN, H. Como puede la educación del ocio contribuir al desarrollo humano?. In: CABEZA, M. C. (org.). **Ocio e desarrollo humano**. Bilbao, Espanha, 2000.

SALGADO M. A. **Mitos e preconceitos sócio-culturais com a velhice**: responsabilidade do trabalho social (Curso de Gerontologia Social/UFMA, 1996).

SANTANA, J. A. **A influência da migração no processo de envelhecimento populacional das regiões de planejamento do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte, MG, 2002. Dissertação (Mestrado). UFMG/CEDEPLAR.

SANTOS, G. C. **Estrutura e organização de trabalhos técnico-científicos**. Faculdade de Educação, Unicamp. Disponível em <[www.bibli.fae.unicamp/trabtc/1](http://www.bibli.fae.unicamp.br/trabtc/1)> Acesso em 15 julho 2003.

SCOTT, P. R. Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vida? **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v.5, n.8, p.61-72. 2001

SESC. Serviço Social do Comércio. **Voluntariado e terceira idade**. São Paulo: SESC, 2002. Disponível em: <www.portaldovoluntario.org.br> Acesso em 20 julho 2003.

SIAS. Servizio Italiano Assistenza Sociale. **Turismo para terceira idade representa 10% do faturamento das operadoras**. Disponível em: <http://mcl-sias.org.br/sias/sias_port_frm.html> Acesso em: 28 abril 2003.

SILVA, F. S. S. **O comportamento psicossocial do turista na terceira idade**. São Paulo, SP, 1998. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicação e Arte, USP.

STREY, M. N., PREHN, D., MATTOS, F. **O trabalho e a mulher da terceira idade**. Disponível em: <www.copsa.cop.es/base/social/soct56>. Acesso em: 14 junho 2002.

TEDRICK, R., MCGUIRE, F. Envejecer em el país de Ulises. Desarrollo humano e ocio. In: CABEZA, M. C. (org.). **Ocio e desarrollo humano**. Bilbao, Espanha, 2000.

TIA. Travel Industry Association of America. **The Mature Traveler: 2000 edition**, 2000

TRIGO, L. G. G. **Turismo básico**. São Paulo: SENAC, 1995.

_____. **Turismo e qualidade tendências contemporâneas**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

VAZ, G. N. **Marketing turístico – receptivo e emissivo**: um roteiro estratégico para projetos mercadológicos públicos e privados. São Paulo: Pioneira, 1999.

VIGUERA, V. **Calidad de vida y envejecimiento**. Disponível na web <www.psicomundo.com/tiempo/cvepe2/clase2.htm> Acesso em: 18 dezembro 2002.

VON SIMSON, O. R. de M. **Roteiro didático – Laboratório de História Oral**. CMU/Unicamp. Disponível em: <www.unicamp.br/suarq/cmu/laho/roteiro>. Acesso em: 07 março 2003.

WAHAB, S. E. **Administração do Turismo:** teoria e prática. São Paulo: Pioneira, 1991.

ZIMMER, Z., BRAYLEY, R. E., SEARLE, M. S. Whether to go and where to go: identification of important influences on seniors' decision to travel. **Journal of Travel Research.** USA, v. 33(3), p. 3–10, 1995.

ANEXOS

ANEXO I: Perfil Sócio-demográfico dos sujeitos

VARIÁVEIS	SUJEITOS					
	OLINDA	ALCÂNTARA	OURO PRETO	SALVADOR	ÍTACA	POMPÉIA
SEXO	F	F	M	M	F	F
IDADE	76	78	74	75	58	73
PROCEDÊNCIA	Interior – MA	Interior – MA	Interior – PB	Interior – MA	Interior – MA	Interior – MA
ESTADO CIVIL	Viúva	Viúva	Desquitado	Casado	Separada	Casada
ESCOLARIDADE	2º grau completo	1º grau completo	2ª grau completo	1º grau completo	1º grau incompleto	2ª grau incompleto
PROFISSÃO	Funcionário público municipal	Trabalho no lar	Fotógrafo	Torneiro mecânico Funcionário público estadual	Costureira	Costureira / comerciante
OCUPAÇÃO ATUAL	Trabalho voluntário	Do lar	-	-	Do lar	Artesã
SITUAÇÃO PREVIDENCIÁRIA	Aposentada	Pensionista	Aposentado	Aposentado	Aposentada	Aposentada
TIPO/CONDIÇÃO DE MORADIA	Casa própria	Casa própria	Casa do irmão	Casa própria	Apartamento próprio	Casa própria
SITUAÇÃO DE CONVIVÊNCIA	Com filhos	Com filha e tia	Com irmão e filha	Cônjuge	Sozinha	Cônjuge e neto
RENDA	1 s/m	1 a 3 s/m	3 a 5 s/m	10 a 20 s/m	1 s/m	1 s/m
SAÚDE	Regular	Boa	Regular	Muito boa	Muito boa	Regular

ANEXO II: Modelo de arquivo organizado a partir dos depoimentos dos sujeitos

CATEGORIAS	SUJEITO
	Alcântara: Pensionista, dona de casa, 78 anos, viúva, 1º grau incompleto, morando com a filha única e uma tia deficiente física.
Lazer antes do PCMI	<i>Antes de eu vir pra cá não tinha nada. Só igreja. Agora igreja eu ia muito, na periferia e aí a gente via quem era batizado, que não era casado, a gente batizava, casava, porque formava ali dava um compadre, aí a gente fazia festa, fazia aqueles casamentos, aquelas coisas, então meu movimento todo era dentro da igreja. Depois eu fui ser ministra da eucaristia e que me casei, que ele não ia em parte nenhuma aí eu botei ele em atividade dentro da igreja depois então foi que, aí era a igreja e aqui, aí eu fiquei apertada, mas eu fazia tudo o que tinha que fazer, até os cursos que apareciam aqui que a gente botava; tinha era muito curso no meu tempo.</i>
Motivo para participar do CMI	<i>Me chamaram para mim dar umas cestas pruns velhinhos, pra mim participar também e ganhar essas cestas. Eu vim, aí a gente fez uma comemoração, e falou e tudo, aí a gente cantou e ele me perguntou o que que a gente queria, se deixasse só naquilo pra ganhar todo ano ou então o que que nós queríamos pra fazer um grupo. Aí eu disse que eu queria pra fazer um grupo.</i>
Objetivo percebido do PCMI	<i>Elas disseram que a gente tinha muito a crescer mais, quem nunca tinha saído de casa ia viajar, e quem quisesse, né? Porque agora muita gente já saiu do fogão, como dizem, porque o pessoal vivia completamente... ainda vive ligado, quando eles terminam aqui, muita gente? Termina aqui, vai embora diz que vai fazer cumê. E nós temos, tempo pra tudo, lá quando chegamos, minha filha me acompanhava, então nós chegamos aqui é que nós vamos fazer as coisas e dá tudo certo.</i>
Significado de participar do CMI/PCMI	<i>Eu achei melhor, porque eu vou dizer uma coisa, a gente é vista, aí pra fora, quer dizer já tem a Feira da ABCMI, aí já o nome da gente, onde a gente anda, ah, tu vieste e tal, e tal... Quer dizer que a gente é bem vista, né? Por onde anda.</i>
Motivos e benefícios buscados com o lazer turístico	<i>Porque eu me sinto bem. Não tomo um remédio! Se eu tiver tomando remédio, até me esqueço. Dizem leva isso, leva isso, leva isso, hein, hein, eu vou levar, mas não pego um! E fico mais de mês sem ter nem dor de cabeça quando eu viajo. Não sinto nada. Esqueço de tomar remédio, que a gente dorme, que a gente tá cansado, nada disso..</i>
Satisfação geral com o lazer turístico	<i>Foram muito boas. Essa última, nós íamos em dezembro, aí já tava tudo pago,né? Aí elas disseram assim vocês não querem deixar pra maio? Vocês ficam pagando mais uma pequena coisa até maio e pra irem no Congresso, mas sendo assim vocês...aí eu imaginei logo, pronto, lá não vou conhecer Fortaleza, mas foi ao contrário, porque a gente só foi nas coisas mesmo necessárias de lá e depois tudo era passeio. E quando a gente chegava não tava cansado. Sabe o que nós fazíamos? Banhava de novo e ia sair, não se incomodava, não tinha hora pra gente. Que hora que é pra tá aqui? Tal hora, 2h, então nós saía de manhã e só chegava na horinha de ir. Nós não cansava não!</i> <i>Eu me sinto muito bem, porque a gente viajando, sei lá parece que é uma terapia, sei lá uma música que a gente se sente muito bem, eu gosto de viajar.</i>
Perfil de turista	<i>Todas. Eu não tenho hora pra dormir, eu pelo menos agora que eu to gozando, porque quando eu era presidente, eu gostava das coisas assim certas. A gente ia de manhã, agora que já mudou, e só voltava de noite pra casa. A gente almoçava por lá mesmo e tudo. Mas agora que a gente tá indo e pra quem não tá que a presidência que tem que tá em reunião, já nós vamos é passear. Era justamente isso que eu não fazia e eu não gostava.</i>
Organização financeira para fazer viagens turísticas	<i>Ah, minha filha, se for assim em cima da hora não dá, porque eu tenho que levar minha filha. Eu não levava minha filha, ia sozinha, por isso é que eu sofria muito. Ave Maria, só faltava era morrer porque eu quando descia do ônibus, já não tinha mais leite, já não tinha mais nada, eu tinha que tomar só água, eu não como, eu não tomo assim certas coisas.</i> <i>Com o dinheiro da pensão. Aí, eu vejo como é que vai ser, aí eu pergunto pra elas, fico pagando por mês.</i>

ANEXO III – Ficha de Identificação Sócio-demográfica



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM GERONTOLOGIA

Pesquisa: LAZER E TURISMO PARA TERCEIRA IDADE

Orientação: Prof.^a Dr.^a Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Co-orientação: Prof.^a Dr.^a Margarita Barretto

Mestranda: Terezinha de Jesus Campos (Unicamp – Registro Acadêmico N.º 005303)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

Cidade: São Luís – Maranhão Data: _____

Nome: _____

Nome do Clube: _____

- ☐ Objetivo: Identificar o perfil sócio-demográfico dos participantes dos Clubes da Melhor Idade.

1. CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS	
Perguntas	Respostas
Sexo	☐ Feminino ☐ Masculino
Procedência	Cidade _____ ☐ Zona Urbana ☐ Zona Rural Estado _____
Idade	_____ anos ☐ Não respondeu
Escolaridade	☐ 1º grau completo ☐ 1º grau incompleto ☐ 2º grau completo ☐ 2º grau incompleto ☐ 3º grau completo ☐ 3º grau incompleto ☐ Alfabetizado ☐ Nunca estudou
Estado Civil	☐ Solteiro (a) ☐ Casado (a)

	☐ Viúvo (a) ☐ Divorciado (a) ☐ Desquitado (a) ☐ Outro
2. TRABALHO	
Perguntas	Respostas
Profissão	_____
Ocupação que exerce atualmente	_____
Situação previdenciária	☐ Aposentado (a) ☐ Pensionista ☐ Outro _____
Renda	☐ Sem renda ☐ Menos de 1 salário mínimo (SM) ☐ 1 SM ☐ 1 a 3 SM ☐ 3 a 5 SM ☐ 5 a 10 SM ☐ Mais de 10 SM
3. CARACTERÍSTICAS DOMICILIARES	
Perguntas	Respostas
Tipo de domicílio	☐ Casa ☐ Apartamento ☐ Instituição ☐ Outro _____
Condição de habitação	☐ Própria ☐ Alugada ☐ Cedida ☐ Outro _____
Com quem mora	☐ Sozinho (a) ☐ Cônjuge ☐ Cônjuge e filhos ☐ Cônjuge, filhos e netos ☐ Filhos ☐ Família e filhos ☐ Amigos ☐ Outros parentes
4. SAÚDE	
Perguntas	Respostas
Avalia a saúde como	☐ Muito boa ☐ Boa ☐ Regular ☐ Ruim

ANEXO IV – Roteiro de Entrevista

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM GERONTOLOGIA**

Pesquisa: LAZER, TURISMO E TERCEIRA IDADE

Orientação: Prof^ª. Dr.^a Olga Rodrigues de Moraes von Simson
Co-orientação: Prof^ª. Dr.^a Margarita Barretto
Mestranda: Terezinha de Jesus Campos (Unicamp – Registro Acadêmico N.º 005303)

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Cidade: São Luís – Maranhão **Data:** _____

Nome: _____

Nome do Clube: _____

1ª PARTE

Objetivos: Conhecer o significado de participar do PCMI, segundo seus usuários.

✓ **Do tempo de participação, forma de engajamento no Clube da Melhor Idade e conhecimento dos objetivos do PCMI.**

- a) Há quanto tempo participa do Clube da Melhor Idade?
- b) Como tomou conhecimento do CMI e do Programa?
- c) O que considera ser os objetivos do PCMI?

✓ **Da motivação para participar do Clube da Melhor Idade**

- a) Por qual motivo resolveu participar do Clube da Melhor Idade/PCMI?

✓ **Das atividades realizadas no tempo livre antes de participar do Clube da Melhor Idade/PCMI e os tipos.**

- a) Que atividades de lazer realizava no seu tempo livre antes de participar do Clube?
- b) Quais eram essas atividades (se afirmativo)?

✓ **Das atividades realizadas no Clube da Melhor Idade/PCMI, das preferências e satisfação em realizá-las.**

- a) Que atividades realiza atualmente no Clube da Melhor Idade/PCMI?
- b) Qual (is) a (s) preferida (s)?
- c) Está satisfeito com essas atividades?
- d) De qual (is) atividade (s) não participa, mas gostaria de participar?

✓ **Do significado de participar do Clube da Melhor Idade/PCMI.**

- a) De uma forma geral, qual o significado de participar do Clube da Melhor Idade/PCMI?

2ª PARTE

Objetivo: Analisar a contribuição do turismo, enquanto atividade de lazer priorizada na proposta do PCMI, na promoção de qualidade de vida de seu público-alvo, segundo a visão dos próprios usuários.

✓ **Do significado de participar das viagens turísticas promovidas pela ABCMI/PCMI**

- a) Participa das atividades de turismo (viagens turísticas) promovidas pela ABCMI/PCMI?
- b) De quantas viagens já participou?
- c) Se participa, quais os motivos e os benefícios que procura ao participar das viagens?
- d) Do que mais gosta de ver e fazer nas viagens?
- e) Como se organiza financeiramente para fazer turismo?
- f) O que mais gosta nas viagens?
- g) Como era viajar antes do engajamento no PCMI/CMI?

✓ **Do significado global de participar das viagens turísticas promovidas pela ABCMI/PCMI**

- a) De uma forma geral, qual o significado de participar das viagens turísticas promovidas pela ABCMI/PCMI?

ANEXO V – Programação da ABCMI/PCMI – 2003 e 2004

Agenda do Trabalho do Programa Clube da Melhor Idade - 2003

Mês de Julho * 20 de julho - DIA INTERNACIONAL DOS AMIGOS, FESTA - Festa em todos os Clubes do Brasil, em Homenagem aos "Amigos da Melhor Idade", com apoio da ABCMIS e CMIS. * 26 de julho - DIA DOS AVÔS “ADOTE UM AVÔ” Fraternidade de Pessoas Idosas, comemorações em todo o Brasil, com apoio da ABCMIS e CMIS.
Mês de Agosto * 11 a 14 de agosto - III MERCOSETI, em Brasília, DF, Hotel Blue Tree Park Alvorada. Promoção: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e IDS - Instituto de Desenvolvimento Sustentável.
Mês de Setembro * 24 a 28 de setembro - 8º CONGRESSO BRASILEIRO DOS CLUBES DA MELHOR IDADE, 1º ENCONTRO DE TURISMO SENIOR DAS AMÉRICAS, em Bonito/MS, ABCMI-NACIONAL, com apoio da ASSOCIAÇÕES DE ADULTO MAYOR DE PAISES DAS AMÉRICAS. * 27 de setembro - DIA NACIONAL DO IDOSO - DIA MUNDIAL DO TURISMO “VIDA, DIGNIDADE E ESPERANÇA“, comemorações em todo o Brasil, ABCMIS e CMIS.
Mês de Outubro * 01 de outubro - DIA INTERNACIONAL DO IDOSO “IDOSO, CIDADÃO DO MUNDO”, comemorações em todo o Brasil, ABCMI e CMIS.
Mês de Novembro * 20 a 23 de novembro - 4ª EXPO EMOCIONES, 4º. Encontro de Adultos Mayores do MERCOSUL III, Conferência Sobre Qualidade de Vida, 4º Encontro de Duas Gerações / Festa Nacional dos Avôs, 1ª FERIA DE PRODUCTOS Y SERVICIOS NACIONALES E DEL MERCOSUL PARA ADULTOS MAYORES IDOSO, DIA MUNDIAL DE TURISMO, em ASSUNÇÃO/PARAGUAI, Fundaçõn Emociones (Paraguay) e ABCMI-NACIONAL (Brasil, com apoio do Ministério do Turismo do Paraguai e Câmara de Deputados do Paraguai. * 28 de novembro - DIA NACIONAL DE AÇÃO DE GRAÇAS, comemorações em todo Brasil, ABCMI E CMIS.
Mês de Dezembro * 01 a 14 e 16 a 19 de dezembro - NATAL SOLIDÁRIO DOS CLUBES DA MELHOR IDADE, Campanhas/Festas em todos os Clubes da Melhor Idade, em todo Brasil, CMIS. * 15 a 20 de dezembro - NATAL SOLIDÁRIO NAS ABCMIs, Campanhas/Festas promovidas pela ABCMI-Nacional e ABCMIS - Estaduais, em todo Brasil, ABCMIS. * 25 de dezembro - DIA DE NATAL, comemorações em todo Brasil, ABCMIS e CMIS. * 31 de dezembro - GRANDE REVEILLON DA MELHOR IDADE, comemorações em todo Brasil, ABCMIS e CMIS

Fonte: Site ABCMI (www.melhoridade.org.br)

Agenda do Trabalho do Programa Clube da Melhor Idade - 2004

Mês de Maio * VII ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DA MELHOR IDADE / TURISMO SÊNIOR em

PORTUGAL, com apoio da INATEL (Portugal)Em negociação, e ABCMI-Nacional (Brasil).
1º SEMESTRE ENCONTROS ESTADUAIS DOS CLUBES DA MELHOR IDADE, em todo o Brasil, com apoio das ABCMIS E CMIS.
2º SEMESTRE ENCONTROS REGIONAIS: NORTE, NORDESTE, SUDESTE, SUL E CENTRO-OESTE DOS CLUBES DA MELHOR IDADE, em todo o Brasil, ABCMIS E CMIS.
Mês de Setembro * 2º ENCONTRO DE TURISMO SENIOR DAS AMÉRICAS, 2ª FEIRA DE PRODUCTOS Y SERVICIOS NACIONALES E DEL MERCOSUL PARA EL ADULTO MAYOR, A SER DEFINIDO, ABCMI-NACIONAL (Brasil), INATEL (Portugal), FUNDACION EMOCIONES (Paraguay), ASOCIACIONES DE ADULTO MAYOR DE ARGENTINA, CHILE, BOLIVIA, PERU ETC... * 27 de setembro a 01 de outubro - DIA NACIONAL DO IDOSO, DIA MUNDIAL DO TURISMO, DIA INTERNACIONAL DO IDOSO, comemorações em todo Brasil, ABCMIS (NACIONAL E ESTADUAIS).
Mês de outubro * 12 de outubro - FESTA DAS AMÉRICAS, na América do Sul, ASSOCIACIONES DE ADULTO MAYOR e ABCMI-NACIONAL.
Mês de Novembro * 28 de novembro - DIA MUNDIAL DE AÇÕES DE GRAÇAS, comemorações em todo Brasil, ABCMI-NACIONAL, ABCMIS-ESTADUAIS e CLUBES DA MELHOR IDADE.
Mês de Dezembro * CONFRATENIZAÇÕES NATALINAS, em todo Brasil, ABCMI-NACIONAL, ABCMIS-ESTADUAIS e CLUBES DA MELHOR IDADE. * 31 de dezembro - FELIZ REVEILLON DA MELHOR IDADE, comemorações em todo Brasil, ABCMI e CLUBES DA MELHOR IDADE

Fonte: Site ABCMI (www.melhoridade.org.br)